

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA

Roberta Roos

**WEBTELEJORNALISMO UNIVERSITÁRIO:  
ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS E DISCURSIVAS**

Santa Maria, RS, Brasil  
2019

**Roberta Roos**

**WEBTELEJORNALISMO UNIVERSITÁRIO: ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS  
E DISCURSIVAS**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, Linha de Pesquisa Mídia e Estratégias Comunicacionais, da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Comunicação.

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Lília Dias de Castro**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2019**

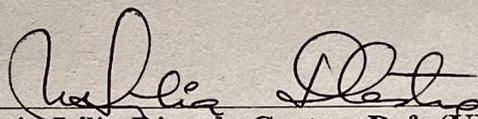
**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Tese de Doutorado**

**WEBTELEJORNALISMO UNIVERSITÁRIO: ESTRATÉGIAS  
COMUNICACIONAIS E DISCURSIVAS**

elaborada por  
**ROBERTA ROOS THIER**

Como requisito parcial para obtenção do título de  
**Doutora em Comunicação**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

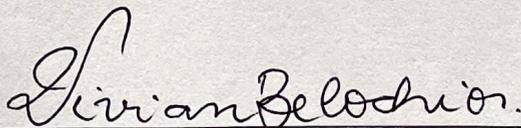


**Maria Lília Dias de Castro, Dr.<sup>a</sup>. (UFSM)**

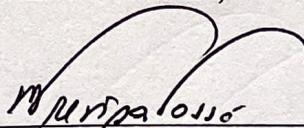
Orientadora



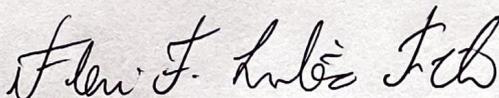
**Cárilda Emerim, Dr.<sup>a</sup>. (UFSC)**



**Vivian de Carvalho Belochio, Dr.<sup>a</sup>. (UNIPAMPA)**



**Maria Ivete Trevisan Fossá, Dr.<sup>a</sup>. (UFSM)**



**Flavi Ferreira Lisboa Filho, Dr. (UFSM)**

Santa Maria, 11 de janeiro de 2019.

*Dedico este estudo para Júlia e Lucas.  
A vocês quero deixar meus melhores  
exemplos de educação e amor.*

## **AGRADECIMENTOS**

É chegada a hora de olhar para trás e recapitular cada momento desta grandiosa e inesquecível experiência, já que o ponto que coloco aqui, não será final, prefiro apostar nas reticências, agradecendo pela conquista de hoje e olhando para o futuro, pois há ainda muito caminho a seguir.

Não tem como chegar até aqui e não relembrar o início de minha trajetória acadêmica, quando ao defender o TCC de minha primeira graduação, o inesquecível professor Benami Bacaltchuk, me incentivou como ninguém a seguir para o mestrado. Dizia ele, que eu já havia feito parte de uma dissertação e tinha muito perfil para docência. Naquela época, achei que ele era louco ou estava apostando na pessoa errada. Pois eu, naquele momento, estava desbravando o mundo televisivo, como repórter da emissora da Universidade de Passo Fundo e acreditava em uma essência muito mais prática do que teórica.

Quando as inscrições para o mestrado em Educação abriram, senti que precisava atender a esse chamado e resolvi tentar a seleção, sem muita crença na aprovação e já preparada para dizer ao professor Benami: "viu como eu não servia para essas coisas!". Para minha surpresa, fui aprovada e cursei os dois anos do mestrado, ao mesmo tempo em que fazia a segunda graduação em Jornalismo e trabalhava como uma louca na TV. Venci... e quando percebi, já era Mestre. Ainda não sabia muito o que fazer com aquele título, já que o que eu gostava mesmo era de trabalhar em rádio e em TV. E não é que, pouco tempo depois, abriu um concurso para a Universidade Federal do Pampa, próxima da cidade onde minha família reside, justamente para uma vaga na área de rádio e televisão?!? Senti novamente um chamado e fiz, pela primeira vez, um concurso federal para docência. A Unipampa estava começando a se estruturar e os cursos de comunicação tinham necessidade de um professor com as minhas aptidões de mercado em mídias eletrônicas. Experiência docente, nenhuma... mas muita vontade de desbravar aquele novo desafio, já previsto pelo professor Benami! Meu eterno agradecimento a este professor inesquecível, que marcou profundamente minha vida.

Em 2008 iniciou minha carreira docente e sinto como se eu já fizesse parte deste universo desde sempre. Sou realizada nessa profissão, que me enche de orgulho e motivação para seguir estudando. Em 2015, ingressei no doutorado em

comunicação na Universidade Federal de Santa Maria. E esta tese, nasceu e cresceu juntamente com meu filho mais novo, Lucas.

Quando participei da seleção, também não acreditava na aprovação, pois fiz a entrevista grávida de sete meses. Mas a moça teimosa é assim... fui contra todas as opiniões e palpites, que tentavam me desestimular, pois eu sentia, mais uma vez, que essa seria a minha chance de ingressar no doutorado e na universidade que eu queria! E assim foi, à minha espera, na sala de entrevista estava a professora Maria Lília Dias de Castro, que com muita sensibilidade e experiência me escolheu para ser sua orientanda. Minha grande gratidão a esta professora que teve muita paciência e respeito à minha condição e ao meu tempo, desde o princípio, enquanto eu dividia os horários de aula com as mamadas ao meu filho recém-nascido prematuramente, até agora com minhas complicadas logísticas para conseguir frequentar as orientações em Porto Alegre. Obrigada pelo teu acolhimento, pela forte exigência e pelo olhar atento a cada palavra do meu trabalho. Estendo meu carinho também à querida Anita, que deixou os dias de orientação mais prazerosos, com suas gentilezas e comidinhas gostosas!

A Unipampa me apresentou a pessoas que marcaram profundamente minha trajetória acadêmica e minha vida. Em minha banca do concurso para professora da Unipampa, uma das avaliadoras foi a professora Cárilda Emerim. Ela sempre foi muito mais que uma colega, como diretora do campus me ensinou os caminhos, as regras e a importância de se doar ao máximo em tudo que faz. Como colega me encorajou, estimulou e me proporcionou muitos momentos de aprendizado. Agora, a professora Cárilda, que atua na Universidade Federal de Santa Catarina e que acompanhou o nascimento de minha carreira docente, está presente para avaliar mais uma etapa de minha evolução acadêmica. Muito bom poder contar com seu conhecimento!

Aproveito aqui para agradecer, também, à equipe do TJ UFSC, principalmente à turma de alunos de 2017, à professora Cárilda e ao professor Antonio Brasil pela acolhida e apoio no desenvolvimento deste trabalho.

Meu agradecimento ao professor Flavi, que aceitou o convite para integrar a banca desta tese. Gostaria de dizer que jamais esquecerei o seu apoio e parceria, enquanto fomos colegas na Unipampa. Juntos fizemos projetos, viagens, recebemos prêmios...aprendi muito e me diverti mais ainda. Tê-lo também, nesse momento, é uma imensa alegria.

A universidade foi crescendo e trazendo pessoas fortes e bem preparadas para dividir com a gente os desafios de uma instituição, que ainda estava se estruturando. Uma dessas pessoas é a professora Vivian Belochio, uma das grandes incentivadoras do tema do meu projeto de doutorado. Com toda sua experiência me ajudou a estruturar, organizar e me fortalecer enquanto pesquisadora. Mais uma pessoa que acompanhou um dos meus inícios (neste caso, o ingresso no doutorado) e hoje participa da finalização desta caminhada. É muito significativo para mim tê-la presente neste momento.

Quero agradecer à Universidade Federal do Pampa e aos colegas que me proporcionaram esses anos de estudo, de amadurecimento e aperfeiçoamento acadêmico. Em especial aos amigos, que estiveram sempre ao meu lado: Joseline Pippi, Sara Feitosa, Mara Ribeiro, Alexandre Augusti, Marco Bonito, Juliana Salbego, Marcelo Rocha, João Antônio Gomes Pereira, Merli Leal Silva, Gabriel Sausen Feil e Fernando Santor. À vocês todo meu carinho e admiração.

Meu agradecimento de todo coração à querida e inesquecível equipe do projeto Pampa News, formada por técnicos, pela professora Sara e pelos mais de 50 acadêmicos que passaram por essa experiência. Em especial meu carinho aos queridos editores-chefe Caroline Rossasi e Rafael Junckes (pioneiros e precursores desta aventura), Fábio Giacomelli e Fahen Carvalho. A dedicação e o amor de vocês marcou a história do PN e me motiva constantemente a seguir.

Minha gratidão à Universidade Federal de Santa Maria, que possibilitou minha qualificação docente, neste conceituado programa de Pós-graduação em Comunicação. Obrigada a todos os docentes do programa, em especial à professora Ivete Fossá, que me auxiliou no início do projeto, apostando nas minhas escolhas e me trazendo confiança para seguir em frente. É uma grande alegria tê-la como avaliadora. À professora Eugênia Barrichelo, sempre atenciosa com meu trabalho e com minhas solicitações, me ajudou muito na banca de qualificação. E à professora Elisabeth Bastos, que me trouxe significativos aprendizados, principalmente, sobre a semiótica discursiva. Sua vasta experiência e conhecimento são uma grande referência para mim, obrigada por tudo!

Depois de descrita a trajetória profissional que me trouxe até aqui e os influenciadores dela, venho nessas breves linhas tentar expressar os meus melhores sentimentos pelas pessoas que possibilitam que meus sonhos se realizem, independente de serem profissionais ou pessoais.

Em primeiro lugar em meu coração estão a Júlia e o Lucas, são eles que bagunçam os meus dias e minhas noites, me fazem correr como louca, me desestruturam e ao mesmo tempo me reinventam, me ensinam e me trazem as melhores recompensas que podem existir. Tudo é superado com os sorrisos mais puros e doces que já conheci. Cada esforço, cada batalha que enfrento, vocês dois são minha principal motivação. Obrigada, filhos amados, por me apresentarem ao sentimento de amor mais lindo e verdadeiro!

Ao Christian, que mais do que um marido foi um grande companheiro e incentivador de minhas batalhas profissionais. Sempre apoiou as escolhas e entendeu as renúncias que fiz. As conquistas são nossas, pois dividimos o cuidado e amparo aos nossos filhos, à nossa casa, aos nossos familiares, aos nossos trabalhos... e tudo isso baseado no amor e na admiração. Meu agradecimento especial a ti, meu amor!

Aos meus pais, Roger e Rejane, devo tudo que alcancei para chegar até aqui. Foram sempre incansáveis e presentes. Obrigada por valorizarem meu estudo e meus desejos, por insistirem e não me deixarem desistir, por me acompanharem nos momentos difíceis, por cuidarem dos meus filhos como ninguém, por terem oportunizado toda a minha formação, por manterem nossa família unida, por cada pensamento positivo e oração, pelas mais sinceras palavras de conforto e coragem. Vocês são meus melhores exemplos de persistência, bondade, respeito e amor. Essa vitória é nossa, mais uma vez!

Tantas pessoas especiais fizeram parte deste processo, de diversas formas, seja auxiliando meus filhos enquanto eu estudava, me oferecendo uma palavra amiga, um pensamento positivo, uma oração, um chazinho, um pãozinho e muita amizade. Tenho muito a agradecer a todos vocês, em especial à minha fiel ajudante Lisandra (nossa Ia), à amiga Ellen, aos meus queridos vizinhos Magali e Fernando, à querida teacher Lígia Rosso, aos meus irmãos Roger e Reges, às minhas cunhadas Dani e Débora, à minha segunda mãe tia Maíca e a amiga Michele, que me hospedou tantas vezes e deixou minhas idas à Porto Alegre muito mais prazerosas!

Para finalizar, agradeço à Deus por me oportunizar, nesta existência, chegar até aqui nos estudos e no trabalho, pela chance de conviver com pessoas tão especiais, pela família maravilhosa que me concedeu, e pela fé que tenho em meu coração, que me faz acreditar acima de tudo no amor!

*"Embora ninguém possa voltar atrás  
e fazer um novo começo,  
qualquer um pode começar agora  
e fazer um novo fim".*

*(Chico Xavier)*

## RESUMO

### WEBTELEJORNALISMO UNIVERSITÁRIO: ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS E DISCURSIVAS

AUTORA: Roberta Roos

ORIENTADORA: Maria Lília Dias de Castro

A expansão da web vem acarretando transformações no telejornalismo que, além disso, tem enfrentado novos paradigmas técnicos e mudanças nos formatos praticados. Frente a essa realidade, situa-se também o telejornalismo universitário, que antes ficava restrito à sala de aula e hoje pode ser visto por pessoas no mundo inteiro. A partir dessa questão, o presente estudo tem, como **tema**, a interface telejornalismo / produção universitária, com o **objetivo geral** de analisar os telejornais universitários na web, em regiões com ou sem televisão local, para compreender a configuração estratégica que assumem no processo midiático. Como **objetivos específicos** estão a verificação da inserção do telejornalismo universitário na web, no contexto da produção em telejornalismo no Brasil; a compreensão do nível de pertencimento do telejornalismo universitário na web, à luz das escolhas teóricas; o exame do espaço discursivo ocupado pelos telejornais universitários exibidos e compartilhados via web; a análise dos elementos constitutivos dos textos veiculados nos programas Pampa News e TJ UFSC; e a identificação das estratégias mais recorrentes desses dois programas. Nessa construção, o **percurso teórico metodológico** fundou-se nos princípios da teoria semiótica, desenvolvida por Greimas e complementada por seus seguidores, e na proposição metodológica desenvolvida pelo grupo de pesquisa Comunicação Televisual (COMTV), que faz referência aos três níveis de análise reconhecidos nos programas: paratextualidade, referente ao entorno do objeto empírico; intertextualidade, referente à relação do programa com seu modelo e com outros textos; e intratextualidade, referente às relações no nível do conteúdo e da expressão. Quanto aos **resultados**, foi possível estabelecer relações entre os dois programas examinados, reconhecer seus dispositivos discursivos e comparar suas estratégias. Essas regularidades possibilitaram a configuração da gramática dessas produções e a definição e revisão conceitual desse tipo de produção, mais especificamente identificada no nível do chamado webtelejornalismo.

**Palavras-chave:** Telejornalismo universitário. Semiótica greimasiana. Análise discursiva. Webtelejornalismo.

## ABSTRACT

### UNIVERSITY WEBTELEJOURNALISM: COMMUNICATION STRATEGIES AND ESSAY

AUTHOR: Roberta Roos

ADVISOR: Maria Lília Dias de Castro

The expansion of the web comes leading Journalism transformations which, moreover, has faced new technical paradigms and changes in way of doing it. This reality is also the University Journalism, which before was restricted to the classroom and today can be seen by people all over the world. From this point, the present study has as theme, the interface TV Journalism/University production, with the overall objective to analyze the University news on the web, in regions with or without local television, to understand the configuration strategic assume on the media process. The **specific objectives** are to verify the insertion of the University journalism on the web, in the context of production in tv journalism in Brazil; understanding the level of belonging of the University web tv journalism, in light of the theoretical choices; the examination of the discursive space occupied by University news displayed and shared via the web; the examination of the constituent elements of the texts provided in the Pampa News and TJ UFSC; and the identification of recurring strategies of these two programs. In this construction, the **theoretical methodological path** founded on the principles of semiotic theory, developed by Greimas and complemented by his followers, and in methodological proposition developed by Televisual Communication Research Group (COMTV), that refers to three levels of analysis recognized programs: paratextuality, on the surroundings of the empirical object; Intertextuality, concerning the relationship of the program with your model and other texts; and intratextuality, for the relationship at the level of content and expression. As for the **results**, it was possible to establish relationships between the two programmes examined, recognize their discursive devices and compare their strategies. These regularities allow for the configuration of the grammar of these productions and the definition and conceptual review of this type of production, more specifically identified in the level called webtelejournalism.

**Keywords:** University TV Journalism. Greimasiana's semiotics. Discursive Analysis. Webtejournalism.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Esferas de representação.....	46
Figura 02 - Quadrado semiótico.....	73
Figura 03 - Pampa News exibido em São Borja - projeto Cine Parcão.....	97
Figura 04 - Reunião de pauta e avaliação da edição.....	98
Figura 05 - Reunião de pauta na RBS TV Uruguaiana, acompanhada pelos integrantes do PN.....	98
Figura 06 - Gravação do PN com a professora de Libras da Unipampa.....	100
Figura 07 - TJ ao vivo. Técnica executada pelos alunos.....	101
Figura 08 - TJ Libras: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=JghUwPe7388">https://www.youtube.com/watch?v=JghUwPe7388</a> .....	102
Figura 09 - Gravação de conteúdo transmidiático - PN 46.....	103
Figura 10 - Página do PN no Facebook divulgando a próxima edição com fotos de gravação.....	104
Figura 11 - Divulgação do número de curtidas.....	104
Figura 12 - Passagem do repórter Fábio Giacomelli em reportagem de externa.	105
Figura 13 - Bastidores da gravação do PN.....	106
Figura 14 - Sala de <i>switer</i> - laboratório de TV.....	107
Figura 15 - TJ UFSC na TV UFSC - anúncio que precede a exibição do programa.....	108
Figura 16 - Programa TJ UFSC inaugural na TV UFSC: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=KzMcXrMmesQ">https://www.youtube.com/watch?v=KzMcXrMmesQ</a> .....	109
Figura 17 - Sala de redação do TJ UFSC.....	110
Figura 18 - Estúdio de gravação com a preparação das apresentadoras.....	110
Figura 19 - Momento avaliativo da edição que foi ao ar, com o professor Antônio Brasil (novembro/17).....	111
Figura 20 - Identidade visual antiga do TJ UFSC.....	112
Figura 21 - Identidade visual atual do TJ UFSC.....	112
Figura 22 - Apresentação Carolina Rossasi em cenário físico móvel.....	115
Figura 23 - Passagem do repórter Rafael Junckes.....	117
Figura 24 - Sonora do estudante José Inácio Braccini.....	118
Figura 25 - Trecho da vinheta do quadro temático.....	119
Figura 26 - Imagem da voluntária cultivando a horta.....	120

Figura 27 -	Passagem da repórter Lays Borges.....	121
Figura 28 -	Feira orgânica na Unipampa.....	122
Figura 29 -	Produtos coloniais em plano close.....	123
Figura 30 -	Imagem que identifica o local onde a feira acontece.....	124
Figura 31 -	Apresentação Fahen Carvalho em cenário digital, com a intérprete de libras Keli Kraus.....	125
Figura 32 -	Sonora do estudante Ilton Porto.....	127
Figura 33 -	Imagem de apoio do estudante Ilton Porto.....	128
Figura 34 -	Vinheta de abertura do quadro "O que vou ser?".....	129
Figura 35 -	Passagem da repórter Adrienne Fioravante.....	130
Figura 36 -	Sonora do estudante na reportagem do quadro "O que vou ser?"....	130
Figura 37 -	Imagem de apoio da entrevistada Daniele Jungton.....	133
Figura 38 -	Apresentação João Paulo Fernandes em cenário físico.....	135
Figura 39 -	Apresentação João Paulo Fernandes em Médio Primeiro Plano.....	136
Figura 40 -	Imagem do grupo aberto do <i>Facebook</i> .....	138
Figura 41 -	<i>Stand-up</i> do repórter Rafael Junckes.....	139
Figura 42 -	Entrevista com o representante do comando de greve da Unipampa.....	140
Figura 43 -	<i>Stand-up</i> da repórter Júlia Schutz.....	142
Figura 44 -	Apresentação Lais Godinho em cenário digital.....	144
Figura 45 -	Lais Godinho em cenário digital, enquadrada em Médio Primeiro Plano.....	145
Figura 46 -	Lais Godinho apresentando a nota.....	146
Figura 47 -	Passagem do repórter Felipe Sales.....	147
Figura 48 -	Sonora com a coordenadora do festival.....	148
Figura 49 -	Apresentadora e comentarista de esporte dividindo o estúdio no quadro temático da segunda-feira.....	150
Figura 50 -	Comentário acompanhado de imagens.....	151
Figura 51 -	Espaço para a intérprete de Libras sem "janela".....	154
Figura 52 -	Repórter editando a reportagem no <i>software Adobe Premiere</i> .....	155

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Quadro semântico Pampa News edição 1.....	161
Quadro 02 - Quadro semântico Pampa News edição 51.....	161
Quadro 03 - Quadro semântico TJ UFSC edição 27.....	162
Quadro 04 - Quadro semântico TJ UFSC edição 786.....	163
Quadro 05 - Quadro sintático Pampa News edição 1.....	164
Quadro 06 - Quadro sintático Pampa News edição 51.....	164
Quadro 07 - Quadro sintático TJ UFSC edição 27.....	166
Quadro 08 - Quadro sintático TJ UFSC edição 786.....	166

## SUMÁRIO

	<b>CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS.....</b>	<b>17</b>
<b>1</b>	<b>CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO MIDIÁTICO.....</b>	<b>23</b>
1.1	PANORAMA GERAL.....	23
1.2	POSSIBILIDADES CONSTITUTIVAS.....	24
<b>1.2.1</b>	<b>Telejornalismo.....</b>	<b>25</b>
1.2.1.1	<i>Processo histórico.....</i>	25
1.2.1.2	<i>Configuração do telejornalismo brasileiro.....</i>	30
1.2.1.3	<i>Configuração atual.....</i>	34
<b>1.2.2</b>	<b>Webjornalismo.....</b>	<b>36</b>
1.2.2.1	<i>Origem e denominações próprias.....</i>	36
1.2.2.2	<i>Aproximação entre ambiência digital e televisão.....</i>	40
1.2.2.3	<i>Repercussão no fazer jornalístico.....</i>	44
<b>2</b>	<b>INTERFACE WE/TELEJORNALISMO.....</b>	<b>55</b>
2.1	ÂMBITO UNIVERSITÁRIO.....	55
<b>2.1.1</b>	<b>Configuração da TV Universitária.....</b>	<b>55</b>
<b>2.1.2</b>	<b>Relação com o ensino e perspectivas.....</b>	<b>57</b>
2.2	AMPLITUDE CONCEITUAL.....	60
<b>3</b>	<b>FUNDAMENTOS DA SEMIÓTICA.....</b>	<b>68</b>
3.1	ARTICULAÇÃO TEÓRICA.....	68
<b>3.1.1</b>	<b>Contribuições saussurianas.....</b>	<b>68</b>
<b>3.1.2</b>	<b>Avanços hjelmslevianos.....</b>	<b>69</b>
<b>3.1.3</b>	<b>Proposições greimasianas.....</b>	<b>71</b>
<b>3.1.4</b>	<b>Aportes complementares.....</b>	<b>77</b>
3.2	PROPOSIÇÕES EM NÍVEIS.....	81
<b>3.2.1</b>	<b>Nível da paratextualidade.....</b>	<b>81</b>
<b>3.2.2</b>	<b>Nível da intertextualidade.....</b>	<b>82</b>
3.2.2.1	<i>Caráter paradigmático.....</i>	83
3.2.2.2	<i>Caráter sintagmático.....</i>	84
<b>3.2.3</b>	<b>Nível intratextual.....</b>	<b>84</b>
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....</b>	<b>86</b>
4.1	CONCEPÇÃO DE BASE E TERMOS DEFINIDORES.....	86
4.2	DELIMITAÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	87

4.3	NÍVEIS DE PERTINÊNCIA.....	88
4.4	ETAPAS DE ANÁLISE.....	88
4.4.1	<b>Paratextualidade ampla.....</b>	<b>88</b>
4.4.2	<b>Paratextualidade restrita.....</b>	<b>89</b>
4.4.3	<b>Intertextualidade paradigmática.....</b>	<b>89</b>
4.4.4	<b>Intratextualidade.....</b>	<b>89</b>
4.4.5	<b>Intertextualidade sintagmática.....</b>	<b>90</b>
<b>5</b>	<b>ANÁLISE GERAL DO CORPUS.....</b>	<b>91</b>
5.1	NÍVEL DA PARATEXTUALIDADE AMPLA.....	91
5.1.1	<b>Panorama Universitário: Unipampa.....</b>	<b>91</b>
5.1.2	<b>Panorama Universitário: UFSC.....</b>	<b>93</b>
5.2	NÍVEL DA PARATEXTUALIDADE RESTRITA.....	95
5.2.1	<b>Pampa News.....</b>	<b>95</b>
5.2.2	<b>TJ UFSC.....</b>	<b>100</b>
5.3	NÍVEL DA INTERTEXTUALIDADE PARADIGMÁTICA.....	102
5.3.1	<b>Pampa News.....</b>	<b>102</b>
5.3.2	<b>TJ UFSC.....</b>	<b>108</b>
<b>6</b>	<b>ANÁLISE DAS PEÇAS.....</b>	<b>114</b>
6.1	NÍVEL DA INTRATEXTUALIDADE.....	114
6.1.1	<b>Pampa News: edição 1.....</b>	<b>114</b>
6.1.1.1	<i>Reportagem 1.....</i>	<i>116</i>
6.1.1.2	<i>Reportagem 2.....</i>	<i>118</i>
6.1.1.3	<i>Nota Coberta.....</i>	<i>122</i>
6.1.2	<b>Pampa News: edição 51.....</b>	<b>124</b>
6.1.2.1	<i>Reportagem 1.....</i>	<i>126</i>
6.1.2.2	<i>Reportagem 2.....</i>	<i>128</i>
6.1.2.3	<i>Nota pelada.....</i>	<i>131</i>
6.1.2.4	<i>Reportagem 3.....</i>	<i>132</i>
6.1.3	<b>TJ UFSC: edição 27.....</b>	<b>134</b>
6.1.3.1	<i>Nota coberta.....</i>	<i>137</i>
6.1.3.2	<i>Stand-up 1.....</i>	<i>138</i>
6.1.3.3	<i>Stand-up 2.....</i>	<i>141</i>
6.1.3.4	<i>Nota Pelada.....</i>	<i>142</i>

<b>6.1.4</b>	<b>TJ UFSC: edição 786.....</b>	<b>143</b>
6.1.4.1	<i>Nota.....</i>	145
6.1.4.2	<i>Reportagem.....</i>	147
6.1.4.3	<i>Quadro de esportes com comentarista.....</i>	149
6.2	NÍVEL DA INTERTEXTUALIDADE SINTAGMÁTICA.....	151
<b>7</b>	<b>INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>158</b>
7.1	INTER-RELAÇÕES POSSÍVEIS.....	158
7.2	CRUZAMENTO DE DISPOSITIVOS DISCURSIVOS.....	161
7.3	ÊNFASE NA ESCOLHA CONCEITUAL PROPOSTA.....	168
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>170</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>174</b>
	<b>ANEXO A.....</b>	<b>185</b>

## CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

As pessoas relacionam-se de modos diferentes com a televisão e o telejornalismo: alguns se interessam desde cedo pelo que a televisão mostra, outros copiam, enquanto os demais chegam até a reproduzir os modos e trejeitos apresentados na mídia.

As relações do brasileiro com a TV e o telejornalismo são muito intensas e diferentes da maioria dos outros países. Em solo nacional, a televisão influencia fortemente os parâmetros sociais, o que se potencializa com o advento da internet e das novas possibilidades de conexão e interação. Nesse contexto, cada vez mais surgem novas propostas de produção e exibição de produtos jornalísticos, e as investigações científicas sobre o campo têm-se dedicado a estudar nos últimos anos essa emergência. Mas há muito ainda a investigar, visto o fluxo veloz e contínuo de surgimento de produtos e, até mesmo, de distintos mercados.

No cenário atual da cultura da convergência, marcada pela potencialização dos processos de colaboração e pela mudança do comportamento dos públicos, que vão a quase qualquer parte em busca do que desejam (JENKINS, 2009), pode ser necessária a verificação dos fenômenos de nicho em redes digitais. Isso porque eles acabam adquirindo visibilidade significativa, por atraírem a atenção dos públicos e gerarem elementos de reconhecimento com base na cultura local.

Outro aspecto relevante a ser destacado são as mudanças que vêm ocorrendo no mundo, decorrentes da globalização, as quais provocam reações responsáveis por fazer o indivíduo voltar-se para a particularidade, seu espaço conhecido e vivenciado, repleto de significados e lugar da memória (FEATHERSTONE, 1996).

Sendo assim, torna-se importante apresentar o que se entende por global, regional e local no âmbito da mídia e da sociedade. Global é um termo que deriva de globo terrestre, e sua origem comunicacional está relacionada à aldeia global de McLuhan (1972). Já o termo globalização representa as mudanças culturais, sociais, econômicas e políticas vivenciadas pela humanidade (ROCHA, 2014). Nas palavras de Sodré (2012, p. 23): "global é a medida da velocidade de deslocamentos de capitais e informações, tornados possíveis pelas tele tecnologias – globalização é

‘teledistribuição’ mundial de um determinado padrão de pessoas, coisas e, principalmente, informações”.

Conforme aponta Rocha (2014), as configurações que interligam o local e o global são as mesmas, pois é apenas socialmente que elas se separam. Castells (2012) considera que a internet representa bem esse estágio ao construir a sociedade em rede. Para o autor "a internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação" (*ibid.*, p.287).

Pelo exposto, compreende-se que a globalização potencializa as diferenças culturais e, nesse sentido, confirma as postulações de Martín-Barbero (2012), quando entende que tanto a tecnologia como a informação, através de suas mudanças, deslocam o sentido de lugar no mundo: “o globo deixou de ser uma figura astronômica para adquirir plenamente uma significação histórica” (MARTÍN-BARBERO, 2012, p.57).

Essas transformações alteram também o cenário telejornalístico, através dos novos paradigmas técnicos e dos diferentes formatos propiciados, além de conferirem outro papel ao telejornalismo na sociedade. Há o entendimento, de que o telejornalismo tradicional, diante do advento digital, já não é mais o mesmo. A partir daí, acredita-se na necessidade de entender esse tipo de produção em uma dimensão mais abrangente. Assim, é possível verificar as adequações, remediações e transformações desse tipo de produção jornalística na rede, que cria outro espaço discursivo, com características próprias.

Um dos modelos de produção que vem crescendo, nos últimos tempos, é o que se define por telejornalismo universitário. Para tanto, o **tema** da presente tese volta-se para as estratégias discursivas adotadas pelos telejornais universitários veiculados na web.

De modo geral, as universidades têm um papel preponderante frente a essas mudanças, nos diferentes âmbitos de atuação, em prol do desenvolvimento cultural, tanto do indivíduo, quanto das suas regiões de inserção. Do ponto de vista do telejornalismo, essas instituições envolvidas na produção de jornalismo televisivo, na e para a Universidade, reafirmam a importância das características intrínsecas da comunidade na qual estão inseridas e evidenciam tais elementos como constituintes de um modo peculiar de ler o mundo. Essa forma de produção pode auxiliar a formar cidadãos que tenham uma postura crítica diante da quantidade de informações a

que são expostos diariamente. Nessa mesma linha, assume-se a necessidade de ampliar o debate que envolve o telejornalismo praticado nas redes digitais, mas com a certeza de que "a TV universitária na internet pode ser uma tentativa de um telejornalismo mais crítico, inventivo, mais contextualizado, marcado pela diversidade" (BRASIL, 2011, p.1).

O telejornalismo universitário é o resultado da constante evolução tecnológica dos processos comunicacionais e de interação da sociedade com os meios de comunicação, em especial com a televisão e suas diferentes telas, visualizadas em novos suportes tecnológicos, que exigem enfrentamento por parte dos pesquisadores dedicados a ensinar esses processos produtivos. Além disso, está a necessidade de se entender a cultura midiática, fundada na convergência de processos e na comunicação em rede de compartilhamentos, o que atualiza as discussões sobre o conteúdo produzido e disponibilizado pela e para a tevê na internet.

A consolidação da internet como espaço de produção e veiculação de telejornais universitários, bem como de potencial capturadora de uma audiência específica, tem condicionado um tipo determinado de produção: telejornais hipersegmentados. Muitos telejornais universitários na web não realizam uma produção de massa, mas uma produção segmentada que muitas vezes se transforma em referência para os cidadãos locais, devido principalmente à ausência de televisão em muitas cidades que possuem universidades. Frente a uma realidade em que os consumidores possuem novos hábitos e diante das transformações tecnológicas e culturais aceleradas, que consolidam, cada vez mais, os meios digitais, a televisão tem o grande desafio de alcançar essa audiência. Busca-se, nesse sentido, a identificação com o meio digital, através das inovações em relação ao público jovem, principalmente com a oferta de conteúdos multiplataformas.

A presente proposta, dentro da área de Comunicação Midiática, fundamenta-se nas seguintes **justificativas**:

- 1) escassez de estudos que tematizem o telejornalismo universitário na web, bem como a ausência de análise mais aprofundada de seus produtos e modelos de produção;
- 2) contribuição aos estudos do campo do telejornalismo e da comunicação midiática, com vistas ao fortalecimento teórico-metodológico da área e à oferta de olhar crítico sobre produções fora do eixo da mídia convencional e hegemônica;

3) necessidade de ampliar o conhecimento em torno das experiências vivenciadas pela autora na Universidade, na qual atua como docente e pesquisadora, desenvolvendo projetos de ensino e extensão, tal como o projeto Pampa News (Unipampa/RS), considerado referência de mídia local na cidade de São Borja, localizada na fronteira oeste do Rio Grande do Sul e, por isso, escolhido como um dos objetos empíricos desta tese.

Nessa perspectiva, a presente tese tem como **problema de pesquisa** a configuração e os limites da produção discursiva presente nos telejornais universitários, exibidos e compartilhados via web no contexto do telejornalismo local. A pesquisa compreende, por configuração, a definição de opções ou parâmetros de um determinado produto para reconhecer seus níveis e componentes e, por produção discursiva, *o lugar de exibição* (e também de circulação) desses produtos midiáticos (os telejornais universitários), o que permite compreender o processo contextual e circulatório que engendra o próprio produto, categorizando e analisando marcas e estratégias discursivas que lhe são inerentes.

Isso porque, para compreender o espaço discursivo ocupado pelos telejornais universitários, parte-se da hipótese de que essas produções ocupam um espaço em aberto, que não é recoberto pela grande mídia, nem mesmo pela mídia dita regional e/ou local. Além disso, acredita-se que o telejornalismo universitário não só assume esse espaço discursivo como também se torna referência para a comunidade em que se insere, visto que seus conteúdos significam e representam uma visibilidade específica no espaço midiático ou no processo midiático da atualidade.

Considerando essas hipóteses, escolheu-se como **objeto de estudo** o telejornalismo universitário e como **objeto empírico** as produções realizadas por dois telejornais universitários de diferentes regiões do sul do país, Pampa News e TJ UFSC, produzidos por duas universidades federais brasileiras, Universidade Federal do Pampa (Unipampa/RS) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/SC), que têm como característica comum a exibição e a circulação na web. A escolha desses dois programas deve-se, em primeiro, ao fato de que respondem ao conceito de telejornalismo universitário, na medida em que são programas com periodicidade, facticidade temática, equipe / estrutura e cenário fixo, bem como são produzidos por estudantes de graduação (em formação profissional), com a supervisão de professores em telejornalismo e técnicos administrativos em educação, que atuam nos laboratórios de ensino.

Para chegar à definição do **corpus** foram analisados, de modo geral, as mais de mil edições do TJ UFSC, exibidos de segunda a sexta-feira, desde abril de 2012, e as sessenta e oito edições do Pampa News, exibidos semanalmente desde 2013. A partir de uma avaliação preliminar sobre esse material, definiram-se critérios de seleção de duas exibições de cada programa para serem estudadas em profundidade. Com a delimitação referente ao problema de pesquisa, a presente tese tem como **objetivo geral** investigar os telejornais universitários na web, em regiões com ou sem televisão local, para compreender a configuração estratégica que assumem essas produções discursivas no processo midiático. Para isso propõem-se como **objetivos específicos**:

- 1- verificar a inserção do telejornalismo universitário na web, no contexto da produção em telejornalismo no Brasil;
- 2- compreender o nível de pertencimento do telejornalismo universitário na web, à luz dos preceitos teóricos da semiótica greimasiana;
- 3- examinar o espaço discursivo ocupado pelos telejornais universitários exibidos e compartilhados via web;
- 4- analisar os elementos constitutivos dos textos veiculados nos programas Pampa News e TJ UFSC;
- 5- identificar as estratégias mais recorrentes desses programas.

Para dar conta desta investigação, o **método** utilizado é de caráter empírico dedutivo, fundado na semiótica discursiva, fundada por Greimas (1979), além de empregar a verificação, identificação e análise dos níveis de pertinência, conforme propõe Fontanille (2005). Cabe ressaltar que essa proposição parte dos fundamentos estruturais saussurianos e hjelmslevianos, articulados aos aportes trazidos pelos sucessores que buscaram ampliar a teoria semiótica e aplicá-la aos produtos midiáticos.

Este trabalho está articulado em sete capítulos. O primeiro discute a interface telejornalismo - webjornalismo, delineando o panorama geral e as possibilidades constitutivas de cada um. O segundo apresenta o âmbito do telejornalismo na web, discutindo conceitos de nomenclaturas, a configuração da TV universitária, a relação com o ensino e suas perspectivas atuais. O terceiro traz a fundamentação da semiótica discursiva, articulada à perspectiva greimasiana, além de incorporar a contribuição dos seguidores e de discorrer sobre os níveis possíveis de articulação do processo analítico. O quarto dedica-se ao procedimento teórico-metodológico,

compreendendo a concepção de base e os termos definidores, os critérios de seleção e delimitação do corpus, a determinação dos níveis de pertinência e a definição das etapas de análise. O quinto diz respeito à análise geral do corpus, envolvendo os níveis de paratextualidade ampla, dentro do cenário da Unipampa e da UFSC, de paratextualidade restrita e de intertextualidade paradigmática, relacionadas aos dois programas: o Pampa News e o TJ UFSC. O sexto dedica-se à análise detalhada das edições, com o exame das partes que constituem cada edição na perspectiva da intratextualidade e da intertextualidade sintagmática. O sétimo busca a interpretação dos resultados obtidos na análise, evidenciando semelhanças e diferenças entre os dois programas examinados. Por fim apresentam-se as considerações finais da pesquisa.

## 1 CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO MIDIÁTICO

Este capítulo centra-se na discussão sobre o espaço midiático. Para tanto, apresenta um panorama geral e explicita as possibilidades constitutivas, que envolvem telejornalismo e webjornalismo. Sobre telejornalismo, apresenta a configuração desse espaço, como lugar de referência para a sociedade contemporânea; explicita o processo histórico e sua configuração atual. Sobre webjornalismo, enfatiza as mudanças trazidas pela era digital; discute a relação com o fazer jornalístico e delimita as conceituações adotadas no trabalho.

### 1.1 PANORAMA GERAL

O impacto da mídia sobre as pessoas acarreta, entre outras influências, o estabelecimento de novas maneiras de relação consigo e com os outros indivíduos. As transformações nas relações sociais, através da comunicação, vão desde a invenção da imprensa até os dias atuais. Fazem parte dessa atividade social produção, transmissão e recepção, em que são criados espaços de significação que repercutem em alterações nas redes de comunicação e na conexão com o poder econômico e político.

Embora estejam em locais específicos, os indivíduos possuem cada vez mais acesso às informações não locais, criando, assim, diferentes tipos de intimidade à distância. Muitas realidades, que dificilmente fariam parte da rotina das pessoas, acabam sendo experimentadas através da mídia, o que evidencia sua presença em todas as esferas da sociedade atual.

Thompson (2005) afirma que existe uma sociedade e uma cultura midiada, pois, através da política, educação, religião ou economia, todas as instâncias da sociedade possuem uma relação com a mídia. As pessoas são cercadas por ideias, sons, imagens, palavras, que as atingem sem que percebam. Além disso, ficam expostas, “às representações sociais se construindo, por assim dizer, diante de nossos olhos, na mídia, nos lugares públicos, através desse processo de comunicação que nunca acontece, contudo, sem alguma transformação” (MOSCOVICI, 2002, p. 205).

Nessa mesma direção, está o posicionamento de Guareschi (2007), ao afirmar que o atual ambiente social é construído pela comunicação, que se estende

em ritmo cada vez mais acelerado, trazendo consequências à percepção da realidade: "os limites entre o aspecto material e seu aspecto conceitual são eliminados e o que se vê são sempre mais representações de representações, mais e mais simbólicas" (GUARESCHI, 2007, p.9).

Diante disso, e frente ao advento da internet e às possibilidades de popularização dos conteúdos, um número maior de pessoas passou a ter acesso a uma visibilidade que antes era proporcionada a poucos. Sobre isso, Barbosa (2002, p. 2) diz que a internet "reflete a diversidade da humanidade e seu funcionamento descentralizado permite usos e apropriações variadas de vozes – a circulação de diversas vozes".

Como se pode reconhecer, tanto a grande mídia quanto o contexto da web proporcionam, em termos comunicacionais, uma nova configuração de mundo, o que ocasiona intensas e permanentes relações, também apontadas por vários autores da área.

Thompson (2004) atribui o desenvolvimento da comunicação à "reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social". Para ele os impactos que a comunicação vem sofrendo com os efeitos da internet são profundos e irreversíveis: "transformou a natureza de produção e do intercâmbio simbólicos no mundo moderno". Além disso, "os meios de comunicação têm uma dimensão simbólica irreduzível", porque "se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e os recebem" (THOMPSON, 2004, p.19).

Esse contexto midiático de configuração diferenciada permite, acima de tudo, o entendimento de um movimento convergente que contamina todas as mídias.

## 1.2 POSSIBILIDADES CONSTITUTIVAS

Para dar conta da proposta de pesquisa desta tese, que quer investigar a configuração discursiva dos telejornais universitários, exibidos e compartilhados via web no contexto local, faz-se necessário um entendimento mais pontual sobre as especificidades de cada segmento: telejornalismo e webjornalismo.

### 1.2.1 Telejornalismo

No que concerne ao telejornalismo, cabem algumas considerações sobre o processo histórico ocorrido no Brasil, assim como as constituições de suas regras, nomenclaturas e funções e o detalhamento da sua configuração atual, levando em conta os principais telejornais de televisão aberta, a preocupação com a audiência e com as novas formas de produzir um jornalismo para as diversas telas da atualidade.

#### 1.2.1.1 Processo histórico

O começo das transmissões de imagens e sons aconteceu, em 1926, na Inglaterra e no Japão e um ano depois nos EUA. Não existe um consenso sobre a primeira transmissão oficial, pois a televisão desenvolveu-se através do experimento de pessoas de diversos lugares do mundo.

No Brasil, a televisão surgiu em 1950 quando os brasileiros assistiram à TV Tupi Difusora, primeira estação de TV do país, que nasceu em São Paulo, através da iniciativa privada do empresário e jornalista Assis Chateaubriand. Após quatro meses, iniciou-se outro empreendimento pelo mesmo empresário: em 1951, foi inaugurada no Rio de Janeiro a TV Tupi Rio.

A primeira transmissão foi feita com a orquestra do maestro Georges Henry, também diretor da Tupi, executando *Cisne Branco*, de Antônio Manoel do Espírito Santo e Benedito de Macedo. Constava da programação inicial a transmissão da cerimônia de bênção e batismo dos estúdios, além de enquetes, até o encerramento, às 21 horas, com um *show* de Hebe Camargo, que cantaria a *Canção da TV*, composta por Guilherme Almeida (MATTOS, 2010, p.87).

Nessa caminhada de consolidações da televisão brasileira, o jornalismo levou mais tempo do que os outros setores para estabelecer sua rotina produtiva, marcada por características específicas. **Imagens do Dia** foi o telejornal que inaugurou o jornalismo na tela, apresentando as notícias de uma forma simples, em estilo radiofônico, até conseguir estabelecer suas próprias regras de funcionamento, com o auxílio das técnicas cinematográficas. A possibilidade de mostrar os fatos e poder narrá-los apresentou-se como um grande avanço frente ao rádio. Segundo Paternostro (1999), produção, locução e redação ficavam por conta de Rui Resende,

que apresentava a maioria das notícias através de narração em off, e apenas algumas notas tinham imagens em preto e branco, sem áudio ambiente.

O desenvolvimento da TV e a consolidação do telejornalismo encontraram ambiente favorável, pois o país passava por uma fase de desenvolvimento econômico, social e político, na década de 50. A intensificação da industrialização foi fortalecida com os investimentos dos empresários em novas tendências utilizadas pelas nações mais desenvolvidas. O novo meio, que inicialmente era destinado à elite, em pouco tempo influenciou os hábitos de consumo dos brasileiros, além de revolucionar o desenvolvimento sociocultural do país.

A fonte de renda principal da TV brasileira foi, desde o início, a publicidade, por isso que os programas nascidos na primeira década levaram o nome dos seus patrocinadores, como o noticiário **Telenotícias Panair**, veiculado em 1952. Ainda no mesmo ano, apareceu o **Repórter Esso**, considerado o telejornal mais significativo da época, apresentado por Gontijo Teodoro e composto por notícias nacionais e internacionais.

Também Emerim (2017) reconhece a estreita relação da televisão brasileira com a publicidade, diferentemente do que ocorreu em outros lugares do mundo. Esse fato marcou "o modelo de negócio, os formatos e gêneros bem como a relação desta mídia com o telespectador, aliás, mais ainda, marcou também uma configuração social específica que a televisão brasileira ajudou a definir" (EMERIM, 2017, p.114).

Em um primeiro momento, a inexperiência dos profissionais que vinham do rádio, aliada à restrita tecnologia que chegava ao país, tornavam a produção dos telejornais precária. Rezende (2000) destaca que eles eram basicamente produzidos com notícias direto do estúdio, pois havia muitas dificuldades em fazer coberturas externas. Em termos visuais, o espaço de apresentação era composto por uma mesa, cortina de fundo e cartela com o nome do patrocinador.

Um ano mais tarde, foi criada a TV Record e, em 1959, a TV Excelsior que, após três anos de sua inauguração, passou a exibir o **Jornal de Vanguarda** que, segundo Rezende (2000), trouxe os jornalistas Villas-Bôas Correia, Millor Fernandes e Stanislaw Ponte Preta na produção e apresentação das notícias, além de locutores como Luís Jatobá e Cid Moreira. Começou, assim, uma nova fase no jornalismo de TV, em que grande parte dos profissionais vinha do jornal impresso e não mais do rádio. Diante disso, a qualidade "desse noticiário causou um impacto enorme pela

originalidade de sua estrutura e forma de apresentação distinta de todos os demais informativos” (REZENDE, 2000, p.107).

A década de 60 marcou, então, a consolidação da TV no Brasil e o desenvolvimento mais avançado do telejornalismo. O surgimento do videoteipe foi um marco importante, que trouxe a possibilidade de exibir o mesmo programa mais vezes por dia. Nessa época, também, o caráter comercial potencializava-se com as disputas de verbas publicitárias e as brigas por audiência, que persistem até hoje (SECCHIN, 2007). Mas a fase de expansão telejornalística foi interrompida em 1964, através do Golpe Militar: **O Jornal de Vanguarda** foi extinto, após o Ato Institucional nº5, que dispensou a participação dos jornalistas e voltou a ser conduzido pelos locutores, limitados às interferências políticas. Rezende (2000, p.108) destaca que as mudanças na linguagem e os avanços técnicos como "videoteipe, câmeras de estúdio mais ágeis, a lente *zoom* em substituição à torre de lentes" ficaram restritas às novelas e shows de entretenimento, pois o telejornalismo ficou engessado às imposições políticas e à falta de estilo próprio.

No Rio de Janeiro, em 1965, foi criada, pelo jornalista Roberto Marinho, a TV Globo, que um ano depois já iniciou suas transmissões em São Paulo. A emissora começou a ganhar audiência das camadas socioeconômicas mais baixas da população, através de uma programação baseada em telenovelas, programas de concursos e filmes. Segundo Mattos (2010, p. 102): "a consolidação da TV Globo como Rede Nacional começou em 1969, quando seus programas passaram a ser transmitidos simultaneamente em várias cidades através de micro-ondas".

O segundo momento, que marca essa trajetória, constitui-se pela descrição de Secchin (2007), entre os anos de 69 e 70, com o fim do **Repórter Esso** e o surgimento do **Jornal Nacional (JN)**, da Rede Globo, produzido no Rio de Janeiro e distribuído ao vivo para São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. A distribuição em rede do JN foi possível através do surgimento da Embratel, Empresa Brasileira de Telecomunicações, responsável pela interligação do Brasil "através de linhas básicas de micro-ondas – rotas – ao consórcio internacional para utilização de satélites de telecomunicações – o *Intelsat*. Estava criada, então, a estrutura para as redes nacionais de televisão” (PATERNOSTRO, 1999, p. 31).

Dessa forma, o **Jornal Nacional** inaugurou um modelo distinto de fazer telejornalismo, o qual refletia nas suas produções, o progresso tecnológico. Foi o primeiro a transmitir, no instante em que aconteciam, reportagens internacionais, via

satélite, em cores (PATERNOSTRO, 1999). Secchin (2007) destaca que o repórter seguia os padrões de linguagem dos telejornais norte-americanos, mas o conteúdo transmitido continuava a ter afinidade ideológica com o Regime Militar: "logo no seu nascimento, ficava claro que a originalidade do **Jornal Nacional** residiria apenas na qualidade técnica, uma vez que o conteúdo estava sacrificado pela interferência da censura" (REZENDE, 2000, p. 110).

Em relação às demais emissoras, a TV Tupi tentou recuperar o telejornalismo, depois do término do **Repórter Esso**, levando para várias capitais do país ao vivo o **Rede Nacional de Notícias**. A TV Bandeirantes também criou, na década de 70, o jornal **Titulares da Notícia**. Foi a TV Cultura de São Paulo que instalou uma nova maneira de fazer jornalismo, diferentemente do perfil imposto pela política brasileira da época, com o jornal **A Hora da Notícia**, que dava espaço a depoimentos populares e temáticas da comunidade.

No final da década de 70, a Globo intensificou os investimentos no telejornalismo, pois o **Jornal Nacional** havia alcançado uma grande marca de audiência nacional. Aconteceu, então, o lançamento do **Jornal Hoje**, por volta das 13h e, mais adiante, o **Jornal da Globo**, por volta das 23h.

Com a absolvição política militar, a TV Tupi, em 1980, abriu um espaço para as intervenções dos exilados que retornaram ao Brasil, em um programa chamado **Abertura**, mas o programa terminou no mesmo ano, juntamente com a falência da emissora. A mesma ideia ganhou seguimento na Bandeirantes, com o nome de **Canal Livre**.

O aparecimento desses programas não abalou a supremacia do telejornalismo da Globo: exibido entre as novelas das sete e das oito, o **Jornal Nacional** foi estratégico e aumentou muito sua popularidade, pois estava no meio dos programas de maior audiência da TV. Além disso, o telejornalismo, através da publicidade, representava uma significativa fonte de renda, trazendo investimentos cada vez maiores à emissora.

Telejornais como o **Jornal Hoje**, na hora do almoço, o **Jornal da Globo**, no fim da noite, (que antes recebeu nomes como **Amanhã** e **Painel**), e o **Bom Dia São Paulo**, no início da manhã, que seria o embrião para o **Bom Dia Brasil**, foram criados reforçando o departamento de jornalismo da *Globo* e, conseqüentemente, o departamento comercial (SECCHIN, 2007, p.9).

Os cuidados com o telejornalismo mantiveram-se intensos, sobretudo no que se refere à forma, o que configurou um terceiro momento na história do telejornalismo. Nessa ocasião, foi criado o **Fantástico**, que acrescentou entretenimento ao jornalismo. Em seguida, surgiu o **Globo Repórter**, um programa com espaço para desenvolver os temas com profundidade, apresentando uma linguagem de documentário, o que também abriu caminho para outros programas de conteúdos específicos, como **Globo Rural** e **TV Mulher**.

Nos anos 80, duas novas redes de televisão foram formadas, a Rede Manchete e o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). O **Jornal da Manchete** trouxe ideias novas para o telejornalismo, com comentário e análise dos fatos, alcançando bons índices de audiência. Já o SBT levou ao ar o **Telejornal Brasil (TJ Brasil)**, em um modelo importado dos telejornais norte-americanos, com o diferencial do âncora (Bóris Casoy) - que “dirige, apresenta e comenta as notícias do jornal” (PATERNOSTRO, 1999, p. 37). O jornalista ficou no **TJ Brasil** por nove anos, quando em 1997, deixou o SBT para assumir o **Jornal da Record**, da Rede Record de São Paulo.

Um quarto momento pode ser identificado com o aumento da qualidade do telejornalismo brasileiro, que ocorreu a partir dos anos 90 e instaurou uma nova fase, devido principalmente à libertação do controle oficial e de certa independência em relação ao empresariado do setor (REZENDE, 2000). Esse salto qualitativo permitiu a entrada da programação telejornalística na televisão por assinatura, como foi o caso, do primeiro canal de notícias, 24 horas da Rede Globo: a **Globo News**.

De maneira geral, a diversidade de oferta de canais abertos, aliada à ampliação das TV's por assinatura, abalou os altos índices de audiência do **JN**, o que passou a exigir uma nova maneira, marcada pela intensificação do desenvolvimento técnico e do aperfeiçoamento da qualidade nas produções da Rede Globo. O padrão Globo de qualidade também se voltou para a área telejornalística, evidenciado na produção de matérias mais longas, densas e críticas, com mais esclarecimentos e mais serviço público.

Nessa direção, a partir do ano de 1998, o **Jornal Nacional** trouxe Fátima Bernardes para dividir a bancada com o marido William Bonner. A finalidade era oferecer um telejornal destinado às famílias brasileiras, deixando de lado notícias importantes para apresentar reportagens sobre o cotidiano ou rotina de celebridades (REZENDE, 2000).

Nesse momento, os telejornais, de modo geral, começaram a sofrer modificações. A partir dos anos 2000, novos personagens passaram a disputar audiência. O **Jornal Nacional**, ao completar 35 anos, apresentou uma linguagem mais ágil e coloquial, consolidando-se como o primeiro no Ibope e no faturamento. Em segundo, entre as redes abertas brasileiras, estava a Record, com o **Jornal da Record (JR)**, que entrou o ano de 2006 reformulado com uma estética próxima à do **JN**.

A partir desse resumo histórico do jornalismo na televisão brasileira, com as transformações ocorridas ao longo das décadas, busca-se refletir sobre a constituição de métodos, funções e rotinas de produção do telejornalismo brasileiro.

### *1.2.1.2 Configuração do telejornalismo brasileiro*

Qualquer investigação que se proponha a estudar jornalismo audiovisual na web deve, necessariamente, levar em consideração a estrutura do telejornal tradicional, com seus métodos e suas rotinas de produção. Mesmo com o avanço tecnológico, que permite alternativas multidisciplinares e multimídias, as quais, muitas vezes fogem das padronizações de glossários e manuais, é fundamental essa recorrência primeira, porque é a partir daí que as mudanças se tornam viáveis.

O telejornal é o formato mais tradicional de jornalismo na tevê e pode ser compreendido como “[...] um programa que reúne uma seleção de notícias organizadas em blocos, por temas, geralmente exibido com horário, cenário e apresentadores fixos” (EMERIM, 2014, p. 104). Dentro dessa perspectiva, também está Aronchi de Souza (2004), que o classifica como “[...] um programa que apresenta características próprias e evidentes, com apresentador em estúdio chamando matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes” (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 149). Além disso, o autor chama a atenção para a prática das transmissões ao vivo, como outras características do telejornal, que lhe confere um efeito de atualidade, de acontecimento em tempo real.

Através do telejornal, a televisão exerce o papel de janela para o mundo, trazendo com objetividade, clareza, seriedade, imparcialidade, o que acontece ao redor do mundo. Os principais fatos do dia são resumidos nos telejornais, que trazem notícias de repercussão e abrangência para um público variado.

Normalmente em termos de veiculação e exibição, os telejornais tradicionais

cumprem as exigências de qualquer programa televisual, ocupando um horário característico na grade, com alternância de atrações de outros gêneros e com uma duração e horário definidos, que condicionam a vida de um público específico.

Aronchi (2004) aponta o telejornal como pertencente à categoria informação, pois para ele é um dever do telejornal informar, sem que essa informação esteja condicionada ao entretenimento. Duarte (2006) também ressalta que os telejornais preocupam-se com a transmissão do real, mas que essa realidade está submetida às lógicas mercadológicas e de ampliação da audiência. Por isso, enfatiza como características do telejornal a base no mundo real e o tom de seriedade, trazidos através da expressão e do conteúdo dos temas.

As práticas telejornalísticas organizam-se em torno de uma série de regras que se consolidaram e dão credibilidade a esses programas noticiosos. Todo telejornal exige o uso de princípios básicos como objetividade, simplicidade e precisão. Além disso, o uso de frases curtas, a construção de sentenças separadas e breves, a preferência por verbos ativos e frases familiares, sem a utilização de chavões, fazem com que o texto telejornalístico seja escrito para o ouvido e para o olho com uma linguagem mais vigorosa.

Em relação às funções no telejornalismo, o editor-chefe de um programa possui a responsabilidade de antecipar o que vai ao ar, além de coordenar as reuniões de pauta, organizar a logística das coberturas, validando sugestões e direcionando as temáticas e as equipes responsáveis pela matéria. O editor-chefe atua também na verificação de cada matéria escrita, observando a clareza das informações e da linguagem do programa, além de propor alterações quando for necessário. Como se pode ver, a rotina desse profissional, coberto de responsabilidades, requer, principalmente, o uso de bom senso para conseguir identificar os materiais que valem a pena, em meio ao grande volume de informação apurada sobre temas de potencial interesse (YORKE, 2006).

É importante destacar, que a decisão editorial difere de um programa para outro:

A lógica sugere que a política editorial seja ditada pelos executivos que estão no escalão mais alto da hierarquia, os quais devem estar em sintonia com os interesses políticos, financeiros e comerciais da organização à qual pertencem. Isso reflete o grau de autonomia delegado ao editor/produtor, em geral o mais antigo membro da equipe responsável pelo noticiário ou qualquer outro segmento de programação da grade. Alguns editores são inteiramente livres (mas incentivados a transmitir os assuntos polêmicos aos

superiores), enquanto a burocracia confina outros a trabalhar segundo regras mais restritas (YORKE, 2006, p.45).

Na maioria das grandes emissoras, é comum a determinação específica de função para cada profissional, como é o caso, por exemplo, de editores de imagens e redatores, que dividem com o repórter a redação do texto e a finalização da matéria. Em emissoras menores, essa divisão nem sempre é clara, e um mesmo profissional pode acumular diferentes funções.

No telejornal convencional, normalmente são realizadas reuniões de pauta todos os dias, envolvendo a discussão a respeito da edição que foi ao ar, sob a orientação dos editores-chefes, "encarregados de garantir a logística da cobertura para toda a produção da empresa" (YORKE, 2006, p.38).

Outra função importante da equipe de produção do telejornal é a definição da pauta, que consiste na determinação dos roteiros de cobertura dos assuntos aprovados, através do levantamento dos contatos, a fim de orientar o trabalho da equipe de externa e do repórter.

O trabalho desses jornalistas, aliado ao da direção do departamento e dos editores de programação, garante as decisões tomadas minuto a minuto para despachar uma equipe para a rua e designar a equipe de externa mais adequada para aquela cobertura, ou ainda se ela pode ser realizada localmente sem precisar do apoio de um *free-lancer*. Com frequência os pauteiros se veem, às vezes com ironia, como os profissionais que literalmente "carregam a matéria nas costas", sendo criticados quando as coisas dão errado e quase nunca parabenizados quando tudo ocorre bem (YORKE, 2006, p.39).

Os profissionais envolvidos na produção de grandes empresas de telejornalismo precisam ser ágeis para encaminhar a equipe de externa em direção aos fatos, antes que eles aconteçam, e pensar na reserva disponível de profissionais à espera de notícias de última hora. Além disso, é preciso intuição para entender como funciona o pensamento e a forma de trabalho dos colegas encaminhados para realizar a pauta, pois, ao nortear o repórter, "é preciso também direcionar o trabalho para atender às expectativas de quem vai editar o material, dando as coordenadas sobre como a tarefa deve ser executada e até detalhes sobre as perguntas a serem feitas aos entrevistados" (YORKE, 2006, p.39).

No que se refere ao cenário de veiculação, os estúdios, desde 1980, costumavam ter como plano de fundo um depósito de computadores, com a apresentação feita diretamente da redação.

Em 1995, quando todos já sabiam como era um computador e ninguém mais se impressionava, os estúdios separados voltaram. Então, em 2000, os noticiários voltaram ao depósito, com uma redação agitada ou um painel de monitores no fundo, dessa vez porque proporcionavam um ar menos formal (YORKE, 2006, p.225).

Com o desenvolvimento tecnológico, o telejornal passa a ser um estúdio de realidade virtual, em que apenas o apresentador é real. "Os destaques do estúdio em realidade virtual são a simplicidade e a familiaridade e com a vantagem de que, através da tecnologia, é possível realizar qualquer mudança desejada pela emissora em segundos" (YORKE, 2006, p. 225).

De maneira geral, o modelo de telejornal, quando articula linguagens sonoras e visuais, exige muito cuidado por parte do jornalista televisivo. Mesmo que as imagens falem por si, é fundamental que elas auxiliem na identificação de pessoas e lugares, pois "o material deve ser capaz de levar o telespectador a novos patamares de compreensão da informação" (YORKE, 2006, p. 121).

A responsabilidade e o bom senso devem reger o uso das imagens, pois o telespectador consome a informação como uma verdade, tendo em vista o caráter de seriedade e de credibilidade que o telejornalismo construiu ao longo dos anos. Conforme a confiança aumenta, "o tratamento das palavras e das imagens pode possibilitar a comunicação com uma compreensão aprofundada de ambos" (YORKE, 2006, p. 122). Além disso,

palavras e imagens devem andar juntas. Quem lutar contra as imagens perderá; Não repetir em detalhes o que o telespectador é capaz de ver e ouvir sozinho. Trata-se de televisão, não de rádio; Não escrever demais. Muitas vezes, o melhor script é aquele com menos palavras (YORKE, 2006, p. 122).

As palavras, nesse sentido, devem ser organizadas pelas imagens e não ao contrário.

A partir do esclarecimento referente aos métodos, funções e rotinas produtivas dos telejornais, busca-se refletir agora sobre as configurações da atualidade, levando em consideração as transformações tecnológicas que apresenta o telejornalismo brasileiro nas múltiplas telas.

### 1.2.1.3 Configuração atual

As constantes transformações que o telejornalismo enfrentou, desde sua origem até as novas formas de transmissão das notícias, podem ser refletidas a partir da análise de Maia (2011, p.8):

Desde a veiculação do primeiro telejornal brasileiro, as modificações, advindas com o tempo, são naturais e perceptíveis em todos os noticiários, independente de emissora. Afinal, à medida que a sociedade evolui, acaba por impor, também, a mutação de bens, serviços e entretenimento. Na atualidade, a ordem nas redações é romper paradigmas por muitos anos cultivados, mas que têm se revelado ineficientes na conquista do telespectador. Modelos que por muito tempo eram propagados de geração em geração de telejornalistas têm sido deixados de lado a fim de dar lugar à experimentação, ao novo.

O entendimento da autora vai ao encontro da relação existente entre telejornalismo e suas bases culturais e sociais. É a perspectiva de Gomes e Menezes (2008), que demarcam o caráter social do telejornalismo, advindo de uma formação particular e com funções fundamentais. A narrativa telejornalística convoca elementos estreitamente relacionados com as questões culturais e com o momento tecnológico em que se encontra.

O alargamento das possibilidades produtivas e o acesso ao material jornalístico chama a atenção para as diferentes demandas de suas práticas e para as ressignificações do trabalho dos profissionais da área, que atualmente, enfrentam novas formas para apurar, produzir e divulgar as notícias.

De maneira geral, as mudanças na produção e veiculação de conteúdos telejornalísticos são uma realidade, sobretudo com o advento das novas tecnologias e o conseqüente alargamento de veiculação. Passou-se a conviver com “[...] **um jornalismo para as telas, incluindo televisão, computador, smartphone, celular, tablets ou os demais dispositivos e suportes que se utilizem de uma tela de visão ou de uma tela refletiva para exibir dados**” (EMERIM; FINGER; CAVENAGHI, 2015, p. 4, grifos das autoras).

Feitosa e Bairon (2015, p.226) destacam que se vive em um contexto de “[...] agregação das coisas ao nosso redor: multicanal, multiprogramação, multiconectividade, multiparticipação, multisserviços, multiplataforma, multi-instância, multimídia, multitouch, multicaminhos...”. Na perspectiva dos autores, o contexto das tecnologias digitais confere um patamar diferenciado através da utilização de amplas

funções, ou seja, os processos comunicacionais expandem-se, adentrando em acentuados fluxos de transmissão de informações e transformando o cotidiano dos veículos de comunicação.

Como se pode reconhecer, os formatos consolidados no jornalismo de TV estão sofrendo tensionamentos diante das possibilidades da comunicação em redes digitais. As mudanças, advindas dessa situação, podem ser vistas na prática cotidiana das redações televisivas (ROOS; NEGRINI; BELOCHIO, 2018).

Como exemplo de mudança prática, está o Jornal Nacional da Rede Globo, que "ao longo de sua história, foi submetido a várias transformações como modernização do cenário, inovação nas vinhetas e mudanças de apresentadores" (MAIA, 2011, p.6). Atualmente, além dessas alterações, o JN reformula, constantemente, as formas de constituição da notícia e o relacionamento dos apresentadores com o público. Nesse sentido, a formação das narrativas midiáticas do telejornal da Rede Globo reflete a lógica da cultura e da tecnologia vigente, buscando, principalmente, atingir os diversos públicos, que se apropriam de tecnologias digitais e dispositivos móveis. Dessa forma, o público consegue se sentir participante da rotina dos meios comunicacionais.

A verificação desse grande potencial para atrair o público nas redes é corroborado pelo crescimento e pela valorização de materiais audiovisuais associados a outros elementos da produção jornalística. Nessa perspectiva, ocorrem produções do chamado webjornalismo audiovisual e até do jornalismo audiovisual móvel (BECKER, 2009; TEIXEIRA, 2011). Essas ocorrências revelam o cenário da cultura da convergência, identificado por Jenkins (2008), pela alteração da preferência e perfil do público diante da diversidade de opções disponíveis, das facilidades de acesso aos conteúdos e também da interação e consumo em múltiplas plataformas de mídia.

Em busca da conquista desses públicos, os meios jornalísticos desenvolvem estratégias que ultrapassam sua atuação convencional. Uma das possibilidades, dentro desse contexto é a prática do jornalismo audiovisual na web, que, segundo Becker (2009), apresenta narrativas audiovisuais tanto para TV quanto para circulação no ciberespaço. Ao mesmo tempo, ele inclui diferentes formatos, que podem ser destinados a distintas plataformas (ROOS; NEGRINI; BELOCHIO, 2018).

Nesse sentido, pode-se afirmar, no âmbito desta tese, que os veículos comunicacionais estão explorando cada vez mais as produções multimídia, na

tentativa de aprimorar o conteúdo noticioso e aproveitar cada vez mais as potencialidades do suporte digital. O mesmo pensamento é defendido por Salaverría (2005) quando reforça a facilidade que esses produtos têm para se adaptarem e se refazerem frente às novas condições expostas na Web.

As características do telejornalismo e do jornalismo audiovisual na Web estão se mesclando, conforme o entendimento de Becker (2009), quando afirma que:

[...] ao identificar transformações nas narrativas dos telejornais e apontar características discursivas do webjornalismo audiovisual observa-se que essas distintas narrativas têm sofrido influências mútuas e passam por um processo de hibridização mediadas pelas tecnologias digitais. As atividades de ver TV e acessar internet, e mais especificamente de assistir ao telejornal e de acompanhar as notícias audiovisuais publicadas na web, começam a se fundir (BECKER, 2009, p.97).

Na medida em que as produções televisivas ganham espaço em outras plataformas vão modificando formas de estruturação e de oferta de conteúdos. Para a autora, os produtos televisuais estão adquirindo traços diferenciados na web, o que altera suas características estáveis. Cada espaço midiático possui aspectos específicos e, quando o jornalismo audiovisual é disponibilizado em algum deles, vai estar ampliando as formas de veiculação de suas produções.

### **1.2.2 Webjornalismo**

No que concerne ao webjornalismo, cabem algumas considerações sobre origem e configuração da era digital, aproximação entre essa ambiência e televisão e, por fim, repercussões do avanço tecnológico no fazer jornalístico.

#### *1.2.2.1 Origem e denominações próprias*

A internet representou, no mundo moderno, uma nova forma de comunicação, instituindo-se como uma mídia inovadora que condicionou hábitos e pensamentos humanos. Isso, de acordo com Jonhson (2001, n.p), na introdução do livro *Cultura da Interface*, acarretou inevitáveis modificações à televisão:

[...] se passamos a vida toda sob o feitiço da televisão, o mundo mental que herdamos dela, a supremacia da imagem sobre o texto, o consumo passivo, a preferência por fatos transmitidos ao vivo, em detrimento da contemplação histórica, nos parece inteiramente natural.

A reflexão em torno da era digital na atualidade exige, na sequência, a discussão de conceitos referentes a **ciberespaço, internet, interface e web**, para estabelecer relações e diferenças.

O **ciberespaço** é o ambiente de navegação, também chamado de rede, que surge da interconexão mundial dos computadores. É formado por zeros e uns, linguagem binária dominada por pessoas especializadas. De acordo com Lévy (1999, p. 17): "o termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo". O mesmo entendimento é utilizado nesta tese.

Dentro desse contexto, a **internet** constitui a estrutura que permite o estabelecimento de conexões no ciberespaço. Ela é formada tanto pelo hardware, que constitui a parte física do computador, quanto pelo software, que é a parte lógica e operacional. Os dois juntos são responsáveis pela interconexão através de um protocolo. A origem e o desenvolvimento da internet nas três últimas décadas do século XX são resultado, principalmente, da mistura entre estratégia militar e iniciativa científica e tecnológica, como relata Castells (1999, p. 82):

A Internet teve origem no trabalho de uma das mais inovadoras instituições de pesquisa do mundo: a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Defesa dos EUA. Quando o lançamento do primeiro Sputnik, em fins da década de 1950, assustou os centros de alta tecnologia estadunidenses, a ARPA empreendeu inúmeras iniciativas ousadas, algumas das quais mudaram a história da tecnologia e anunciaram a chegada da Era da Informação em grande escala.

Uma das estratégias criadas foi um sistema de comunicação protegido de ataques nucleares, em que, através da tecnologia de comunicação, "o sistema tornava a rede independente de centros de comando e controle, para que a mensagem procurasse suas próprias rotas ao longo da rede, sendo remontada para voltar a ter sentido coerente em qualquer ponto da rede" (CASTELLS, 1999, p.82).

Tempos depois, foi possível, através da tecnologia digital, o empacotamento de todos os tipos de mensagem, seja em áudio, imagens ou dados, criando-se, então, "uma rede que era capaz de comunicar seus nós sem usar centros de controles" (CASTELLS, 1999, p.82).

Em 1969, a primeira rede de computadores, chamada ARPANET, começou a funcionar. Os centros de pesquisa que colaboravam com o Departamento de Defesa

dos EUA tinham abertura para fazer uso da rede, mas os cientistas começaram a fazer uso dela, também para suas próprias comunicações. Diante disso, tornou-se difícil a separação entre pesquisas de fins militares, comunicações científicas e trocas pessoais. Assim, "permitiu-se o acesso à rede de cientistas de todas as disciplinas e, em 1983, houve a divisão entre ARPANET, dedicada a fins científicos, e a MILNET, orientada diretamente às aplicações militares" (CASTELLS, 1999, p.83).

Mais adiante, outras redes foram ganhando espaço, embora mantivessem como base do sistema de comunicação a ARPANET. A ARPA-INTERNET formou-se como a rede das redes, e depois foi chamada somente de INTERNET, ainda sustentada pelo Departamento de Defesa e operada pela National Science Foundation (CASTELLS, 1999).

Com o passar dos anos, o aumento de redes de empresas cooperativas e privadas e as pressões comerciais fizeram com que a internet fosse privatizada em sua totalidade. Dessa forma, não contava mais com nenhuma autoridade supervisora. Em 1998, originou-se um órgão regulador com sede nos EUA, mas, no ano seguinte, já não havia nenhuma autoridade clara sobre a internet: "sinal das características anarquistas do novo meio de comunicação, tanto tecnológica quanto culturalmente" (CASTELLS, 1999, p.84).

Para manter o crescimento de comunicações e instituir uma teia mundial, a tecnologia de transmissão foi aprimorada, para que os computadores fossem capazes de conversar uns com os outros. Dois cientistas da computação que faziam pesquisa na ARPA criaram a arquitetura fundamental da Internet, "desenvolvendo um trabalho com o fim de criar um protocolo de comunicação" (CASTELLS, 1999, p. 84).

Foi instituído, assim, um protocolo dividido em duas partes: servidor-a-servidor (TCP) e inter-redes (IP), que se tornou o padrão comunicacional entre computadores. Mesmo assim, para que os computadores se comunicassem, faltava ainda a adaptação do protocolo TCP/IP a outro sistema operacional. O UNIX foi criado e adaptado ao primeiro protocolo. Nesse sentido, o sistema de comunicação em rede espalhou-se por qualquer lugar onde houvesse linhas telefônicas e computadores equipados com *modems*.

A comunicação via correio eletrônico entre os integrantes da rede foi um grande passo e continua sendo o uso mais popular entre computadores, o que

possibilitou que a sociedade em geral tivesse acesso à internet. A teia mundial *www* (*World Wide Web*), que contém os sítios da internet, foi organizada por informação, o que facilitou a busca dos usuários e a consequente inter-relação com seus pares.

Relativamente à **interface**, ela pode ser entendida como "uma superfície de contato, de tradução, de articulação entre dois espaços, entre duas espécies ou ordens diferentes da realidade onde se produz o passo de um código a outro, do analógico ao digital, do mecânico ao humano" (LÉVY, 1993, p. 181). Assim, a interface constitui a informação sobre a informação, que pode ser representada através de zeros e uns, em uma tela de computador. Steve Johnson (2001, n.p.) explica esse conceito tecnicamente, no prefácio de seu livro *Cultura da Interface*, dizendo que:

a "interface" do livro são palavras impressas numa página, e a "interface" do cinema são imagens em celuloide. Meu uso da palavra deveria ser compreendido como um termo mais localizado, referindo-se a um ofício específico de criação de imagens, sons e palavras que podem ser manipulados numa tela.

Dessa forma, a interface corresponde a todo processo de transformação, tradução e transferência (SCOLARI, 2004; LÉVY, 1993). No fundo, ela se constitui como um conjunto de situações em que ocorre a transferência de informações (SCOLARI, 2004), possibilitando a interação entre a máquina digital e o homem.

A **Web**, por sua vez, constitui o espaço amplo de possibilidades de acesso dos usuários, permitindo que milhões de pessoas desfrutem desse contato. É importante ressaltar que, no início, a web era apenas uma parte da internet, em que documentos de texto eram ligados através de hiperlinks. Atualmente, ela representa um espaço maior em que novos usos e apropriações surgem a todo instante, tornando o acesso à internet mais simples.

A narrativa na Web, levando em consideração os elementos que constituem o meio, apresenta, conforme estabelecem Johnson e Scolari, **a função de** organizar e tornar acessíveis os dados na tela, o que a converte em mediadora entre computador, usuário e produtor (JOHNSON, 2001; SCOLARI, 2004). De acordo com Ribas, a função da narrativa na web é de "criar ambientes diferenciados para as relações entre os dados, permitindo experiências distintas e possibilitando a identificação de diferentes tipos de produtos e de estratégias comunicacionais" (RIBAS, 2005, p.7).

Ainda de acordo com Ribas, os princípios de "representação numérica, modularidade, automação, variabilidade e transcodificação" (RIBAS, 2005, p. 30) são transformadores de uma narrativa que se torna programável e manipulada através do computador, garantindo a manutenção do ambiente interativo.

A reflexão em torno dos conceitos de ciberespaço, internet, interface e web, na dimensão desta tese, serve para redimensionar essa comunicação da era digital, que permite tanto a potencialização do armazenamento e recuperação de dados, quanto a ampliação da autoria. Tais noções fundamentam as discussões da ambiência digital e sua relação com a televisão.

#### *1.2.2.2 Aproximação entre ambiência digital e televisão*

Para investigar a proximidade entre ambiência digital e televisão, o passo inicial consiste no exame da denominada cultura da convergência (JENKINS, 2009), reconhecida na diversidade tecnológica e nos aparatos conectados às redes digitais. Essa cultura marca-se, fundamentalmente, pela alteração do perfil dos consumidores convencionais, mediante o surgimento de uma série de possibilidades diferenciadas de trocas em um cenário de comunicação. Com isso, os públicos modificam cada vez mais suas preferências com relação às fontes de entretenimento e informações.

Jenkins (2009, p. 52) considera, ainda, que a sociedade está “numa era de longa transição e de transformação no modo como os meios de comunicação operam” e, em idêntica proporção, o público ganha poder com as novas tecnologias, ocupando “um espaço na intersecção entre os velhos e os novos meios de comunicação”. A cultura da convergência, que traz consigo as mudanças tecnológicas, culturais, mercadológicas e sociais, representa outra configuração do consumo. Enquanto o computador transformou as pessoas em produtores e editores, pois qualquer um pode produzir conteúdo, a internet converteu todo mundo em distribuidor (ANDERSON, 2006). Essa verdadeira democratização da distribuição alterou estrategicamente as mídias convencionais, pois as formas de comunicação de massa, utilizadas há pouco tempo atrás, já não funcionam da mesma forma. Os conglomerados já não atuam sozinhos, dividindo seu espaço com indivíduos dispostos a se manifestar.

Essa relação que se estabelece entre mídia, tecnologias digitais e usuário, segundo Costa (2016), faz com que a televisão reconheça diferentes movimentos na produção e reprodução de seu conteúdo em ambiência digital.

O primeiro movimento observado é da transposição de conteúdo. As principais emissoras nacionais comerciais, como Rede Globo, Rede Record, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e Bandeirantes reproduzem no ambiente digital o mesmo material exibido na TV, para ser acessado por quem não viu ou deseja rever, ainda que tenha duração menor e seja exibido em tela diferente. Se, por um lado, a transposição de conteúdo pode ser apontada como modelo ultrapassado ou incoerente diante da potencialidade da internet; de outro, a disponibilização do conteúdo exibido na TV, acessível e passível de ser compartilhado entre usuários, pode representar um ambiente mais democrático da informação.

Outro movimento é a disponibilização de aplicativos de redes sociais e tecnologia da informação. É a denominada Web 2.0, termo criado por Tim O'Reilly em 2004, para evidenciar uma segunda geração de serviços ofertados na internet. A Web 2.0 acarretou não apenas a colaboração maior dos usuários na organização dos conteúdos, como o aumento da facilidade e velocidade do uso de muitos aplicativos. Acima de tudo, a Web 2.0 exige de forma mais direta a participação e a interação de produtores e usuários por meio de um ambiente digital mais dinâmico. Nessa medida, a rede digital passa a ser uma plataforma aberta com facilidade de acesso, construção e publicação de conteúdos, e essa condição impulsiona o público a se manifestar, fortalecendo a ação dos coletivos inteligentes (LÉVY, 1998).

A partir dessa noção, Romaní e Kuklinski (2007, p.15) retomam as sete principais características, anunciadas por O'Reilly (2005):

la World Wide Web como plataforma de trabajo, el fortalecimiento de la inteligencia colectiva, la gestión de las bases de datos como competencia básica, el fin del ciclo de las actualizaciones de versiones del software, los modelos de programación ligera junto a la búsqueda de la simplicidad, el software no limitado a un solo dispositivo y las experiencias enriquecedoras de los usuarios.

A partir da especificação dessas características da Web 2.0, considera-se pertinente a exemplificação de alguns constituintes dessa plataforma, como o YouTube e o Facebook, que no Brasil têm se revelado como espaços significativos de conexão entre os usuários.

O Facebook é um site de rede social propriamente dito, conforme Recuero (2009), que tem como aspecto central a possibilidade de visualização de contatos e de descrição dos indivíduos em seus perfis, que são públicos e têm suas interações rastreáveis (RECUERO, 2009). Assim, esses indivíduos podem ser identificados mesmo depois da publicação, já que ficam registrados nos perfis públicos. As páginas disponibilizadas no Facebook criam elementos de reconhecimento, que permitem a busca de maior visibilidade e popularidade das produções e possibilitam, através dos registros das interações realizadas, a verificação do *feedback* e das impressões do público.

Já o YouTube, primeiro site a difundir o compartilhamento de vídeos no ciberespaço, constitui hoje, para Burgess e Green (2009), o melhor exemplo de cultura participativa na internet. No início, em 2005, quando surgiu, funcionava apenas como um depósito de vídeos, transformando-se, logo em seguida, como um espaço de transmissão contínua entre os usuários, que podem fazer uso do site para se manterem conectados às redes sociais e compartilharem conhecimento e conteúdo. O YouTube é considerado o maior site de vídeos do mundo, dado o amplo alcance, a possibilidade de hospedagem e arquivo para vídeos, a opção de compartilhar, curtir e comentar as postagens e o alto potencial de viralizar. Em contrapartida, apresenta uma política de termos de uso, que pode impedir a postagem de alguns conteúdos.

A popularidade do site cresceu tanto, que cerca de 100 milhões de vídeos já foram exibidos, por usuários das mais diversas faixas etárias. A cada minuto, são carregadas e compartilhadas mais de 100 horas de vídeo. Como o site está presente em aproximadamente 56 países, marcas e empresas utilizam-no cada vez mais para serem conhecidas pelo mundo (BURGUESS; GREEN, 2009).

A aproximação entre ambiência digital e televisão favoreceu o desenvolvimento de TVs on-line que, de acordo com Costa (2016), decorre da apropriação de três causas principais, antes apontadas por John Pavlik (2000): "produtos audiovisuais inovadores, novas tecnologias de compressão de vídeo e popularização do serviço de banda larga nos Estados Unidos" (COSTA, 2016, p.146). No entendimento do autor, a primeira TV on-line, associada à inovação, foi a MTV americana em 1996, quando esta passou a transmitir a programação do canal a cabo MTV2 pela internet, complementando os programas exibidos em páginas de informação.

Uma outra possibilidade de aproximar ambiência digital e televisão é a revisão de nomenclaturas e conceitos desenvolvidos no âmbito da academia, embora não exista consenso entre essas denominações.

Nogueira (2005) reconhece três formas de produção audiovisual pela internet: TV aberta presencial on-line, relacionada às emissoras de TV convencionadas que possuem página na web; Canal de Conteúdo em Vídeo, correspondente às produções específicas para a internet, com formas de interatividade; e WebTV, referente às emissoras nascidas na web, mas que possuem programação também em canais por assinatura, devido à audiência reduzida na rede.

Teixeira (2011), por sua vez, privilegia apenas a webTV, entendida como *site* que possui como prioridade o depósito de materiais audiovisuais. Já Amaral (2007) diferencia WebTV de CiberTV, conceituando a primeira como emissora convencional, que se utiliza da internet para distribuir sua programação, e a segunda como canal de TV, concebido e transmitido somente no espaço virtual. Como se pode ver, as denominações utilizadas não distinguem com clareza se a webTV é uma televisão nativa da internet (FERNANDES, 2008), ou se é apenas uma publicação on-line de vídeos (DIAS, 2010), e essa falta de partilhamento conceitual dificulta a delimitação dos conceitos.

A principal característica, nessa aproximação entre ambiência digital e televisão, é o papel do telespectador e os rumos que sua interferência na programação podem assumir no futuro, sobretudo depois da implantação da TV digital, sistema mais moderno, que permite excelente nitidez de imagem. O sinal de TV digital<sup>1</sup>, em implantação no Brasil há mais de dez anos, atingiu todo território nacional em dezembro de 2018. Através do SBTVD-T (Sistema Brasileiro de Televisão Digital), o sistema transmite em alta definição, servindo para recepção fixa, móvel e portátil, e permite a interatividade com outros meios de informação, como o celular, com uso ou não da internet. Além disso, cada emissora é capaz de produzir diferentes conteúdos simultaneamente, o que possibilita a transmissão de mais de um programa ao mesmo tempo. Através do site *sejadigital.com.br*, foi possível acompanhar o período de desligamento do sinal analógico e de instalação do sinal digital em qualquer cidade.

---

<sup>1</sup> Informações pesquisadas no site: [www.teletronix.com.br](http://www.teletronix.com.br), dia 05/07/2018.

Como se pode ver, a rapidez do crescimento tecnológico reserva possibilidades imprevisíveis, o que leva a academia, o mercado e as empresas de comunicação a um permanente acompanhamento dessa evolução.

### *1.2.2.3 Repercussão no fazer jornalístico*

Não é de hoje que o fazer jornalístico, atento às mudanças de plataformas, vem se modificando, tendo em vista a expansão da web com o conseqüente emprego de terminologias, a consideração das gerações propostas e a reconfiguração da notícia em tempos de convergência, com o respectivo envolvimento do público.

#### a) Expansão da web e emprego de terminologias

Um aspecto que permite a inter-relação de ambiência digital e fazer jornalístico diz respeito às terminologias empregadas, que passam por denominações como jornalismo eletrônico, jornalismo digital, jornalismo on-line, jornalismo na internet, ciberjornalismo, webjornalismo, apresentados sob diferenciadas perspectivas e, inclusive, localização de origem. Enquanto os EUA e o Brasil recorrem aos termos jornalismo on-line e jornalismo digital, a Espanha utiliza os termos jornalismo eletrônico, ou multimídia, e ciberjornalismo (MIELNICZUK, 2003).

Na visão de Bastos (2000), o jornalismo digital refere-se à disponibilização que os produtos noticiosos ganham no meio; o jornalismo on-line diz respeito à possibilidade de atualização e apuração contínua dos fatos. Não obstante, o autor adota a denominação de jornalismo eletrônico como aquele que permite abranger os dois primeiros entendimentos, tanto as notícias disponibilizadas como aquelas em vias de apuração.

Já Mielniczuk distingue jornalismo eletrônico de jornalismo digital. Enquanto o primeiro se refere à utilização de aparelhagem eletrônica para a captura e para a disseminação de informações; o outro refere-se "à manipulação conjunta de dados digitalizados de diferentes naturezas: texto, som e imagem" (MIELNICZUK, 2003, p. 24-25).

Como se pode perceber, existe uma multiplicidade de denominações e de abrangências entre os autores convocados, o que exigiu a escolha por uma proposição mais adequada à presente reflexão. Por esse motivo, a escolha recaiu

nas formulações trazidas por Mielniczuk (2003). No entendimento da autora, o âmbito eletrônico é o mais abrangente, diante do fato de que o fazer jornalístico se utiliza de aparelhos tecnológicos, tanto para coletar informações quanto para divulgá-las. Assim, mesmo que a tecnologia seja analógica ou digital, a denominação mais adequada seria de jornalismo eletrônico.

Após o eletrônico, está o âmbito digital, atendendo a perspectiva que envolve a manipulação de texto, som e imagem. O termo está relacionado, também, a elementos jornalísticos no espaço digital, conectados ou não. Essa tecnologia digital encontra-se inserida no contexto eletrônico e cresce a cada dia de forma acelerada: "são câmeras fotográficas digitais; gravadores de som; ilhas de edição de imagens não-lineares; suportes digitais para a disseminação da informação; hardware e software para a manipulação das informações..." (MIELNICZUK, 2003, p. 25). Com esse entendimento, a autora propõe a estrutura das esferas, que vai do mais ao menos abrangente.

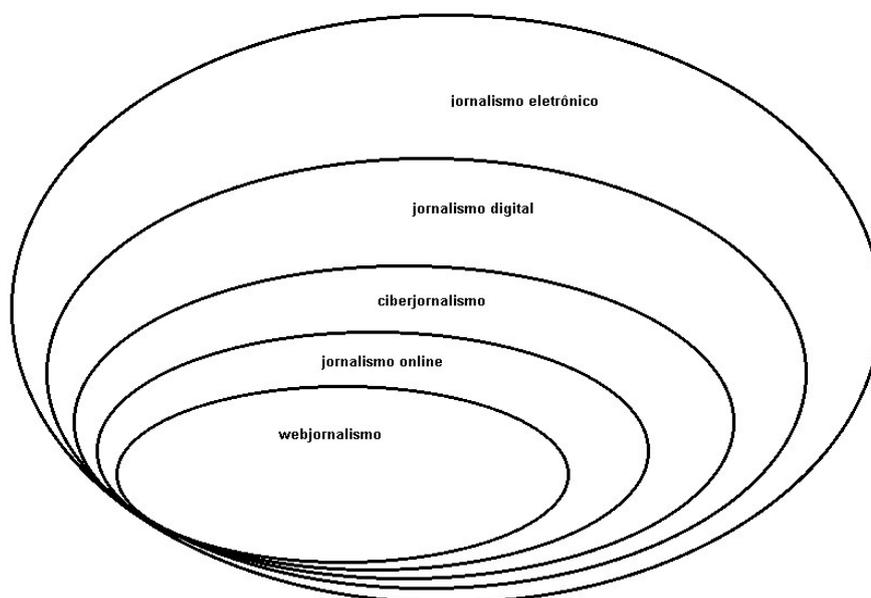
Dessa forma, depois de reconhecer o jornalismo digital inserido dentro do eletrônico, a autora formula a esfera do ciberjornalismo, que corresponde ao uso das tecnologias no gerenciamento de dados de uma reportagem jornalística.

A esfera seguinte, na perspectiva da autora, corresponde ao uso "on-line", que traduz a ideia de conectividade ao tempo real. Nesse caso, a transferência de material on-line é feito pela tecnologia digital, associada à instantaneidade do momento, até porque é preciso considerar que nem tudo que é digital é on-line.

Por fim, encerrando o conjunto das esferas, a autora situa a produção noticiosa exclusiva da rede, por ela denominada de webjornalismo, evidenciando a estreita relação da informação oferecida com o suporte técnico (Figura 01).

Também Canavilhas (2003) reconhece que o webjornalismo tem relação com o suporte técnico, assim como o telejornalismo diz respeito àquele desenvolvido para televisão e o radiojornalismo para rádio. Na condição de fazer jornalístico na web, esse tipo de comunicação busca, segundo o autor, o desenvolvimento eficiente de produtos adequados ao suporte e ao público.

Figura 01- Esferas de representação



Fonte: MIELNICZUK, 2003, p.28.

No contexto do presente trabalho, voltado ao fazer jornalístico universitário veiculado na web, as esferas propostas pela autora podem ser assim reconhecidas:

- o primeiro nível envolve todas as possibilidades de áudio e vídeo, englobando também a televisão, que lança mão de suporte eletrônico com características e possibilidades específicas;

- o segundo nível corresponde ao uso de recursos jornalísticos (texto, som e imagem) no espaço digital, para a disseminação de informações;

- o terceiro nível corresponde ao emprego dos variados recursos jornalísticos e tecnológicos no gerenciamento de informações. É importante observar que a maioria dos autores na América Latina utiliza o segundo e o terceiro níveis como sinônimos, na medida em que os dois contemplam a interface recurso jornalístico e espaço digital;

- o quarto nível envolve o uso dos mesmos recursos para traduzir a instantaneidade do momento, o que evidencia a conectividade ao tempo real, ou seja, a articulação simultânea entre a produção e a recepção;

- o quinto nível envolve o uso dos recursos jornalísticos e tecnológicos no conjunto das produções noticiosas veiculadas exclusivamente pela web.

Nessa direção, fica claramente justificada a escolha da esfera do webjornalismo como a mais pertinente para a investigação deste trabalho, voltada à produção audiovisual universitária veiculada na web. Essa escolha prevê a consideração pela mistura do texto, áudio e imagem em ambientes conectados às redes, não necessariamente on-line, para a produção e disseminação de conteúdo noticioso.

#### b) Proposição de gerações

Uma vez definida a pontualidade da esfera do webjornalismo nesta tese, o passo seguinte é o reconhecimento das três gerações, formuladas por Mielniczuk (2003), que buscam, de certa forma, traduzir as etapas de evolução, a partir do uso da ambiência digital.

##### **- primeira geração ou fase de transposição**

A simples transposição de conteúdo da plataforma de origem para a internet caracteriza-se como webjornalismo de primeira geração, fase em que os produtos são cópias de conteúdo dos jornais impressos para a plataforma web, comum na década de 90. Os mass media apresentam linguagens jornalísticas adaptadas às características específicas de cada um, ou seja, o jornalismo impresso, radiofônico e televisivo são distintos em suas rotinas e constituição de narrativas. O surgimento da internet, em um primeiro momento, fez com que esses meios consolidados migrassem seus conteúdos para o novo espaço, sem alteração alguma de linguagem.

Segundo Canavilhas (2012, p.1), essa etapa corresponderia "a uma simples transposição dos velhos jornalismo escrito, radiofônico e televisivo para um novo meio". A internet, nessa primeira fase, não foi exceção nas previsões de McLuhan, quando afirmou que o conteúdo de um meio é sempre igual ao anterior que foi substituído. No início, devido a questões técnicas, essa ambiência digital foi usada para distribuir conteúdo do jornal; posteriormente, o rádio e a televisão também apresentaram seus conteúdos de base na internet. Ainda que a iniciativa tenha sido pioneira, a mera transposição de conteúdo ao meio digital evidenciou um relativo desperdício.

##### **- segunda geração ou fase metáfora**

A segunda geração, trazida por Mielniczuk, é intitulada de fase metáfora, momento em que os produtos, mesmo seguindo o modelo do jornal impresso, começam a explorar as características que a rede oferece, tais como "*links* com

chamadas para notícias de fatos que acontecem no período entre as edições" (MIELNICZUK, 2003, p. 34), ou *e-mail* para comunicação entre jornalista e leitor ou entre leitores. Nessa fase, existe uma vinculação estreita entre o produto e as empresas jornalísticas que lhe deram origem.

#### **- terceira geração ou webjornalismo propriamente dito**

A terceira geração constitui a fase do webjornalismo, e está relacionada à efetiva exploração dos potenciais oferecidos pela web para fins jornalísticos. Nessa fase,

os produtos jornalísticos apresentam recursos em multimídia, como sons e animações, que enriquecem a narrativa jornalística; oferecem recursos de interatividade, como *chats* com a participação de personalidades públicas, enquetes, fóruns de discussões; disponibilizam opções para a configuração do produto de acordo com interesses pessoais de cada leitor/usuário; apresentam a utilização do hipertexto não apenas como um recurso de organização das informações da edição, mas também começam a empregá-lo na narrativa de fatos (MIELNICZUK, 2003, p. 36).

As fases apresentadas pela autora não param no tempo e não se excluem entre si, o que significa que, em um mesmo período, é possível encontrar publicações jornalísticas para a web que pertençam a mais de uma geração.

Nessa fase, acontece o reconhecimento da existência de algumas características do webjornalismo: interatividade, hipertextualidade, atualização contínua, personalização, memória e multimedialidade, que são as marcas da web e estão presentes em todas as produções. Esses atributos representam os potenciais oferecidos pela internet ao jornalismo produzido para a web.

A *interatividade* está voltada para um conjunto de situações que permite ao usuário estabelecer relação com a máquina, com a própria publicação e com outras pessoas. A *personalização* é um processo de seleção de conteúdos jornalísticos de acordo com interesses individuais do usuário. Alguns sites noticiosos, no momento em que são acessados, já carregam no computador do usuário demandas pré-estabelecidas. Além disso,

também pode ser considerado como personalização, a possibilidade de cada leitor estabelecer um percurso individualizado de leitura a partir da navegação pelo hipertexto. Assim, cada indivíduo construiria um produto individualizado, fruto de sua leitura (suas escolhas individuais) pelos caminhos oferecidos na narrativa hipertextual. Isto significa que dois leitores, ao navegar pelo mesmo hipertexto, ao final, terão lido textos distintos (MIELNICZUK, 2003, p.45).

Outra característica é a *hipertextualidade*, que possibilita conectar, através de links, o texto noticioso original a outros textos do mesmo assunto. Já a *multimídia* está relacionada à "convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico em um mesmo suporte" (MIELNICZUK, 2003, p.48). Sobre a *memória*, pode-se dizer que, na web a quantidade de conteúdos armazenados é superior do que em outras mídias. Além disso, há a facilidade de acessar material antigo com mais agilidade e o volume de informações à disposição dos usuários também é maior. Por fim, está a *atualização contínua*, que pode ser exemplificada através das seções "últimas notícias", que normalmente estão disponíveis nos espaços noticiosos da web. A agilidade das informações, que chegam em tempo real para os usuários, é possibilitada pela associação entre tecnologia digital e tecnologia das redes telemáticas (MIELNICZUK, 2003).

Aliás, relativamente a essa terceira geração, Canavilhas (2012, p. 2) destaca que a produção de notícias passa a ser realizada com uma linguagem que envolve "palavras, sons, vídeos, infografias e hiperligações, tudo combinado de forma a que o utilizador possa escolher o seu próprio percurso de leitura". Nesse caso, aponta que o jornalismo na web tem a possibilidade de explorar as potencialidades específicas do meio, através da webnotícia (CANAVILHAS, 2012). Isso significa que a definição de jornalismo está baseada no suporte técnico e no meio difusor das notícias. Assim pensando, Canavilhas (2012) define que a forma de produção noticiosa e de leitura se alteram em função dos elementos multimídia utilizados. Nessa linha, o webjornalismo tem o desafio de encontrar uma linguagem que se adapte às exigências de um público mais rigoroso e objetivo. Um forte ponto, então, a ser explorado, no âmbito desta tese, é a possibilidade de interação com o produtor da notícia, já que o acesso a diversas fontes de informação e o crescente espírito crítico proporcionam a emissão de opiniões de forma simples e prática.

Já na visão de autores como Bardoel e Deuze (2001), alguns elementos se repetem, mas outros podem ser acrescentados. Para eles, a interatividade, a customização de conteúdo, a hipertextualidade e a multimídia são características webjornalísticas. Também Palacios (1999) elege características, reconhecendo como regulares a multimídia/convergência, a interatividade, a hipertextualidade, a personalização e a memória.

Mesmo que o jornalismo impresso, radiofônico e televisivo apresentem traços particulares, a internet consegue reunir as três linguagens através do hipertexto. A utilização simultânea de texto, fotos e vídeos produz uma linguagem múltipla que é imprescindível para os jornalistas, conforme destaca Edo (2001). Um dos diferenciais apresentados pela web é a escrita hipertextual<sup>2</sup> e a mídia digitalizada, em que a informação encontra-se disponível ao usuário através de diversos formatos interconectados, seja em vídeo, áudio, texto ou animação.

Na sequência da reflexão, é importante destacar que as três gerações propostas por Mielniczuk foram complementadas por Barbosa (2008), que acrescentou mais duas: a quarta e a quinta geração.

#### **- quarta geração ou consolidação das bases de dados**

A quarta geração ou inter-relacionamento/hiperlinkagem é caracterizada "pela consolidação das bases de dados como estruturantes da atividade jornalística e como agentes singulares no processo de convergência jornalística" (*ibid.*, p. 7). Essa quarta geração, com o aumento das possibilidades de navegação, permitiu uma maior ligação de conteúdos jornalísticos.

A constatação de Barbosa (2004a, 2004b, 2004c) considera que as bases de dados<sup>3</sup> têm a capacidade de criar uma nova perspectiva para essa forma de jornalismo, que vai além da que se conhece através do impresso. O sistema de base de dados permite que o tratamento da informação seja feito de diversas formas, tanto no que diz respeito à coleta/apuração, construção e publicação de conteúdos, como também ao acúmulo e recuperação das informações (BARBOSA, 2004a).

O aperfeiçoamento das bases de dados, que funciona como um sistema de informação, permitiu que se chegasse à era da comunicação em redes digitais "como uma das mais imprescindíveis soluções para o armazenamento, a estruturação e o compartilhamento de informações" (BARBOSA, 2008, p.2). Todo esse desenvolvimento vem para dar conta de novas necessidades sociais de pessoas que se utilizam das tecnologias de informação e comunicação nas suas atividades diárias. As bases de dados acabam por exercer um papel fundamental,

---

<sup>2</sup> Hipertexto: "la convergencia de la escritura con los medios digitales da lugar a un nuevo modo de estructurar y acceder a la información denominado hipertexto, así como a nuevas modalidades narrativas como la información y la ficción interactiva" (Orihuela, 2000, p.91).

<sup>3</sup> Base de dados é a estrutura lógico-matemática que permite o armazenamento e a estruturação dos conjuntos, de modo que os dados são independentes e podem ser modificados, representados ou consultados de diversas maneiras (RIBAS, 2005, p.7).

seja "registrando diariamente bilhões de ações e hábitos de todos nós, produzindo perfis, formatando novos padrões de consumo, gerando um novo sujeito, forjando produtos culturais, armazenando, estruturando e distribuindo conhecimento" (BARBOSA, 2008, p. 4).

A autora destaca, ainda, que as bases de dados influenciam, decisivamente, o desenvolvimento do Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD), até porque reconhece as bases de dados como elementos fundamentais para a criação de sites jornalísticos, "sob o foco de continuidades/remediações, rupturas e potencialidades" (BARBOSA, 2008, p.5). Dessa forma, as bases de dados se consolidaram, trazendo mais dinamicidade para o campo do jornalismo e cibermeios. A autora conceitua ainda o Modelo JDBD como:

aquele que tem as bases de dados como definidoras da estrutura e da organização, bem como da apresentação dos conteúdos de natureza jornalística, de acordo com funcionalidades e categorias específicas, que vão permitir a criação, a manutenção, a atualização, a disponibilização e a circulação de produtos jornalísticos digitais dinâmicos (BARBOSA, 2008, p.6).

Sendo assim, as bases de dados destacam-se por integrarem as rotinas de produção, edição, apresentação e distribuição dos meios, facilitando o trabalho dos profissionais e a adaptação de conteúdo de um meio para outro.

Convém reforçar que a classificação das quatro gerações não consegue dar conta da amplitude de produtos do jornalismo em redes digitais, até porque publicações como as de tablets não estão mais diretamente ligadas ao *www* (*World Wide Web*), mesmo que encontrem suporte no ciberespaço. Se "a nomenclatura webjornalismo trazia a ideia de produtos dependentes diretamente deste espaço digital fechado em si mesmo, em que o *www* regia as linguagens, o espaço e inclusive certas características de formatação e design" (NUNES, 2016, p.24), hoje o conjunto de fenômenos ultrapassa a realidade digital e parece abrir outras possibilidades de atualização.

Como se pode perceber, o contexto atual vai além desse cenário, pois o crescimento da web vem possibilitando outras abrangências. Enquanto "o termo webjornalismo se vincula a um período em que a informação jornalística estava disponibilizada digitalmente de forma majoritária em páginas de sites na web" (NUNES, 2016, p. 24-25), atualmente a web constitui apenas uma parte do ciberespaço. Novos usos e apropriações surgem diariamente, conectando computadores e dispositivos eletrônicos através da rede mundial.

A hegemonia da web vem, ao longo dos anos, perdendo força, principalmente através do uso de aplicativos móveis, visto que, em alguns casos, a leitura dos conteúdos não necessita mais de conexão, a não ser que seja para fazer a atualização. Dessa forma, deixa-se o âmbito do ciberespaço, pois "sua existência é dependente da internet (para atualização), mas sua leitura/visualização pode estar alheia à conectividade, mesmo que haja ainda perda de alguns conteúdos que necessitem de conexão, como hiperlinks e vídeos" (NUNES, 2016, p. 25). Além disso, é preciso considerar que as interfaces projetadas e apresentadas aos públicos em aplicativos móveis de tablets e smartphones consideram padrões de navegação e aspectos específicos dos suportes diferentes do que é possível através do suporte computacional. Ou seja, elementos como taticidade, que diz respeito à tela touchscreen dos dispositivos móveis (PALACIOS; CUNHA, 2012), portabilidade e mecanismos peculiares das ferramentas móveis, são diferenciais que geram variadas propostas editoriais e distintos produtos, representando a ampliação de possibilidades de produção e consumo.

#### **- quinta geração**

Como as quatro gerações não conseguiram alcançar a amplitude dos produtos jornalísticos em redes digitais, Barbosa sugere a inserção de uma quinta geração, ou etapa, que apresenta um cenário alheio à web, marcado pelo crescimento das potencialidades off-line, móvel, que transita entre o jornalismo impresso e o digital. Segundo a autora, essa geração é caracterizada pelo Paradigma Jornalismo em Base de Dados (BARBOSA, 2013).

Nessa fase, os produtos apresentam particularidades jornalísticas que não aparecem nas outras gerações, haja vista o destaque para os aplicativos "autóctones", considerados de maior potencial inovador. Isso porque apresentam conteúdos e características exclusivas, que não são transposições de suportes anteriores. Trata-se de produções adequadas às mídias móveis, pensadas para elas (BARBOSA, 2013).

Os produtos dessa geração relacionam-se com uma audiência em transformação, que transita entre as mídias digitais e o papel, através de um jornalismo que não está mais na web. A principal característica dessa quinta geração é o conceito de convergência jornalística.

#### **c) Reconfiguração da notícia em tempos de convergência**

Outro aspecto de aproximação de ambiência digital e de fazer jornalístico diz respeito ao uso que esse ambiente, em grande escala, trouxe ao universo midiático. Não se pode esquecer que, muito antes do surgimento da web, a internet já era utilizada para divulgação de informações, tanto aquela de natureza nacional ou internacional, como aquelas de natureza pessoal. Aliás, como refere Mielniczuk (2003), o próprio serviço de e-mail, destinado a um público específico, tinha um caráter de notícia. Além disso, nos dias de hoje as versões digitais dos jornais são uma outra forma de deixar visível a informação, evidenciando as inúmeras possibilidades de veiculação das informações.

As novas tecnologias também desafiam os veículos, que buscam a constante adequação. Em paralelo, estão as empresas de comunicação, que utilizam essas possibilidades e aquilo que é produzido pelos veículos de forma diversificada. A convergência atua na integração dos espaços, das linguagens, dos métodos de trabalho, de maneira que a distribuição dos conteúdos aconteça através de múltiplas plataformas (ALBAN; BARBOSA, 2012). Para Barbosa, Normande e Almeida (2014, p.3) “o cenário de inovação atual tem como norma a convergência jornalística”, pois ela conduz para mudanças, não apenas tecnológicas, mas também de conteúdos, processos e de comportamento dos consumidores das notícias. A mídia caminha para essa nova forma de apresentar o conteúdo e os profissionais da comunicação precisam adequar-se a esse contexto.

Também o público é reconfigurado em tempos de ambiência digital. Como destaca Belochio (2012, p. 57): "os próprios cidadãos esperam por comportamentos e atitudes distintas das organizações midiáticas, não é possível que elas continuem apostando em táticas convencionais para conquistar a sua atenção". Nesse momento, tanto a forma de ler quanto os leitores, encontram-se ligados a mudanças tecnológicas e culturais, dando início ao que Barbosa compreende ser uma *produção horizontal*. A autora traz a proposta do *continuum* multimídia de cariz dinâmico, que é "marcado pela horizontalidade nos fluxos de produção, edição, e distribuição dos conteúdos" (*ibid.*, p.33). Ou seja, no cenário da atualidade, a ação integrada dos meios faz com que haja conformidade entre processos e produtos. Para tanto, o conceito de *continuum* multimídia representa, de forma mais clara, o processo de convergência jornalística, que certifica a distribuição multiplataforma (BARBOSA, 2013).

A partir desse conceito, entende-se que, ao planejar o conteúdo em uma redação, não se pensa somente em uma mídia, mas no conteúdo aplicado a várias situações midiáticas. Como as mídias agem de forma integrada, elas ressaltam suas particularidades e acarretam o surgimento de novas narrativas. No fundo, a web age como um dinamizador das potencialidades de cada mídia.

O aproveitamento das melhores oportunidades de cada meio, entre novos e antigos, busca a atração de múltiplos públicos. O veículo, ao explorar os potenciais dos formatos combinando-os, tem a capacidade de conseguir produtos únicos (FONSECA, 2015). Diante disso, Barbosa (2013) apresenta um entendimento que visa à união dos meios, processos e produtos.

Para Salaverria (2010), a integração dos espaços, ferramentas, linguagens e métodos de trabalho, resultado da convergência jornalística, vai interferir nas dimensões tecnológica, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação. Esse procedimento gera, também, transformações no espaço físico de organizações jornalísticas, que são essenciais para as mudanças promovidas nos fluxos produtivos e de circulação dos conteúdos jornalísticos.

Diante da descrição e entendimento da expansão da web com o conseqüente emprego de terminologias, da consideração pelas gerações propostas e da reconfiguração da notícia em tempos de convergência, com o respectivo envolvimento do público, atenta-se para a velocidade das transformações tecnológicas e a crescente evolução das empresas jornalísticas, através das plataformas de notícias multimídia, atendendo as diversidades de narrativas.

## **2 INTERFACE WEB/TELEJORNALISMO**

Este capítulo, depois de estabelecida a relação do jornalismo com a web, trata de redimensionar a relação do telejornalismo no ciberespaço. Nesse sentido, busca enfatizar o papel da TV universitária no meio acadêmico, ressaltando a relação com o processo de ensino e suas perspectivas. Além disso, propõe uma discussão em termos conceituais para esse tipo de produção (Pampa News e do TJ UFSC) e delimita seu entendimento no âmbito desta tese.

### **2.1 ÂMBITO UNIVERSITÁRIO**

No que compete ao contexto universitário, algumas considerações merecem destaque: como a caracterização de TV Universitária; a relação do telejornalismo com o ensino e suas perspectivas frente ao desenvolvimento tecnológico. Propõe-se, então, a reflexão desses pontos, a partir de agora.

#### **2.1.1 Configuração da TV Universitária**

A televisão universitária é caracterizada pela Associação Brasileira de Televisão Universitária (ABTU) como:

[...] aquela produzida no âmbito das IES ou por sua orientação, em qualquer sistema técnico ou em qualquer canal de difusão, independente da natureza de sua propriedade. Uma televisão feita com a participação de estudantes, professores e funcionários; com programação eclética e diversificada, sem restrições ao entretenimento, salvo aquelas impostas pela qualidade estética e a boa ética. Uma televisão voltada para todo o público interessado em cultura, informação e vida universitária [...] (ABTU, 2004, p. 5).

A produção em TV universitária pode ser feita de três maneiras: apenas por profissionais da área contratados; por estudantes e profissionais; ou ainda somente por alunos e professores. O espaço destinado para o ensino e aprendizagem, das TVs universitárias, muitas vezes é sinônimo de reprodução das práticas de televisões convencionais, o que impede a experimentação de novas possibilidades que acompanhem as transformações tecnológicas do meio. Outro fator limitante é a

ligação, que a maioria das TVs universitárias têm com suas reitorias, que intervêm no conteúdo dos programas e na maneira como devem ser conduzidos.

A transmissão a cabo é um dos principais meios de difusão de tevê universitária. Esses canais, segundo as leis de 1995 e 2011<sup>4</sup>, não podem fazer veiculação de caráter privado, como comercializar intervalos, a não ser que seja sob forma de apoio cultural. Seguindo nessa direção, Porcello (2002), afirma que a televisão universitária “[...] não é e nunca será uma emissora de grande audiência. Tampouco será uma rede nacional como as TVs abertas no Brasil, que sufocam a produção regional. Ela será segmentada e voltada para as realidades locais” (PORCELLO, 2002, p. 82). Além disso, o autor reforça a importância desse espaço para a divulgação do conhecimento, aprofundamento dos temas e desenvolvimento da cidadania através dos conteúdos trabalhados.

A partir dos anos 90, com a difusão da Lei do Cabo, as tevês universitárias se ampliaram pelo país. "A Lei tornou obrigatória às operadoras a disponibilização de um canal universitário para compartilhamento entre as instituições do(s) município(s) da área de prestação de serviço da operadora, o que contribuiu para a expansão do segmento no país" (ALEXANDRE, 2016, p.82). O primeiro canal universitário a operar através do cabo foi a TV Campus, da Universidade Federal de Santa Maria/RS, abrindo caminho para outras instituições, que investiram na difusão de seus canais. O canal Universitário de São Paulo, composto por nove instituições, foi fundado em 1997 e, a partir daí, universidades do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais seguiram o mesmo caminho.

Os anos 2000 tiveram um grande crescimento no número de tevês universitárias. Em 2010, o Mapa da TV Universitária Brasileira registrou a existência de 151 canais, nascidos com o propósito de divulgar o conhecimento da comunidade acadêmica e oferecer espaços para a qualificação do ensino de telejornalismo (RAMALHO, 2011).

Outro fator que contribuiu para o crescimento das tevês universitárias no Brasil foi o desenvolvimento da internet. As produções feitas por alunos e professores, que ficavam restritas à sala de aula, começaram a ganhar espaço de visualização através da internet, pois a falta de restrições de formato, abordagem e

---

<sup>4</sup> Lei nº 8.997 (BRASIL, 1995) e Lei nº 12.485 (BRASIL, 2011).

tempo tornaram os espaços on-line locais potenciais para a divulgação desses materiais.

### **2.1.2 Relação com o ensino e perspectivas**

A produção de telejornais nas universidades, através de disciplinas ou projetos, garante uma formação mais qualificada, pois se complementam teoria e prática. Brasil e Emerim ressaltam que “a formação do jornalista televisivo deve ser levada a sério, visto a importância que estes profissionais tendem a assumir na vida social quando se inserem no mercado de trabalho” (BRASIL; EMERIM, 2011, p. 4). Pode-se entender o conceito de telejornal universitário ou telejornal laboratório através das palavras de Lopes (1989, p.50):

[...] um veículo que deve ser feito a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica. Eventualmente, seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional.

A produção telejornalística qualificada nas universidades exige que o processo de ensino e aprendizagem seja voltado para uma prática de laboratório específica e intensa. Esta não é a realidade de muitos cursos de Jornalismo, que muitas vezes dispõem de apenas uma ou duas disciplinas de tele durante todo o curso e ainda não possuem uma prática adequada, devido à falta de equipamentos, à ausência de técnicos capacitados e até mesmo à inexistência de estúdios de gravação. Entende-se a necessidade do ensino qualificado em instituições que não possuem uma TV Universitária, através das palavras de Brasil (2011, p.3):

Ensinar jornalismo de televisão sem uma televisão era e ainda é inaceitável. Na falta de bons laboratórios, de equipamentos modernos, de recursos financeiros e principalmente de visibilidade externa, procuramos soluções drásticas, soluções criativas e possíveis, soluções “guerrilheiras”.

A televisão, segundo os pesquisadores da área, é a mídia mais difícil de contemplar, de forma eficiente, a formação acadêmica e profissional. Os alunos de Comunicação Social precisam de atividades diversificadas, decorrentes do desenvolvimento em sincronia entre a teoria e prática na universidade.

A prática telejornalística universitária é específica e onerosa, o que exige espaço físico laboratorial, equipamentos e trabalho técnico. Esses pontos dificultam a produção que, além disso, precisa superar "o preconceito fomentado contra o meio televisivo nas universidades de modo geral" (BRASIL; EMERIM, 2012, p. 1).

Uma formação qualificada dentro dos cursos de Jornalismo necessita de um desenvolvimento sólido entre teoria e prática, exigindo das instituições mudanças no cenário do ensino do telejornalismo. Carravetta (2009) reforça esse pensamento ao dizer que, através da teoria e prática, obtidas dentro da universidade, inicia-se a formação do profissional de telejornalismo. A autora destaca ainda que "se, por um lado, as disciplinas teóricas embasam o conhecimento sobre o fazer televisivo, por outro, as práticas desenvolvem as competências técnicas e as habilidades que possibilitam os exercícios de produção" (*ibid.*, p.11).

A periodicidade e as rotinas de trabalho dos telejornais universitários possuem padrões semelhantes. A prática possibilita a autonomia dos estudantes e a experimentação de novas estruturas, além de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

Diante das mudanças vivenciadas no contexto atual, com o crescimento da convergência midiática, torna-se prudente refletir sobre as produções de telejornais, desde a origem tradicional até o contexto universitário atual e os novos significados obtidos com o advento digital. As transformações tecnológicas chamam a atenção para as práticas jornalísticas, que exigem mudanças nas perspectivas de trabalho e de ensino e mostram-se pertinentes para suprir as demandas da atualidade, voltadas à interatividade do público com o meio.

As produções telejornalísticas que adentram no cenário das universidades e compartilham do espaço convergente encontram, nas plataformas digitais, uma maneira diferenciada de chegar ao público. Teixeira (2011) considera que o jornalismo audiovisual abre possibilidades de apropriação do ciberespaço que pode resultar em iniciativas com características particulares. Ela acredita que isso pode ser visto nos produtos universitários que, frente às experimentações, podem estar adquirindo identidade particular, deixando de ser apenas cópias de vídeo veiculados na TV das instituições de ensino superior.

A autora traz ainda a denominação webjornalismo audiovisual universitário que pode abranger as televisões universitárias on-line, webjornais universitários e notícias audiovisuais, uma vez que permitem que se mantenham algumas

características da TV convencional, porém disponibilizando a programação toda na web. É um recurso alternativo quando não existem canais de TV disponíveis à universidade. Nesse caso, as produções podem ser veiculadas de maneira estratégica através de plataformas da Web 2.0, como o YouTube, além dos sites de redes sociais.

As produções que constituem os telejornais no meio universitário, destinadas exclusivamente à web, possuem algumas características específicas, que podem variar de acordo com a estrutura de cada instituição. Normalmente os telejornais universitários são propostos por professores/pesquisadores da área telejornalística, com a intenção de envolver os alunos interessados em ampliar a prática. Alguns nascem dentro das disciplinas de tele e possuem duração semestral, outros fazem parte de projetos experimentais dentro da realidade em que o telejornal está situado, mas como produções criadas para web, sem constituírem transposição de conteúdo de televisão.

Um exemplo de produção jornalística audiovisual que nasceu na web é a TV UERJ Online, pioneira na produção de telejornais universitários transmitidos pela internet. O projeto, que está no ar há mais de 15 anos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, foi idealizado pelo professor Antônio Brasil.

No âmbito deste trabalho, dois programas desenvolvidos na universidade merecem destaque: o Pampa News (PN) da Unipampa, campus São Borja e o Telejornal da Universidade Federal de Santa Catarina (TJ UFSC). Os professores/pesquisadores dos dois programas integram o Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo, além de fazerem parte da Rede Nacional de Telejornais Universitários. Os dois telejornais possuem exibição pela web, e suas postagens ficam disponíveis em sites de rede social, podendo ser acessadas e visualizadas em qualquer momento.

Mesmo assim, o jornalismo audiovisual praticado na web encontra-se em fase de consolidação, principalmente quando envolve estudos universitários. Para Salaverría e Negredo (2008), os processos midiáticos digitais ainda não conseguiram ser consolidados nos currículos das faculdades de jornalismo, para serem estudados de forma específica.

No ambiente universitário, as dinâmicas que envolvem o desenvolvimento de mídias digitais, precisam ser repensadas, já que apresentam possibilidades no uso de formatos narrativos diferentes. Mesmo que a consolidação curricular envolvendo

as práticas digitais ainda não seja uma realidade, é papel das universidades atender a essa demanda midiática em constante transformação, preparando os estudantes para a atual realidade jornalística.

As formas de adquirir conhecimento nos espaços educacionais alteram-se diante das tecnologias digitais presentes na realidade social. As novas maneiras de informar e comunicar, inseridas em um espaço convergente, afastam-se dos modelos comunicativos tradicionais e de suas formas de produzir mensagens. O uso das ferramentas disponíveis na web tornam as informações no ambiente virtual mais dinâmicas (RODRIGUES, 2013).

Portanto, assim como existe necessidade de entrosamento entre a teoria e a prática qualificada no ensino, também é necessário adotar uma conceituação condizente com os fazeres aqui estudados, envolvendo ambiente universitário, prática de ensino, produção telejornalística e plataforma digital. Isso exige uma reflexão pontual sobre as denominações praticadas e o reconhecimento de uma formulação conceitual adequada às produções estudadas nesta tese.

## 2.2 AMPLITUDE CONCEITUAL

Qualquer cruzamento que se tente fazer entre as áreas de telejornalismo e webjornalismo suscita uma dúvida conceitual: ou se trabalha no âmbito de um telejornalismo voltado para a web ou de um webjornalismo com características televisuais. A dúvida tem inquietado inúmeros pesquisadores que buscam respostas para o impasse, e esse aspecto constitui o objetivo central deste subcapítulo.

Com a expansão da internet, tanto os modos de produção quanto os de consumo de produtos jornalísticos sofreram alterações. O termo usado para se referir à produção de telejornais para a veiculação na web não é um consenso entre os pesquisadores da área. Herreros (2000) defende que as palavras buscadas para encontrar uma terminologia adequada modificam-se com as inovações e as novas nomenclaturas que surgem de forma muito rápida.

Há, inclusive, autores que defendem o não uso de nomenclaturas diferenciadas, pois consideram que o material que está na web é apenas telejornalismo. É o caso de Brasil e Arnt (2002), para quem os novos conceitos, que surgiram para acompanhar as primeiras experiências de telejornais produzidos para a internet, acabaram distanciando o público de um entendimento mais claro sobre

algo que ainda está em desenvolvimento. Os autores consideram que, dessa forma, estas nomenclaturas não trazem contribuição para o aprimoramento da produção dos telejornais, tanto para a TV quanto para a internet.

Nessa mesma direção, Gusmão (2012), ao propor a discussão conceitual no livro "Fetichismo do Conceito", afirma que a utilização de quadros conceituais não torna nenhuma análise sobre fatos sociais e políticos mais produtiva, pois a tentativa de ultrapassar simples e inteligentes generalizações de senso comum, sobre a sociedade, teria se revelado, na maioria das vezes, prejudicial à realização de explicações convincentes e esclarecedoras sobre fatos históricos, políticos e sociais.

De acordo com esses autores, a questão de nomenclatura é uma preocupação menor, que pouco acrescenta à pesquisa acadêmica, à consolidação dos telejornais na internet e ao grande público.

Não obstante, acredita-se como decisivo e fundamental, no âmbito desta tese, o empenho em firmar limites conceituais, mesmo reconhecendo que não existe um modelo fechado e consolidado, como ocorre com o telejornalismo convencional, e que a produção em ambiente digital carece de conceitos em decorrência da própria situação de construção em que se encontra.

Antes de entrar nessa discussão, cabe examinar o exemplo conceitual trazido pelo rádio. Atualmente, a informação oriunda dessa mídia, mesmo estando presente nas redes sociais com imagens, continua rádio, com uma programação específica que inclui os radiojornais. Apesar de a nomenclatura base do rádio ter permanecido a mesma, a produção radiofônica em redes digitais tem sido reconhecida como radiojornalismo hipermediático, por autores como Lopez (2009). Isso reflete que o radiojornalismo agregou características possíveis do ciberespaço, como a multimídia e a navegação hipertextual. E esses elementos que remetem a outras instâncias, além da audição, não fazem parte da essência do rádio tradicional. Como se vê, a oralidade não está mais sozinha, vem acompanhada de imagens, textos, hipertextos, além de interações por meio de espaços como sites de redes sociais. Efetivamente, está se indo além do radiojornalismo consolidado no suporte tradicional, pelo fato de incorporar os potenciais da rede nas suas produções.

É exatamente esse impasse que enfrenta a produção telejornalística: ou sua produção mantém a especificidade do modelo tradicional, ou a web traz recursos

capazes de lhe conferir outras configurações, o que exige o diálogo com os autores mais representativos dessas duas posições.

Inicialmente, concorda-se com Emerim (2011), quando destaca que é preciso entender o telejornalismo além do universo midiático televisivo, capaz de lhe garantir outro espaço de visibilidade. É o caso, por exemplo, da veiculação de apenas algumas das reportagens exibidas em determinado telejornal ou de blocos inteiros dos programas ou, ainda, de reportagens individuais.

Na sequência de seu raciocínio, Emerim avalia que há pouca inovação no jornalismo praticado pelas emissoras de TV na web:

Algumas destas “ações inovadoras”, por exemplo, tentam eliminar os excessos: na web as reportagens estão em links avulsos, sem vinhetas de abertura dos programas, sem créditos da equipe de bastidores e de estúdio, somente a reportagem exibida no telejornal, com a cabeça (abertura da matéria feita pelos apresentadores) (EMERIM, 2011, p. 8).

Outro aspecto a destacar com esse avanço tecnológico é a exigência de envolvimento do público, como participante ativo do processo de comunicação.

Pela primeira vez na história, somos capazes de medir os padrões de consumo, as inclinações e as preferências de todo um mercado de consumidores em tempo real e, com a mesma rapidez, ajustar-se a tais condições para melhor atender a esse público. Esses novos formadores de preferências não são uma super-elite, cujos componentes são melhores do que nós. Eles são nós (ANDERSON, 2006, p.75).

De fato, o telejornalismo vem ganhando novos contornos sobretudo em tempos de cultura da convergência, marcada, conforme Jenkins (2009), pela alteração do comportamento dos públicos na procura, no acesso, na produção e na distribuição de informações. Até as próprias mídias jornalísticas convencionais, que até pouco tempo atuavam no sistema de comunicação de massa, conseguem se adequar às tendências visualizadas a partir dos hábitos e práticas dos indivíduos. Como bem ressalta Anderson (2006, p.123), a cultura de massa não vai deixar de existir "ela simplesmente se tornará menos massificada. E cultura de nicho já não será tão obscura". Para o autor, a crença de muitas pessoas está na cultura massiva como forma de coesão social, mesmo que exista uma cultura comum em tempos de interesses tão individualizados.

Esse cenário diversificado, em que se misturam produção jornalística, material televisual e cultura da convergência, exige que determinados conceitos sejam claramente delimitados, o que representa um duplo desafio para esta tese:

em primeiro lugar, porque a reflexão aqui proposta deve ser coerente com os conceitos de que se vale; em segundo lugar, porque a busca dessa coerência deve ser formulada a partir das distintas definições que os vários autores apresentam.

Emerim e Brasil (2012), quando referem a necessidade de conceituação do telejornal, reforçam dois pontos: a necessidade de pensar em uma nomenclatura nova para definir o telejornal produzido e veiculado pela internet e a importância de definir essa forma de jornalismo que, segundo os autores, hibridiza todas as linguagens.

Brasil (2002), ao descrever as possibilidades específicas da internet, aposta nos processos de inovação tanto do telejornalismo tradicional quanto dos formatos audiovisuais. Para ele, deveria ser um telejornalismo que não só utilize a web como estrutura de emissão, mas também acrescente a linguagem hipermidiática da rede, transformando sua estrutura narrativa em termos de linguagem e conceito (BRASIL, 2011).

Esse autor, que também foi pioneiro na criação da TV UERJ Online, adotou um projeto pedagógico que buscava experimentar novas linguagens audiovisuais para o telejornalismo. Para ele, "enquanto continuarmos imitando a TV e o rádio na rede não criaremos uma nova linguagem ou um novo público. Permaneceremos sendo comparados com outros meios, e isso não ajuda" (BRASIL, 2002, p.335-336).

Pelo que se pode entender, os autores que se preocupam com a produção telejornalística, veiculada em outras plataformas, indicam a necessidade de uma formulação conceitual adequada. Até porque toda essa discussão, envolvendo terminologias voltadas para as produções jornalísticas audiovisuais na internet, faz refletir sobre a base, ou seja, o telejornalismo voltado apenas à televisão tradicional, para então tentar entender o conceito em desenvolvimento, referente ao telejornalismo na internet.

Continuando o diálogo com os autores, pode-se recuperar a denominação de Telejornalismo On-line proposto por Canavilhas, utilizada quando os primeiros estudos sobre jornalismo on-line foram realizados. O autor trazia o entendimento de que essa produção não passava da "simples transposição do modelo existente no seu ambiente tradicional para um novo suporte" (CANAVILHAS, 2003, p.02).

Ainda na busca por uma definição, Emerim e Brasil (2013, p. 12) afirmam que:

[...] a adoção do termo telejornalismo na ou para a internet com o objetivo de marcar discursivamente a produção de conteúdo jornalístico televisivo

para a rede, pode ou não ter sido pensada para ser exibida exclusivamente na internet. Porém, para se ampliar a discussão, quando se propõe um programa de televisão para ser exibido pelo suporte da internet, não se está produzindo para ser visto na televisão, e, sim, na internet, o que vai lhe impor, de imediato, uma mudança em sua rotina de planos e enquadramentos de câmeras, que irão depender, ainda, do tema recoberto e do tipo de imagens que ele pode vir a ofertar.

Para os autores, o telejornalismo produzido para o suporte eletrônico da televisão, segue linguagens, características, limitações e possibilidades, e mantém o estatuto de telejornal, mesmo que essa produção seja exibida na web.

Dialogando com esses autores, algumas observações preliminares podem ser formuladas, a partir das denominações telejornalismo na web e telejornalismo on-line. Efetivamente quando se pensa na produção telejornalística veiculada na web, não é possível entendê-la como uma simples transposição. Há, de fato, todo um conjunto de limitações, de adaptações implicadas que conferem a esse movimento um caráter de inovação e não somente de imitação da televisão. É um processo que exige outra rotina de planos e de enquadramentos e que vê o público com uma dimensão diferenciada.

Com essas considerações preliminares, trata-se agora de convocar autores que dão prioridade à produção telejornalística veiculada na web, levando em consideração as condições específicas do meio digital.

A primeira formulação vem de Amaral (2004), que entende o *webtelejornalismo* como o telejornal produzido exclusivamente para o espaço virtual, apenas seguindo as categorias de televisão. Nogueira (2005), por sua vez, recupera a classificação em três gerações, proposta por Mielniczuk, e adota a denominação de *webjornalismo audiovisual* para definir a produção noticiosa televisiva da web, ou seja, aquela "atividade que utiliza formatos de notícia com imagem em movimento e som enquanto elementos constitutivos do produto disponibilizado nos bancos de dados da web" (NOGUEIRA, 2005, p.13).

Na mesma linha de raciocínio, Souza (2011) adota a noção de *webtelejornalismo*, classificando-o como o telejornalismo divulgado na web, por ser a denominação que "exprime de forma mais clara o entendimento de que o *webtelejornal* é um cibermeio com um passado eletrônico" (SOUZA, 2013, p.24). Ela vai além quando apresenta três categorias possíveis desse tipo de produção: a) sites de transição, aqueles que são originados de um meio de comunicação audiovisual, como o *Jornal Nacional*; b) sites híbridos, aqueles que não são de

característica originalmente audiovisual, mas que exploram essa potencialidade na web, como a TV Folha; e c) sites nativos, aqueles que são desenvolvidos especificamente para a web, e apresentam como característica marcante a interatividade e a multimídia.

Também nessa direção, Costa (2016) reconhece três potencialidades para a web: a) contemplativa, quando existe apenas a transposição do telejornal exibido na televisão para o site; b) participativa, quando existe envolvimento do usuário com o site em que estão os vídeos; e c) construtiva, quando possibilita a interação dos usuários e novas possibilidades de linguagem.

Já Saliba (2016, p.76) prefere a denominação *videojornalismo* quando se trata de telejornalismo na internet, ou seja, "vídeos jornalísticos produzidos somente para o ambiente web". Esse pensamento evidencia a preocupação do autor com um tipo de produção direcionada exclusivamente ao meio digital.

A partir dos autores agora apresentados, pode-se entender que esse tipo de produção situado no meio digital constitui uma atividade diferenciada que convoca elementos constitutivos da web. Mesmo que as denominações sejam distintas - webtelejornalismo, webjornalismo audiovisual e videojornalismo -, evidencia-se, nas formulações, a preocupação em priorizar o espaço virtual próprio, que considera o passado eletrônico e a gradativa possibilidade de envolvimento com o público, que passa de um estágio contemplativo ao efetivo processo interativo.

Dando seguimento a esta reflexão, e na busca por um entendimento conceitual adequado, é preciso levar em conta que a maioria dos telejornais são produzidos em um formato que prioriza a televisão, embora, ao mesmo tempo, possam ser assistidos também pela internet. Assim como a televisão utiliza ferramentas da internet, a web também se vale da narrativa televisual para o seu meio. Os telejornais possuem uma estrutura narrativa definida, conhecida e distinta pelo grande público. Não há dúvidas sobre o que é um telejornal, pois trata-se de um conceito importante, relevante e consolidado.

O padrão dos telejornais consiste em uma estrutura narrativa definida e conhecida pelo grande público, produzida e distribuída para o meio televisão. A transposição desses materiais acontece frequentemente, levando-se a entender que se trata de telejornalismo transmitido por meio de espaços diferenciados.

No entanto, é perceptível o reconhecimento de produções que partem das bases do telejornalismo e que, simultaneamente, apropriam-se de uma série de

possibilidades e características da comunicação em redes digitais. Muitos desses programas são originados e distribuídos com exclusividade por meio do ciberespaço. Ocorre, então, a mistura de estratégias clássicas do telejornalismo com outras que só são possíveis através da ambiência digital, como é o caso, por exemplo, de produções audiovisuais fragmentadas, veiculadas em estúdio com a mesma estrutura telejornalística, mas com o acréscimo de texto, fotografias e até infográficos, com elementos hipertextuais e interativos. As plataformas digitais, com seus aspectos particulares, são apropriadas para a produção audiovisual noticiosa.

Nessas plataformas, a produção jornalística adquire especificidades e potencialidades, o que leva a entender que, atualmente, pode-se conviver com um webtelejornalismo ou webjornalismo audiovisual (que ocorre na interface da Web); jornalismo audiovisual móvel (em aplicativos de mídias móveis) e assim por diante (BELOCHIO, 2012).

No âmbito desta tese, pode-se dizer que o tipo de produção, escolhido para a investigação - Pampa News e TJ UFSC -, apresenta características bem marcantes, assim especificadas:

- possui elementos constitutivos da web;
- valoriza o passado eletrônico;
- inspira-se no modelo telejornalístico (postura, figurino, cenário);
- caracteriza-se pelo hibridismo;
- constitui espaço virtual próprio;
- emprega processos inovadores;
- reflete o contexto em que são produzidos;
- exige a convocação do público;
- projeta um espaço de significação.

Nesse sentido, o fato de as produções estudadas apresentarem, efetivamente, elementos do ambiente digital, constituindo espaço virtual próprio, reforça a necessidade de se incorporar o termo web a uma formulação mais adequada, já que os processos inovadores estão refletidos no contexto produtivo e projetam um espaço de significação, que convoca, necessariamente a participação do público. A incorporação do termo telejornalismo também se torna imprescindível, diante do fato de que as bases das produções analisadas estão calcadas no telejornalismo tradicional e suas características são híbridas. Diante disso, justifica-se a formulação do conceito de Webtelejornalismo, no entendimento de que, através

dele, leva-se em consideração tanto as especificidades do universo digital como a base conceitual do telejornalismo, reconhecendo as transformações sofridas pela produção telejornalística quando está no meio digital.

Além disso, o conceito escolhido agrega a plataforma digital (*Web*) à produção televisual, reforçando aspectos de interatividade, hipertextualidade, atualização contínua, personalização, memória e multimídia (BELOCHIO, 2012). Recorre também à horizontalidade como fluxo específico de informações, do *continuum* multimídia e das mídias móveis. A escolha conceitual adotada neste trabalho, webtelejornalismo, é uma tentativa de oferecer um conceito que tenha adequação e coerência e que traduza a realidade dos telejornais universitários exibidos na web. Não se pode esquecer que essa produção, realizada no âmbito das universidades, enfrenta inúmeras dificuldades técnicas e constantes restrições orçamentárias, além de resistências ideológicas e conceituais que tanto limitam a produção no âmbito do ensino superior.

### 3 FUNDAMENTOS DA SEMIÓTICA

O presente capítulo propõe-se a apresentar o percurso teórico-metodológico que fundamenta esta pesquisa, com base na semiótica greimasiana, articulada com as acepções de semioticistas mais contemporâneos que se dedicam a enfrentar a análise dos produtos midiáticos. As bases teóricas que se referem ao estudo da linguagem e sua manifestação articulam o pensamento precursor de Saussure e de Hjelmslev com a proposição de Greimas. Além desses autores, servem de base para o capítulo Fontanille, Fabri, Jost, em nível internacional; Barros, Fiorin, Duarte e Castro, em nível nacional, com ênfase especial à proposição em níveis formulada no âmbito do grupo de pesquisa em Comunicação Televisual (COMTV).

#### 3.1 ARTICULAÇÃO TEÓRICA

A investigação do processo de significação, proposta pela semiótica, em que o texto centra-se como objeto de estudo, busca, através da relação entre expressão e conteúdo, a descrição coerente, exaustiva, mas tão simples quanto possível de todo o sistema que envolve o processo textual. A partir dessa ideia, buscam-se normas para colocar determinado texto em discurso, ou seja, a materialidade textual em ação discursiva. Diante disso, a teoria semiótica vai além do que os textos dizem, busca verificar como fazem para dizer o que dizem. Essa articulação recupera as contribuições saussurianas, os avanços hjelmslevianos, a proposição greimasiana e os aportes complementares que vinculam a teoria à esfera midiática.

##### 3.1.1 Contribuições saussurianas

No século XX, o pensamento saussuriano foi dominante, tendo em vista o caráter científico que buscou emprestar aos estudos da língua e da linguagem, a partir das dicotomias: língua vs fala, sincronia vs diacronia, sintagma vs paradigma e significante vs significado.

Ferdinand de Saussure (1857 – 1913), preocupado com as questões de linguagem, abriu caminho para novos entendimentos. Assim, com a dicotomia língua vs fala, definiu a língua como a unidade da linguagem: "o conjunto de hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender"

(SAUSSURE, 2008, p. 22), e a fala, como o ato individual de manifestação. A proposta saussuriana representou “o primeiro ato de uma teorização verdadeiramente racional dos fenômenos linguísticos” (HÉNAULT, 2006, p. 16).

Sua preocupação eram os mecanismos comuns de todas as línguas que resultavam em signos, para ele considerados unidades psíquicas constituídas por dois elementos associados: imagem acústica e conceito, definidos, então, como significante e significado, respectivamente. Tanto o significante (ste) quanto o significado (sdo) constituíam entidades abstratas, integrantes de um sistema de regras, e ligadas arbitrariamente.

Outra dicotomia relevante é a de sintagma vs paradigma. O primeiro elemento caracteriza a combinação dos signos em uma unidade maior, ou seja, as inúmeras possibilidades articulatórias das palavras em frases; o outro refere-se ao eixo das escolhas, ou seja, ao meio pelo qual se escolhe uma palavra entre outras possíveis, constituindo aquele paradigma.

Já sobre a dicotomia sincronia vs diacronia, Saussure reconhece a possibilidade de estudo da língua dentro de uma mesma época (sincronia) ou através do tempo, comparando diferentes épocas (diacronia).

A proposição dessas dicotomias garantiu cientificidade aos estudos de linguagem, e foi a base para o entendimento das línguas, no âmbito dos signos.

### **3.1.2 Avanços hjelmslevianos**

A partir das mesmas possibilidades dicotômicas, o dinamarquês Louis Hjelmslev (1899 - 1965), integrante o Círculo Linguístico de Copenhague, também priorizou a linguagem como objeto de estudo, complementando a trajetória saussuriana e ampliando o quadro conceitual.

Sua proposta centrou-se, então, no estudo dos sistemas de significação e não propriamente dos signos, o que o levou a empregar o termo semiótica para designar a proposta de uma descrição simples e exaustiva do sistema que está por trás do processo textual. O signo passou a ser concebido não mais como significado e significante e, sim, como conteúdo e expressão, em relação de interdependência entre esses fúntivos: "uma expressão só é expressão porque é expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão" (HJELMSLEV, 1975, p.54). No seu entendimento, não pode haver função semiótica

sem a existência da expressão e do conteúdo, da mesma forma que eles não existem sem a função semiótica que os une.

A função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. (...) Do mesmo modo, é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo (HJELMSLEV, 1975, p.54).

Além disso, Hjelmslev propôs que esses funtivos comportassem os planos de forma e substância, compreendendo a forma do conteúdo e da expressão; a substância do conteúdo e da expressão.

O signo é uma grandeza de duas faces, uma cabeça de Janus com perspectiva dos dois lados, com efeito nas duas direções: "para o exterior", na direção da substância da expressão; "para o interior", na direção da substância do conteúdo (HJELMSLEV, 1975, p. 62).

A substância só existe quando uma forma se projeta sobre ela, o que evidencia a dependência da substância à forma. Assim, os sentidos de conteúdo e de expressão são produzidos através da projeção da forma sobre a substância. Para Hjelmslev (2013), em uma determinada linguagem, a substância é constituída pela totalidade de possibilidades tanto de conteúdo, quanto de expressão. Porém, a substância depende da estruturação de uma forma definida, caso contrário limita-se a um conjunto de elementos sem função comunicativa, sem significação. Os sentidos dos textos constituem-se somente através da projeção da forma sobre a substância de conteúdo e de expressão, pois é ela que estrutura a substância, tornando-a reconhecível. As duas funcionam também como termos relativos, visto que a forma em um determinado nível de análise pode se transformar em substância em outro nível. Nesse sentido, a existência dos textos é determinada pelos relacionamentos contraídos entre seus termos, pelas dependências que há em todos os níveis de um processo de significação.

A proposição teórica hjelmsleviana compreende o texto como um todo, considerado não mais como língua vs fala, mas a partir das noções de sistema e processo. Para o teórico, "parece legítimo propor a priori a hipótese de que a todo processo corresponde um sistema que permite analisá-lo e descrevê-lo através de um número restrito de premissas" (HJELMSLEV, 2013, p.8). Descreve, ainda, que é possível "considerar todo processo como composto por um número limitado de elementos que constantemente reaparecem em novas combinações" (*ibid.*, p.8).

Segundo Hjelmslev, os textos, ao ganharem sentido nesse contexto, também podem ser analisados a partir das relações intertextuais que estabelecem com outros textos que os precedem ou sucedem na cadeia sintagmática ou, ainda, com aqueles pelos quais poderiam ser substituídos, pertencentes ao seu paradigma. Essa presença da intertextualidade determina as relações sintagmáticas e paradigmáticas de um texto com os outros textos, diante do fato de que "uma outra distinção, essencial para a teoria da linguagem, é a que existe entre a função "e ... e", ou "conjunção", e a função "ou ... ou" ou disjunção" (HJELMSLEV, 2009, p. 41).

Os traços de semelhança e dessemelhança que ligam um texto a outros são caracterizados como relações sintagmáticas (correlações), já as associações que permitem recuperar outros textos são de caráter paradigmático (coexistência).

Essas relações intertextuais podem ser configuradas também através das definições hjelmslevianas de conotação e metassemiótica. De acordo com o teórico dinamarquês, "há também semióticas cujo plano da expressão é uma semiótica e também outras cujo plano do conteúdo é uma semiótica. Chamaremos as primeiras de *semióticas conotativas* e as segundas de *metassemióticas*" (HJELMSLEV, 2013, p. 121, grifos do autor).

Essa categorização proposta por Hjelmslev permite que Greimas desenvolva uma nova fase de estudos, centrando-se na investigação de um processo mais amplo que envolve o sentido e a significação.

### **3.1.3 Proposições greimasianas**

Os estudos do linguista Algirdas Julien Greimas (1917-1992) partem das premissas estruturalistas de Saussure e Hjelmslev. A partir daí, Greimas retoma a discussão em torno dos planos linguísticos, o que representa o inegável avanço ao estudo do sentido, dentro do Grupo de Investigações Semiolinguísticas da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais da cidade de Paris, na França. Inspirado nas premissas hjelmslevianas, Greimas apresenta o texto como objeto de estudo da semiótica, em que acontecem as manifestações da significação e do sentido.

As relações entre expressão e conteúdo são efetivadas nesse espaço textual, constituindo, assim, unidades de sentido que podem ser analisadas. A teoria greimasiana consiste na estruturação e na organização daquilo que é dito em

qualquer linguagem, ou seja, o que os textos dizem e o que fazem para dizer o que dizem.

Na semiótica greimasiana, o plano do conteúdo é privilegiado, centrado mais especificamente na análise da narratividade. Greimas entende a narratividade como uma categoria que estrutura e produz significação, como uma forma específica de valorização sobre a substância de conteúdo. O teórico acredita que a forma como os homens organizam o conteúdo, dito em qualquer linguagem, segue regularidades.

De acordo com a teoria, a narratividade é entendida como uma organização responsável pela produção do discurso significativo (GREIMAS, 1975, p. 146), comportando três níveis de profundidade: o fundamental, o narrativo e o discursivo, que apresentam os componentes da sintaxe e da semântica respectivamente. A estrutura fundamental, comum a todos os indivíduos, é considerada de ordem universal; a narrativa é de ordem ideológica e cultural; e por fim a discursiva, colocando o sujeito da enunciação em relação com o texto enunciado, é de ordem individual.

Greimas, na proposição de seu percurso de análise, considerou as três instâncias, iniciando pela fundamental, a mais simples e abstrata, passando pela narrativa, até a discursiva, considerada a mais complexa e concreta. Nesse trânsito, acontece a recuperação e o enriquecimento da instância anterior.

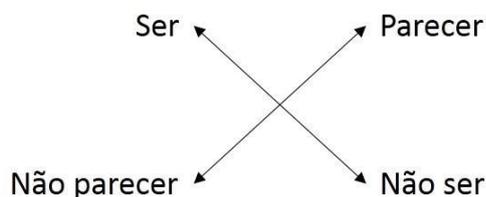
A *instância fundamental*, conhecida também como profunda, está na base da construção do texto. É o mais simples dos níveis, aquele em que tem início o processo de significação, visto inicialmente como um jogo de valores elementares. Nesse nível, são determinadas as oposições básicas que dão sentido ao texto, definindo as formas universais que organizam a narrativa.

A semântica do nível fundamental é estruturada através da oposição, diante do fato de que todo texto apresenta dois valores diferentes: como, por exemplo, vida **vs** morte, que são valores determinados pelo sistema axiológico do leitor, e podem estar inscritos no texto. Já a sintaxe do nível fundamental traz a afirmação e a negação, organizando as relações contraditórias e complementares que podem ser dispostas em um quadrado.

Nessa direção, o quadrado semiótico, proposto por Greimas, representa a estrutura base da significação. A semântica e a sintaxe do nível fundamental marcam o começo do percurso gerativo, explicando o funcionamento do texto, o qual "repousa sobre uma distinção de oposição, comportando duas relações de

contrariedade e duas de contraditoriedade" (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 403), como se pode ver, no exemplo abaixo.

Figura 02 – Quadrado semiótico



Fonte: Greimas e Courtés (2008, p. 532).

A operação mostra que, para ganhar sentido, o termo *ser* presume o *parecer*. Ao aplicar a negação em cada um dos contrários, tem-se, como resultado, dois contraditórios qual sejam, *não ser* e *não parecer*. Esse entendimento representado no quadrado semiótico é o ponto de partida da análise do texto e constitui a essência da estrutura fundamental.

A *instância narrativa* é o nível de análise mais desenvolvido no modelo teórico de Greimas, considerada mais concreta que o nível fundamental e mais abstrata que o discursivo. As transformações ocorridas através das ações realizadas pelos sujeitos são representadas por esse nível.

Em busca de relações regulares, Greimas propôs um modelo que fosse capaz de "permitir uma melhor compreensão dos princípios mesmos da organização dos discursos narrativos no seu conjunto" (GREIMAS, 1979, p. 07). O nível narrativo, compreendendo a disposição de sujeitos e objetos, mostra como os valores fundamentais são distribuídos.

A estrutura narrativa também apresenta os níveis semântico e sintático: o semântico diz respeito à "atualização dos valores" (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 400), que estão ligados a sujeitos e objetos; o sintático corresponde aos tipos de enunciados (de fazer e de estado) e às relações que eles estabelecem com sujeitos e objetos (conjunção e disjunção).

A participação do sujeito acontece do ponto de vista sintático e a aceitação de valores, do ponto de vista semântico. A semântica, nesse processo, está relacionada aos sujeitos e objetos, em que os efeitos de sentido e os valores se associam. Na narrativa, os objetos são classificados em modais e de valor: os modais representam

funções para que a performance seja realizada pelo sujeito na narrativa, ou seja, estão relacionados ao querer, ao saber, ao dever e ao poder fazer; os de valor apresentam, na performance principal, movimentos de conjunção ou disjunção. Em uma relação entre sujeito e objeto, o desejo é o investimento semântico, o objeto é o lugar onde são investidos os valores, motivo de desejo do sujeito.

Na sintaxe narrativa, dois enunciados aparecem: os de estado e os de fazer, “sendo que os enunciados de fazer regem os enunciados de estado” (GREIMAS, 1979, p. 434). Os sujeitos classificados como de estado são identificados pela relação que têm com os objetos de valor, e os sujeitos de fazer são responsáveis pelas mudanças ocorridas entre os estados.

O nome dado à unidade que opera a sintaxe narrativa é *programa narrativo*, incluindo um enunciado de fazer que orienta o enunciado de estado. Assim, o sujeito de fazer tem a capacidade de mudar a união do sujeito de estado com os valores, pois são responsáveis pelas transformações da narrativa. Os programas narrativos podem ser classificados como de: manipulação, competência, performance e sansão.

A *manipulação* é uma fase caracterizada pela "ação do homem sobre outros homens, visando a fazê-los executar um programa dado: no primeiro caso, trata-se de um 'fazer-ser', no segundo, de um fazer-fazer" (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 300). A *competência* é a fase em que o sujeito possui credibilidade para exercer uma atitude e provocar uma transformação, ou seja, é o momento de transformação principal da narrativa. A *performance* é a fase de apropriação dos valores desejados pelo sujeito: é a “transformação que produz um novo "estado de coisas" (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 363). A *sansão* é a fase em que a performance é concretizada e em que o sujeito sente que a mudança acontece.

A organização dos programas acontece através de *percursos narrativos*, que constituem as ações de fazer dos sujeitos: destinador-manipulador, destinatário-sujeito e destinador-julgador. O destinador- manipulador estabelece os valores em jogo, atribuindo competência modal ao destinatário; o destinatário-sujeito é o executor da ação; o destinador-julgador é aquele que interpreta os resultados do fazer do sujeito, identificando-os como verdadeiros ou falsos. Além disso, o percurso narrativo realizado demonstra que toda sanção é baseada em uma ideologia, que opera através do reconhecimento, integração e retribuição.

Convém ressaltar que os valores virtuais, pertencentes à estrutura fundamental, são atualizados na estrutura narrativa e, em consequência, vão ser manifestados no discurso.

A *instância discursiva* é considerada a mais superficial e diretamente ligada à enunciação. Nela ocorrem as escolhas feitas pelo sujeito enunciador, determinando o modo de contar a narrativa. As oposições fundamentais recebem valores narrativos e se materializam através de investimentos figurativos.

A estrutura discursiva, a última instância do percurso de geração do sentido, é a mais próxima da estrutura textual. “As estruturas discursivas, menos profundas, são encarregadas de ‘colocá-las em discurso’, fazendo-as passar pela instância de enunciação” (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p.234). Nesse estágio, os sujeitos tornam-se personagens do texto, ganham nomes como atores reais ou fictícios, recebendo termos que lhes dão concretude. Para a teoria greimasiana é nesse nível discursivo que acontece a relação entre o texto e sua significação.

O texto é um conceito fundamental da teoria greimasiana: os limites do signo e da frase são superados ao se chegar nele como objeto de estudo. No texto, acontecem as relações e articulações que são estruturadas para trazer sentido. Além disso, compreende o estudo que contempla também o processo mais geral que é o da significação (COURTÉS, 1979).

O texto reflete a transformação em discurso, agregando-se a isso a perspectiva de uma enunciação concreta, que permite examinar a situação real em que os sujeitos estão envolvidos.

A divisão entre semântica e sintaxe também ocorre no nível discursivo. Na semântica discursiva, as mudanças de estado são concretizadas, utilizando temas e figuras através de dois processos: a tematização que oferece destaque aos valores movimentados no discurso e “pode concentrar-se quer nos sujeitos, quer nos objetos, quer nas funções, ou, pelo contrário, repartir-se igualmente pelos diferentes elementos da estrutura narrativa em questão” (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 496); e a figurativização que são os “procedimentos mobilizados pelo enunciador para figurativizar seu enunciado” (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 210). Essas figuras são convocadas para dar materialidade ao tema.

Temas e figuras não interessam isoladamente, já que o entendimento do tema presume a compreensão da organização dos percursos, tanto figurativos quanto temáticos. Os percursos figurativos diferentes aparecem devido a escolhas

de determinadas figuras, sendo assim podem surgir, em um determinado papel temático, figurações distintas.

Já a sintaxe discursiva estuda as marcas da enunciação no enunciado, por meio dos elementos discursivos: de actorialização, em que os sujeitos ganham nomes e funções; de espacialização: “procedimento de localização espacial” (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 176); e de temporalização, que produz o efeito de ‘temporalidade’ e de sucessão na narrativa (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 497). Os procedimentos apresentados “permitem inscrever as estruturas narrativas (de natureza lógica) em coordenadas espaço-temporais e investir os actantes em atores discursivos” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 432).

Essas operações tornam a narrativa complexa, distinguindo os diferentes relatos entre si. Para operar com esses dispositivos, o enunciador utiliza procedimentos de embreagem que compõem a narrativa de um espaço e tempo, e/ou de debreagem, que é o processo de apagamento dessas marcas no tratamento do tema, do tempo, do espaço e na configuração dos atores.

Ao contrário de debreagem, que é a expulsão, da instância de enunciação, de termos categóricos que servem de suporte ao enunciado, denomina-se embreagem o efeito de retornar à enunciação, produzida pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou do espaço, e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado. Toda embreagem pressupõe, portanto, uma operação de debreagem que lhe é logicamente anterior. [...] Cada um desses procedimentos podem ser vistos separadamente, mas, muitas vezes, são reunidos e utilizados de modo concomitante, em sincretismo (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 159).

Então, a embreagem permite o retorno à enunciação trazendo a identificação entre o sujeito do enunciado e o da enunciação, além das categorias de tempo e espaço. A debreagem faz o processo inverso, de retirada do enunciado da instância da enunciação, em que se utilizam as mesmas categorias actancial, temporal e espacial.

Em resumo, o nível discursivo busca relacionar a oposição de valores anunciada no nível fundamental, depois atualizada no nível narrativo e finalmente manifestada no texto.

Cabe ressaltar, que Greimas (1975, p.25) deixou explicitada a prioridade ao estudo do texto: “só o texto, nada mais que o texto”, ignorando, de certa forma, as postulações de Hjelmslev que defendia que: “considerado isoladamente, texto algum tem significação. Toda significação nasce de um contexto” (*ibid.*, p.50).

### 3.1.4 Aportes complementares

Greimas, no decorrer de sua trajetória, não explorou na mesma intensidade o nível discursivo, assim como o fez com o fundamental e o narrativo. Esse preenchimento teórico tem sido objeto de investigação de seus inúmeros seguidores, o que possibilitou a consolidação da instância discursiva dentro do quadro teórico. O aprofundamento do nível discursivo permitiu entender a situação pela qual os textos são construídos, levando em consideração, além das estruturas internas, o entorno que as sustenta.

É importante ressaltar que esses estudos têm buscado contribuições não apenas no nível do texto, mas também em uma dimensão mais larga, o que confere à teoria semiótica tradicional um sentido interdisciplinar. Sendo assim, as barreiras impostas pela teoria, que por muito tempo considerou apenas o texto como objeto de estudo, foram sendo ampliadas.

Jacques Fontanille (2005), nessa direção, define a noção de *situación semiótica* como aquela que envolve partes fundamentais à produção e interpretação dos significados presentes em uma interação comunicativa. Para ele, o entorno confere eficácia enunciativa à mensagem, o que justifica a necessidade de considerar o contexto comunicacional juntamente com o texto. Dessa forma, a base do estudo da semiótica é a textualidade, o que significa criar uma hierarquia metodológica de análise, através da atenção ao uso de estratégias, à ação dos sujeitos e às situações que fazem parte do processo de produção.

Na mesma perspectiva de entendimento do texto como resultado de um processo comunicacional, Paolo Fabbri propõe pensar que, quando um texto é dito por alguém, já estão impressos nele elementos comunicativos que os diferem dos demais. Para o teórico, o texto: "es una representación de muchos estados del mundo, entre los que se encuentra ese estado específico del mundo que es el hecho de que el texto este en comunicación con alguien" (FABBRI, 1999, p. 85).

O pesquisador propõe pensar em objetos, ao invés de pensar somente em coisas, pois estes adquirem forma e substância depois de formados. Para ele é possível "crear universos de sentidos particulares para reconstruir en su interior unas organizaciones específicas de sentido, de funcionamientos de significado, sin

pretender con ele reconstruir, al menos de momento, generalizaciones que sean válidas (FABBRI, 1999, p. 41).

Nesse sentido, é preciso alargar as perspectivas, levando em consideração outros tipos de textos que, de igual forma contribuem na estruturação dessa textualidade e na produção de sentidos e significações.

Outro teórico significativo para esta investigação é François Jost, que centrou sua preocupação nos textos televisuais, a partir do reconhecimento dos programas e das respostas fornecidas pelos telespectadores, de acordo com os temas abordados. Essa maneira de reconhecer permite: “reagrupar um conjunto de emissões dotadas de propriedades comparáveis” e que caracteriza “o que se convencionou chamar de gênero” (JOST, 2007, p. 60).

Jost entende gênero como uma estratégia de comunicação, da ordem da promessa, que pode ser dividida em três mundos possíveis: o real, o fictivo e o lúdico. No mundo real, “quer-se somente dizer que o primeiro reflexo do telespectador é determinar se as imagens falam do mundo ou não, qualquer que seja a ideia que se faça desse mundo” (JOST, 2007, p. 62). Em outras palavras é o mundo que informa ao telespectador o que aconteceu. No mundo fictivo, a essência está na ficção, sem compromisso com a realidade dos fatos: “uma parte de invenção e a presença de atores” (*ibid.*, p. 63). No mundo lúdico, ocorre a transição entre os dois primeiros, ora apresentando fatos reais, ora elementos ficcionais.

Os estudos de Greimas ganham amplitude também em pesquisadores brasileiros, como é o caso de José Luiz Fiorin, que rediscute o conceito de enunciação entendido a partir de um espaço de produção do enunciado. Para ele, “o enunciador e o enunciatário são o autor e o leitor. Não são o autor e o leitor reais, de carne e osso, mas o autor e o leitor implícitos, ou seja, uma imagem do autor e do leitor construída pelo texto” (FIORIN, 2013, p. 56). O pesquisador destaca ainda que o ato de produção do discurso, ou seja, a enunciação, “é uma instância pressuposta pelo enunciado (produto da enunciação)”, que lança marcas aparentes ou não no discurso.

Fiorin entende que há “duas instâncias no discurso: a do enunciado e a da enunciação. Não se pensa aqui na instância da enunciação pressuposta por todo enunciado, mas nas marcas deixadas pela enunciação no enunciado” (FIORIN, 2013, p. 78). É possível, então, através dessas marcas, refazer o processo comunicativo em que ele foi produzido. Dessa forma, o enunciador tenta levar o

enunciatário a acreditar no que é dito e a relação entre eles leva em consideração a persuasão pertencente ao ato comunicativo. Assim, “a linguagem é sempre comunicação (e, portanto, persuasão), mas ela o é na medida em que é produção de sentido” (FIORIN, 2000, p. 52). Os meios utilizados para persuadir voltam-se para um discurso veridictório, deixando marcas interpretativas no enunciatário. A partir daí, as crenças e condições culturais e sociais dele vão determinar o entendimento do texto e a crença ou não no discurso oferecido.

Na mesma linha da enunciação, está Diana Luz de Barros, que acredita na necessidade de olhar para além da estrutura interna do texto, pelo exame da exterioridade. Nessa perspectiva, segundo ela, a semiótica assume rumos diferenciados, ou seja,

[...] uma das direções considera as relações do texto com sua historicidade, analisando, sobretudo, os temas e figuras do discurso e os laços intertextuais e interdiscursivos; a outra examina as correlações entre os sistemas de significação e o mundo, considerado também como uma semiótica (BARROS, 2009, p. 362).

Dessa forma, a autora destaca que, a semiótica dialoga com outros estudos do discurso, inserindo-se no quadro das disciplinas humanas e sociais. Além disso, “mantém relações estreitas com os estudos cognitivos. Os dois campos são complementares na busca empreendida pela semiótica dos sentidos dos textos e do homem” (*ibid.*, p.362).

O alargamento da teoria também é desenvolvido por Elisabeth Bastos Duarte. Para ela, “o texto não pode se dar independentemente do processo comunicativo que o institui e do qual é suporte material” (DUARTE, 2004, p.12). A pesquisadora considera as possibilidades estabelecidas entre os textos e o processo de produção. Duarte destaca como objeto de estudo o texto televisivo, que possui uma gramática própria e pode ser observado tanto sob a ótica da emissão, quanto da recepção.

As categorias discursivas propostas por Greimas, divididas em tematização, figurativização, temporalização, actorialização e espacialização ganham a contribuição de Duarte (2010), quando a pesquisadora introduz o conceito de tonalização:

O processo de tonalização tem por tarefa a atribuição estratégica de um tom principal ao discurso produzido e à sua articulação com outros tons a ele correlacionados. Mas, é preciso ter presente que, para além de inclinações, tendências ou outras peculiaridades, a escolha de um tom em televisão é uma deliberação estratégica. [...] Mais ainda, essa deliberação sobre o tom

confere ao produto televisual um caráter interpelativo: acertar o tom, ou melhor, sua expressão, implica que ele seja reconhecido e apreciado pelo telespectador (DUARTE, 2010, p.241).

As relações pretendidas pelo enunciador para com seus interlocutores são manifestadas através de estratégias. As estratégias discursivas são, segundo Duarte (2013), operações planejadas pelo enunciador para manifestar os sentidos pretendidos nos discursos, com vistas à criação dos efeitos de sentido desejados por ele. Duarte (2004) apresenta essas estratégias como pertencentes a diferentes níveis de atuação, que traduzem a maneira de contar a narrativa.

Dentro dessa perspectiva, de entendimento da análise interna e também externa do texto, considerando o entorno comunicacional, estão as proposições de Maria Lília Dias de Castro. A pesquisadora examina a semiótica através de uma relação estreita com a publicidade, e trabalha com as produções e os efeitos de sentido que essa mídia provoca nos consumidores.

Assim a publicidade constrói-se na tensão entre estratégias de duas ordens: as comunicativas (da ordem do fazer) representam as deliberações tomadas no nível das condições de produção do processo publicitário, podendo ou não se manifestar no texto; as discursivas (da ordem do dizer) dizem respeito às configurações no texto, as quais se explicitam através de mecanismos e/ou arranjos formais de expressão, de combinação de elementos e de linguagens (CASTRO, 2005, p.03).

O detalhamento das propostas greimasianas e os alargamentos trazidos por seus seguidores constituem, como referido, a base conceitual desta tese, que tem como objeto de investigação os telejornais universitários veiculados na web. Sendo assim, os seguintes aspectos da teoria semiótica greimasiana serviram de base para a investigação:

- 1- o entendimento da comunicação como função principal, pois os textos selecionados para análise constituem mensagens de natureza comunicativa, produzidas para serem veiculadas na internet em formato audiovisual;
- 2- a consideração pelo contexto em que as produções universitárias são produzidas, veiculadas e consumidas, que envolvem relações de natureza interna e externa;
- 3- as relações sintagmáticas e paradigmáticas que os telejornais universitários na web estabelecem com as outras produções existentes e com o modelo de telejornalismo;

4- o entendimento do texto como objeto de significação e comunicação, compreendendo a textualidade, pois existe uma relação estreita entre os sujeitos envolvidos no processo midiático como um todo;

5- a relevância das categorias discursivas, pois as produções de caráter universitário veiculadas na web recuperam essas noções e interferem na produção e recepção do sentido;

6- a consideração pelo conceito de estratégia, pois os telejornais universitários na web estruturam-se a partir de um conjunto de estratégias de natureza comunicativa, enunciativa e discursiva.

A partir dessas considerações, o passo seguinte é o delineamento de uma estrutura relacional que possa servir de base à construção metodológica desta análise.

### 3.2 PROPOSIÇÃO EM NÍVEIS

A teoria semiótica greimasiana, tem sido a base do estudo do grupo de pesquisa Comunicação Televisual (COM TV), coordenado pelas professoras Maria Lília Dias de Castro e Elisabeth Bastos Duarte, no âmbito da Universidade Federal de Santa Maria.

Também no entendimento do COM TV, o contexto de produção e o contexto comunicativo estão diretamente ligados ao texto que está inserido num processo mais amplo. A partir daí, o grupo trabalha em torno de uma metodologia, formulada pelas coordenadoras, que permite a análise dos textos em três níveis distintos: paratextualidade, intertextualidade e intratextualidade.

#### 3.2.1 Nível da paratextualidade

A paratextualidade diz respeito à relação do texto em pauta com seu contexto e condições de produção e enunciação, pois, embora nem sempre apareçam explicitamente as marcas, todo o texto mantém relações com o seu entorno. A composição da textualidade em análise acontece através da recuperação dessas marcas que estão presentes direta ou indiretamente. O enunciador, dotado de intencionalidade, escolhe essas marcas, diante do fato de que o ato comunicativo não é inocente, ele sempre vem carregado de intencionalidades, com o objetivo de

conquistar o receptor. Greimas (1998) reitera essa premissa, afirmando que não basta *com-vencer* o outro, além de vencê-lo é preciso obrigá-lo a partilhar dessa vitória.

A paratextualidade possui duas formas de relação, a comunicativa ou ampla e a enunciativa ou restrita:

Essa articulação do texto com seu entorno comunicacional, via presença de diferentes vozes, manifesta-se através da utilização de procedimentos estrategicamente planejados, pertencentes a diferentes ordens, aos quais se propõem denominar, respectivamente, de estratégias comunicativas e enunciativas (DUARTE; CASTRO, 2014a, p. 75).

A paratextualidade comunicativa/ampla está relacionada ao detalhamento de fatos históricos, sociais, econômicos e/ou culturais que vão interferir nas estratégias utilizadas para alcançar determinados objetivos. Diz respeito assim, ao contexto sociocultural e econômico e às regras que presidem o processo de troca no mercado. A paratextualidade enunciativa/restrita envolve os sujeitos responsáveis pela realização, circulação e recepção de um produto midiático. Mesmo que as marcas comunicativas e enunciativas possam não aparecer claramente no texto, a análise paratextual esclarece quais são as influências e reconhece os procedimentos traçados pelo enunciador, referentes aos efeitos de sentido gerados no enunciatário, na construção dos produtos midiáticos.

A análise paratextual dessas duas ordens permite o entendimento das influências do meio telejornalístico tradicional na web e também o reconhecimento das estratégias usadas pelo enunciador, referentes aos efeitos de sentido provocados no enunciatário (internauta) na construção desses produtos midiáticos, que possibilitam a produção, veiculação e recepção dos conteúdos jornalísticos produzidos no âmbito universitário.

### **3.2.2 Nível da intertextualidade**

As relações intertextuais, segundo Duarte e Castro (2014), podem ocorrer de duas formas, a paradigmática e a sintagmática. A primeira está relacionada a outros textos que servem de modelo, pois "é no âmbito do paradigma que interessa atualizar as questões relativas aos gêneros midiáticos" (*ibid.*, p. 76). A segunda diz respeito aos textos que precedem ou sucedem o texto em análise fazendo apropriações e adaptações e trazendo novos sentidos.

### 3.2.2.1 *Caráter paradigmático*

O nível intertextual paradigmático é responsável pelo exame do texto com seu paradigma, considerando traços de semelhanças ou diferenças que o identificam. Como esse nível está vinculado à noção de modelo, é aqui que se abre espaço para o estudo do gênero, entendido como um domínio do conhecimento de natureza abstrata da ordem da virtualidade, que reúne elementos com atributos específicos de relação e de distinção uns dos outros. Segundo Duarte e Castro (2014a) o mundo exterior deve ser tomado como referência, o que transforma o gênero em realidades discursivas.

Para as autoras são disponibilizados ao receptor quatro tipos distintos de realidade: a metarrealidade, a suprarrealidade, a pararealidade e a plurirrealidade.

- a *metarrealidade* toma como referência o real e tem o compromisso de conferir veracidade aos fatos, desenvolvendo produtos que fazem parte do gênero factual;

- a *suprarrealidade* toma como referência o ficcional, inspirado no real, e tem como compromisso a coerência com sua estrutura, desenvolvendo produtos que fazem parte do gênero ficcional;

- a *pararealidade* toma como referência a relação entre o real e o ficcional, e tem como compromisso a hipervisibilização de situações propostas, desenvolvendo produtos que fazem parte do gênero simulacional;

- a *plurirrealidade* toma como referência a união do real, ficcional e simulacional, que se misturam ao mesmo tempo ou não, e tem como compromisso a divulgação, desenvolvendo produtos e serviços que fazem parte do gênero promocional.

De acordo com as autoras esses gêneros são atualizados em subgêneros e manifestados em formatos que são responsáveis pelos percursos de configuração dessas realidades.

Assim, as relações de caráter paradigmático possibilitam o estudo de um texto pelo reconhecimento do gênero ao qual se filia, das expectativas previstas pelo subgênero e das especificidades manifestas pelo seu formato.

### 3.2.2.2 *Caráter sintagmático*

O nível intertextual sintagmático, que propõe a relação de um texto com outros paralelos, sugere interpretações e aponta possibilidades sobre aquilo que é dito. Segundo Duarte e Castro (2014a, p. 08), a relação sintagmática “compreende a interação de um produto midiático com outros textos, midiáticos ou não, dando conta de reiteraões e/ou apropriações de outras vozes, que nele se atualizam, e o reconhecimento do que o precede e sucede”. Na proposição das autoras, a produção de um texto acontece para esclarecer ou contrapor, mas principalmente é estruturado em resposta a um texto anterior. Nesse aspecto, as falas renovam-se em espaços novos de manifestação.

Cada discurso reitera, refuta, confirma, complementa e depende de outros; é sempre formulado em resposta a um estado de coisas, está sempre relacionado a outros discursos, uma vez que é resultado de uma interação verbal: de um lado, revela a posição do enunciador; de outro, expressa as posições responsivas, avaliativas, que lhe ficam subjacentes (DUARTE; CASTRO, 2014a, p79).

Segundo Duarte e Castro (2014a), o nível intertextual sintagmático implica o reconhecimento das estratégias que ocorrem na recuperação de outros textos. Essas estratégias podem ser reconhecidas a partir de distintos movimentos: movimento da intertextualidade que atualiza outro discurso que o antecede e, ao mesmo tempo, condiciona sua existência (CASTRO, 2007). A manifestação desse recurso pode se dar, por exemplo, através da referência ou convocação de outros textos para dentro do texto que está sendo trabalhado; movimento de sobreposição entre a realidade e a ficção, causando confusão entre o autêntico e o artificial (CASTRO 2007). A manifestação desse recurso acontece, por exemplo, através da menção a fatos da realidade, que o programa aborda, convocando o internauta a participar; movimento de reiteração de marcas e ações ao falar de si mesmo (CASTRO, 2007). Pode ser manifestada, por exemplo, quando são apresentadas reportagens que valorizam a própria instituição de ensino.

### 3.2.3 **Nível intratextual**

O nível intratextual, como apontam as autoras, situado no âmbito da expressão e conteúdo, diz respeito às relações internas do texto, responsáveis pelo

espaço de manifestação dos discursos. É o nível que está relacionado à forma como o enunciador resolve contar a narrativa, e envolve os elementos de ordem semântica e sintática convocados.

Os sentidos que o enunciador pretende dar ao discurso decorrem da escolha de estratégias discursivas, que variam de acordo com o procedimento escolhido para manifestá-las. Elas dizem respeito à tematização e figurativização (na ordem semântica) e à temporalização, espacialização, actorialização e tonalização (de ordem sintática) (DUARTE; CASTRO, 2014).

A tematização é definida pelos eixos temáticos em que acontece a narrativa e pode se dar, entre outras, por concentração temática, dispersão temática, ou concorrência entre temáticas contraditórias (DUARTE; CASTRO, 2014b, p.03). A figurativização corresponde à "contextualização do relato, pela configuração dos sujeitos participantes, pela focalização no pormenor, pela recorrência a narrativas paralelas, ou pela sobreposição aleatória de sujeitos" (DUARTE; CASTRO, 2014b, p.03).

A actorialização corresponde à consideração pelos atores/personagens que fazem parte da narrativa. Segundo Duarte e Castro (2014b), o desempenho de papéis vivenciados por eles pode ser através da protagonização, aparecimento ou desligamento de sujeitos durante a enunciação, inserção de narrador. A temporalização refere-se à ordem temporal dos acontecimentos que fazem parte da narrativa e podem aparecer por delimitação temporal, avanço ou retrocesso cronológico no tempo, recuperação de fragmentos do tempo passado, e projeção de tempo futuro (DUARTE; CASTRO, 2014b). A espacialização é responsável pela designação dos espaços em que ocorre a narrativa. A tonalização empresta uma combinatória tonal à narrativa, podendo ser manifestada por pares opostos como: pesado vs leve, engraçado vs sério, lento vs frenético.

Diante do exposto, o nível intratextual pode ser estudado a partir do emprego de estratégias da ordem da figurativização, tematização (ordem semântica), actorialização, espacialização, temporalização e tonalização (ordem sintática), que são contraídas no interior do texto e assumidas pelo discurso.

## 4 PROCEDIMENTO TEÓRICO - METODOLÓGICO

Este capítulo apresenta a proposta teórico-metodológica que serve de base para a análise dos telejornais selecionados. Diz respeito ao percurso utilizado no tratamento do corpus, o que compreende seleção e delimitação de programas; a definição de termos relevantes ao estudo; a determinação dos níveis de pertinência da análise; e ainda as etapas de investigação.

### 4.1 CONCEPÇÃO DE BASE E TERMOS DEFINIDORES

A proposição teórico-metodológica deste trabalho fundamenta-se na semiótica greimasiana, mais especialmente na sua estrutura discursiva. Para isso, recorre aos conceitos trazidos por essa corrente e complementados pelas proposições desenvolvidas no COM TV, direcionando a análise aos programas telejornalísticos produzidos em âmbito universitário para a web. Na construção teórico-metodológica, torna-se relevante, como primeiro passo, a definição de conceitos operacionais que servem como base estruturante na relação entre teoria e prática analítica.

**Estrutura Discursiva:** As estruturas discursivas constituem o nível mais superficial de produção de sentido e significação e representam a colocação em discurso (ou discursivização) das estruturas narrativas (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p.187). Representando os modos de contar a narrativa, essas estruturas estão diretamente relacionadas à enunciação e compreendem os sujeitos envolvidos no processo e as circunstâncias de sua produção.

**Estratégia:** as estratégias consistem no planejamento e execução de operações discursivas, com vistas à manipulação do interlocutor. Diz respeito à seleção do procedimento com vistas a com-vencer, conforme Greimas, o telespectador. As estratégias operam no nível da paratextualidade ampla e restrita (estratégias comunicativas) e no nível da intertextualidade e da intratextualidade (estratégias discursivas), obedecendo a formulação desenvolvida no âmbito do COM TV (DUARTE; CASTRO, 2014).

**Discurso:** é a instância de produção, de sentido e significação, resultante da movimentação de um enunciador que atua em um tempo e espaço definidos para alcançar um enunciatário. Segundo Greimas e Courtés (2013) o discurso atua na construção da mensagem, dando-lhe sustentabilidade e resultando em múltiplas formas.

**Texto:** o texto consiste na representação semântica do discurso, é o objeto material e concreto de representação do discurso, além de ser o objeto de estudo da semiótica. Em linhas gerais o texto designa a totalidade de uma cadeia linguística decorrente da produtividade do sistema, no caso, deste trabalho, o texto compreende os programas do Pampa News e do TJ UFSC que integram o corpus analítico.

#### 4.2 DELIMITAÇÃO DO *CORPUS*

O corpus de análise, ou o conjunto de textos selecionados para a análise deste trabalho, obedeceu em primeiro lugar ao critério de pertencimento, dos programas escolhidos, à Rede Nacional de Telejornais Universitários.

O segundo critério, de caráter representativo, diz respeito ao período de exibição, já que o Pampa News lançou sessenta e oito edições, evidenciando diferenças expressivas em relação às mudanças tecnológicas, o que reforça a importância da seleção do primeiro e de um dos últimos programas exibidos. Já o TJ UFSC, dado o caráter diário de exibição que, até a metade do ano de 2018, ultrapassou as mil edições, foi selecionado, como se disse, mantendo a correspondência temporal das edições selecionadas do Pampa News.

O terceiro critério é de ordem quantitativa, ou seja, foram selecionados dois programas de cada um dos webjornais audiovisuais escolhidos como objetos de estudo.

O quarto critério foi de temporalidade. Como o Pampa News foi exibido semanalmente desde 2013, decidiu-se pela escolha da primeira e de uma das últimas projeções, o que compreende o programa Pampa News de número 1, de 12 de dezembro de 2013 e o de número 51, do dia 22 de janeiro de 2015. Relativamente ao TJ UFSC, exibido de segunda a sexta-feira desde abril de 2012, decidiu-se pela manutenção do mesmo período temporal, o que corresponde à

escolha dos programas de número 27, do dia 30 de maio de 2012, e o de número 786, do dia 22 de maio de 2017. Considera-se que as quatro edições escolhidas conseguem retratar a dimensão das produções dos dois programas em análise.

O quinto e último critério, é a concomitância de programas com exibição na web, o que possibilita o rastreamento e a identificação das interações e as trocas estabelecidas;

#### 4.3 NÍVEIS DE PERTINÊNCIA

Retomando o objetivo geral do trabalho que é o de analisar os telejornais universitários na web, em regiões com ou sem televisão local, para compreender a configuração estratégica que assumem no processo midiático, foram definidos os níveis de pertinência da análise a ser realizada:

- consideração pelo contexto a que pertencem os jornais audiovisuais universitários, destacando o processo histórico e as condições de produção e exibição;
- ênfase a instância enunciativa em que se situam as posições de enunciador e enunciatário;
- recorrência ao modelo textual que corresponde ao seu paradigma;
- recuperação de outros textos exibidos em mesma plataforma;
- exame das relações internas entre expressão e conteúdo.

#### 4.4 ETAPAS DE ANÁLISE

As etapas de análise, escolhidas no encaminhamento metodológico e correlacionadas aos objetivos deste trabalho, estão assim distribuídas:

##### **4.4.1 Paratextualidade ampla**

Recuperação do entorno em que se produz o telejornal universitário, nas duas instituições escolhidas (Unipampa e UFSC), com destaque para a valorização desse espaço de aprendizagem no ensino superior.

Essa parte, por ser comum a todos os programas, aparece uma única vez, precedendo o detalhamento de cada produção universitária e as análises propriamente ditas.

#### **4.4.2 Paratextualidade restrita**

A situação enunciativa é recuperada neste ponto, através da sua relação com os programas Pampa News e TJ UFSC. A inserção no espaço acadêmico e a repercussão nesse lugar junto ao internauta são detalhadas a partir das informações de cada programa, que incluem o processo de criação, funcionamento e o papel educativo desempenhado.

#### **4.4.3 Intertextualidade paradigmática**

As relações presentes no texto analisado, ou seja, nos programas TJ UFSC e no Pampa News e naquele que lhe serve de modelo, ou seja, o telejornal convencional das emissoras de televisão são exploradas aqui. As estratégias, como a veiculação de notícias da realidade, a formação da equipe de produção e estrutura formal dos textos divulgados, o uso do espaço e recursos da web, o emprego de linguagem própria e a veiculação local e mundial que ocorre ao mesmo tempo são identificadas neste ponto.

#### **4.4.4 Intratextualidade**

Identificação dos propósitos buscados pelos enunciadores na forma de contar a narrativa, mais especificamente no "como dizer". Para isso, os programas selecionados são descritos levando-se em consideração dados informativos, equipe de produção, características do programa como um todo e especificação das partes que o constitui. Logo após, para cada parte, faz-se o detalhamento dos dispositivos discursivos e expressivos, relativamente às categorias semânticas, identificadas pelos temas abordados nos quadros e blocos e a representação desse tema através da figurativização; relativamente às categorias sintáticas, identifica-se o tempo, incluindo a duração dos conteúdos e a representação cronológica; o espaço, pelo reconhecimento dos ambientes; os atores, com a identificação dos entrevistados, repórteres e apresentadores; e o tom, evidenciado através das sensações emocionais transmitidas por elementos como: a voz, as expressões faciais, as trilhas musicais, a postura, a entonação e as palavras escolhidas para anunciar a mensagem. Entre os dispositivos expressivos, destaca-se a constituição das

imagens através da escolha do enquadramento, das cores, do áudio ambiente e da trilha sonora.

#### **4.4.5 Intertextualidade sintagmática**

Considera-se nesse nível o texto em análise e as relações que ele mantém com o outro programa analisado, ou seja, a comparação entre os dois projetos: TJ UFSC e Pampa News, através de suas edições. A análise leva em consideração os textos de acordo com a disposição na página do Facebook e Youtube.

## 5 ANÁLISE GERAL DO CORPUS

De âmbito analítico, este capítulo apresenta a análise preliminar do corpus na perspectiva das instituições estudadas e das produções jornalísticas escolhidas como objetos de estudo, detalhando a partir do modelo teórico-metodológico as etapas de paratextualidade ampla, envolvendo Unipampa e UFSC, de paratextualidade restrita, referente ao Pampa News e TJ UFSC, e de intertextualidade paradigmática, compreendendo a relação dos programas estudados com seus modelos.

### 5.1 NÍVEL DA PARATEXTUALIDADE AMPLA

Este nível especifica o entorno dos programas estudados, ressaltando a relação com as instituições universitárias em que estão integrados.

#### 5.1.1 Panorama universitário: Unipampa

A Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) foi criada em 2006 pelo governo, através do programa de expansão das universidades federais no Brasil, que, em Acordo de Cooperação Técnica firmado entre o Ministério da Educação, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), previu a ampliação do Ensino Superior na metade sul do estado do Rio Grande do Sul<sup>5</sup>.

São dez **campi** distribuídos pela região do Pampa Gaúcho, nas cidades de Alegrete, Bagé, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Itaqui, Jaguarão, Santana do Livramento, São Borja, São Gabriel e Uruguiana. A Unipampa oferece 67 cursos de graduação, 18 mestrados, 4 doutorados e 30 especializações. Possui mais de 13 mil alunos na graduação e mais de mil e duzentos na pós.

No campus de São Borja, estão os cursos de Comunicação Social: Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas e os cursos de Serviço Social, Ciência Política e Licenciatura em Ciências Humanas, que contabilizam mais de mil e duzentos alunos e 66 professores. O Pampa News é um projeto de

---

<sup>5</sup> Informações pesquisadas no site da Unipampa: <http://novoportal.unipampa.edu.br/novoportal/universidade> em 05/09/18.

extensão vinculado ao curso de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, mas que surgiu inicialmente como atividade prática da disciplina de Laboratório de Telejornalismo I (2012/1), com a proposta de apresentar conteúdos próximos e relevantes para as comunidades universitária e local. Logo depois se tornou tema de um Trabalho de Conclusão de Curso, que lançou a experimentação para o programa ser exibido semanalmente. O projeto experimental, proposto pelos estudantes de jornalismo Rafael Junckes e Caroline Rossasi, foi levado a diante e se tornou um projeto de extensão, promovendo um espaço de experiência prática de jornalismo audiovisual para os alunos de Comunicação Social.

Levando em consideração a trajetória dos vários programas produzidos desde sua criação, percebeu-se que o nome Pampa News já era reconhecido pela comunidade do Campus São Borja. As coberturas especiais desenvolvidas nas disciplinas fortaleceram a marca com o público interno da Universidade. Então, em 2013, consolidou-se o Pampa News na UNIPAMPA, através de uma inserção real na comunidade são-borjense. O programa noticioso semanal coloca em prática, de maneira eficaz e contínua, o papel social da Universidade e do Jornalismo.

A população de São Borja e, em geral das demais cidades em que a UNIPAMPA está inserida, possui acesso a emissoras de televisão comerciais que oferecem conteúdo produzido para grandes regiões de abrangência desses veículos, principalmente a RBSTV. Frequentemente se ouve que a “cidade pouco aparece na TV” ou “só aparece relacionada a problemas”. A partir daí, considerou-se a produção de programas semanais com abordagem telejornalística e cunho educativo, principalmente devido à ausência de uma sucursal na cidade.

Como a UNIPAMPA não dispõe de um canal de televisão, os programas produzidos são disponibilizados na internet. O programa adequou-se às propostas metodológicas sugeridas por Brasil e Emerim (2011, p. 11), que classificam os tipos de telejornais universitários pela periodicidade diária, semanal, quinzenal, mensal ou semestral; pela forma de exibição “telejornais pré gravados” ou “telejornais transmitidos em tempo real (ao vivo) via TV aberta, cabo ou internet”; pelo tipo de canal veiculado “em sistema de TV indoor”; ou “TV Universitária”. Os autores apontam ainda que a maioria das produções das universidades brasileiras enquadram-se no horário das aulas, com periodicidade semestral.

Com o aumento das discussões e encontros dos pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo, compreende-se atualmente que a

base do conteúdo desenvolvido no programa vem do telejornalismo convencional, devido, principalmente, ao fato de ele ter sido criado para servir de laboratório prático para o ensino de telejornalismo. Porém, é necessário levar em consideração, que independente da base, ele vem fazendo uso de ferramentas específicas da web, e criando situações que só são possíveis neste ambiente.

O Pampa News, ainda como projeto de ensino, foi premiado na XV Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (EXPOCOM 2013) da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom. Modalidade: Produção Laboratorial de TV. Já no ano de 2015 recebeu o prêmio na categoria "Melhor Telejornal" no SET Universitário da PUC e também no VII SIEPE, Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão da Unipampa. Além disso, o PN mantinha uma parceria com a TVCOM, através do programa Faixa Universitária, em que diversas reportagens especiais já foram veiculadas.

### **5.1.2 Panorama universitário: UFSC**

Já o outro objeto de estudo selecionado para fazer parte desta tese, pertence à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que foi criada em 1960. Docentes, alunos e técnicos-administrativos somam aproximadamente 70 mil pessoas. A instituição pública e gratuita é referência no Brasil e exterior, através das produções e atividades desenvolvidas especialmente por professores e técnicos. Além da sede da Universidade, localizada em Florianópolis, capital de Santa Catarina, possui campi em mais quatro municípios: Araranguá, Curitibanos, Joinville e Blumenau. O processo de interiorização da Universidade para outras regiões do estado foi feito com recursos do Reuni - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, do MEC<sup>6</sup>.

A UFSC possui mais de 30 mil estudantes matriculados em 108 cursos de graduação presenciais e 14 cursos de educação a distância. A partir dos anos 80, a instituição passou a investir intensamente na pesquisa e ampliação da pós-graduação. Atualmente, são 12 cursos de especialização, 63 mestrados acadêmicos, 15 mestrados profissionais e 55 cursos de doutorado. Os investimentos

---

<sup>6</sup> Informações retiradas do site da UFSC: <http://estrutura.ufsc.br/> em 05/09/2018.

também foram para a criação de centros tecnológicos no estado de Santa Catarina e para desenvolver uma série de projetos de extensão voltados à sociedade.

A união de dois desses projetos de extensão, que oferecem base para os estudos do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo, (GIPTele/UFSC), deu origem ao TJ UFSC, telejornal da Universidade Federal de Santa Catarina.

O TJ UFSC iniciou as atividades em abril de 2012, em 2018 completou seis anos de telejornalismo universitário diário na web, alcançando a marca de 1.000 edições. Já passaram pelo projeto mais de 100 alunos, que puderam vivenciar os aprendizados da prática telejornalística e receber 12 prêmios.

Desde o início do projeto, o programa troca matérias enviadas por estudantes de jornalismo de outras instituições de ensino superior com a intenção de agregar, em um mesmo telejornal, produções universitárias de diversos lugares do Brasil. Esta troca de material jornalístico começou entre os pesquisadores integrantes do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo, todos professores de telejornalismo em diferentes instituições de ensino superior do Brasil. Nesta perspectiva, inicialmente, o TJUFSC foi transmitindo principalmente reportagens enviadas pela Universidade Federal do Pampa (RS), através do Pampa News; pela Universidade Positivo do Paraná, através do telejornal Tela Um; pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RJ) e pela Universidade de Santa Cruz do Sul (RS), através de reportagens avulsas produzidas para diferentes disciplinas. Da mesma forma, estas instituições retransmitiram produções jornalísticas do TJUFSC em seus telejornais na web (aquelas que tinham a exibição rotineira de programas) ou apenas, através de reportagens realizadas pelos alunos em sala de aula. A ideia se fortaleceu e a equipe do TJUFSC, em parceria com todos os outros programas parceiros, resolveu fazer um telejornal inteiro com reportagens e entradas ao vivo de estudantes de diferentes regiões, com a supervisão dos respectivos professores da área de telejornalismo nas instituições de origem.

A parceria entre as Universidades se consolidou e criou-se a Rede Nacional de Telejornais Universitários. Assim, o primeiro Jornal Nacional Universitário (JNU) foi produzido em novembro de 2013, incluindo, além das parceiras já citadas, a faculdade IELUSC, de Joinville e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Depois do JNU de 2013, não foi possível realizar de forma constante a produção do telejornal em rede em razão das várias greves que ocorreram nas

universidades federais, o que modificou os calendários acadêmicos e impossibilitou as produções em tempo concomitante. Mas, manteve-se as parcerias e esporadicamente, o TJUFSC exibe reportagens de parceiros. A partir de junho de 2015 as instituições parceiras conseguiram equalizar os calendários e voltar a se mobilizar para a produção das outras edições do JNU.

Atualmente a Rede Nacional está composta por sete instituições de ensino, que compartilham materiais jornalísticos audiovisuais, são elas: a Universidade Federal de Santa Catarina (através do TJ UFSC), a Universidade Federal do Pampa (através do telejornal Pampa News transmitido pela web), a Universidade Positivo do Paraná (através do telejornal Tela Um), a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (através do telejornal UERJ em Pauta, transmitido na web pela UERJ TV), a Universidade de Santa Cruz do Sul (através de reportagens avulsas, produzidas nas disciplinas de telejornalismo), a faculdade IELUSC, de Joinville (também através de reportagens avulsas) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (através do telejornal Acontece na UFRGS transmitido pela UFRGS TV, no canal 15 da Net - Porto Alegre).

A produção e veiculação em cada uma das universidades acontece de formas distintas, algumas se utilizam da web, através de produção diária ou semanal com telejornal na web consolidado, outras veiculam na rede as produções telejornalísticas que acontecem em sala de aula e há ainda as que possuem canal de televisão consolidado na cidade de atuação.

## 5.2 NÍVEL DA PARATEXTUALIDADE RESTRITA

Este nível trata da relação com os programas estudados com a respectiva situação enunciativa, compreendendo as posições de enunciador / enunciatário, a partir dos respectivos programas Pampa News e TJ UFSC.

### 5.2.1 Pampa News

A produção do telejornal educativo semanal na web apresenta questões sociais relacionadas aos contextos em que a UNIPAMPA está inserida. É uma atividade que prevê o contato direto com a comunidade local através da coleta e execução de pautas para reportagens audiovisuais, apresentadas semanalmente no canal:

youtube.com/pampanewsunipampa e distribuídas na página: facebook.com/pampanewsunipampa, e também através de exposições ao ar livre no Cine Parcão, projeto do governo municipal que exibe filmes ao ar livre em um parque da cidade. A proposta, dessa forma, evidencia a abordagem educativa com novos olhares e novas possibilidades, além das emissoras comerciais de televisão.

A partir da produção audiovisual desenvolvida por discentes do curso de Jornalismo, situações da comunidade externa à Unipampa são apresentadas à sociedade. É o caso, por exemplo, do quadro “Meu bairro, nossa história”, que apresenta quinzenalmente reportagens sobre pessoas que através de situações simples conseguem desenvolver alguma ação em benefício de sua localidade/bairro. Da mesma forma, apresentado a cada quinze dias, está o quadro "O que vou ser?", que apresenta as opções de cursos de graduação em instituições federais e a perspectiva de atuação no mercado de trabalho.

A parceria com a rede de telejornais universitários do Brasil aconteceu através do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo. Assim, muitas das reportagens produzidas pelos alunos com pautas locais podem ser visualizadas na internet, juntamente com a proposta de outras instituições. A relação com o ensino se estabelece também na experimentação e aproximação dos procedimentos adotados na produção de um telejornal, ou seja, os acadêmicos participam das discussões e elaboração de pautas, da gravação de reportagens, fechamento do programa, atendimento a prazos com *dead-line*<sup>7</sup> definido, etapas fundamentais para uma formação qualificada em telejornalismo. Além disso, estudantes de publicidade também ganharam espaço no Pampa News, com a produção de vinhetas, cenários virtuais e identidade visual do programa, que são habilidades relacionadas à formação de um publicitário.

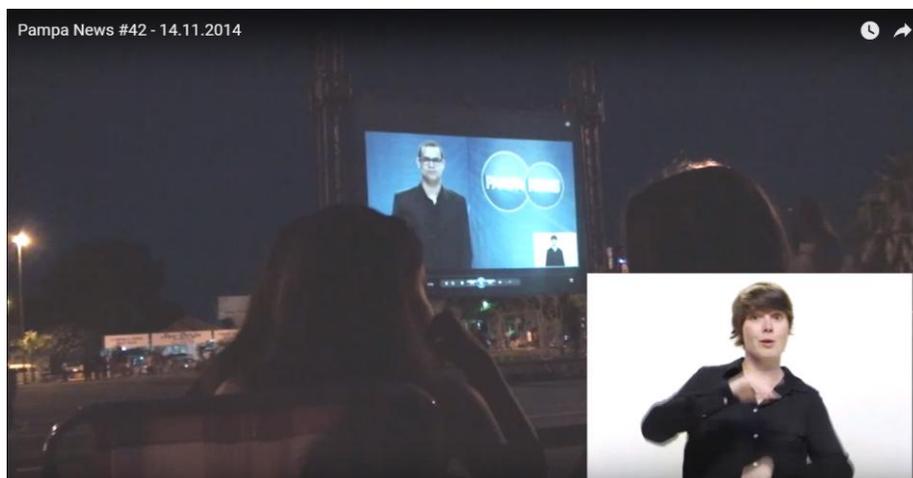
A principal forma de avaliação do público acontece por meio das redes sociais em que o Pampa News está inserido, as quais possibilitam que as pessoas assistam aos programas, compartilhem os vídeos e comentem, por exemplo, dando sugestões de assuntos que possam servir como pautas para programas futuros. Além disso, é possível acompanhar a repercussão das produções pelo contato presencial com os espectadores, através do Cine Parcão, que se mostrou um espaço instigante de trocas e diálogos. A possibilidade de veicular o Pampa News

---

<sup>7</sup> *Dead-line*: termo usado para definir o prazo final de qualquer produção.

semanalmente para a população, em um parque da cidade, permitiu que a equipe tivesse um retorno imediato do público-alvo no que diz respeito às produções.

Figura 03 - Pampa News exibido em São Borja - projeto Cine Parcão



Fonte: youtube.com, 2014.

Já o processo de avaliação pelos integrantes acontece de modo contínuo e sistemático durante todas as etapas das produções. Diariamente, pela internet, e semanalmente, nos encontros e reuniões, a equipe reflete em conjunto acerca das atividades, comenta maneiras de organizar os programas, mantendo o foco nas coberturas educativas, traz e debate sugestões de assuntos que possam servir de pauta<sup>8</sup>, compartilha informações e referências diversas, relata as experiências e dificuldades encontradas nas dinâmicas e busca alternativas que auxiliem no desenvolvimento do projeto.

---

<sup>8</sup> A pauta, a partir de Emerim (2012), é um roteiro dos acontecimentos a serem abordados nos noticiários e possui algumas especificidades em relação aos outros meios, pois se exige que o pouteiro (responsável pela pauta) pense também nas imagens que serão transmitidas. Desta forma, as imagens podem determinar o que é notícia, assim como a sua forma de transmissão pode condicionar a cobertura dos eventos.

Figura 04 - Reunião de pauta e avaliação da edição



Fonte: youtube.com, 2014.

Com o objetivo de aproximar as ações do programa ao mercado de trabalho, ampliou-se a perspectiva avaliativa, através de uma parceria com os profissionais da RBS TV Uruguaiana, com a troca de observações e sugestões sobre o processo de produção.

Figura 05 - Reunião de pauta na RBS TV Uruguaiana, acompanhada pelos integrantes do PN



Fonte: youtube.com, 2014

Produzir um telejornal na web, de atualização semanal com a participação dos alunos, não é uma tarefa fácil. Além dos poucos recursos, o Pampa News utiliza os mesmos equipamentos que estão à disposição das disciplinas de produção

audiovisual dos três cursos de comunicação. Mesmo com quantidade pequena, o grande fluxo de retirada dos equipamentos e a burocracia de acesso prejudica o desenvolvimento de muitas pautas factuais e coberturas. O projeto não dispõe de carro institucional para a realização das pautas, o que exige de alunos e de professores o uso de recursos próprios para a realização do trabalho, além da responsabilidade pela segurança do equipamento retirado. O campus possui um número restrito de técnicos audiovisuais que precisam atender as demandas das disciplinas dos cursos de comunicação. Esse profissional normalmente não consegue acompanhar as demandas externas de pautas e os alunos acabam realizando todo o processo de produção, execução e gravação das reportagens, entrevistas e *stand-ups*<sup>9</sup>.

As gravações de estúdio exigem duas câmeras que possibilitam as trocas de plano, além da mesa de corte para facilitar o processo de edição. Nesse processo de gravação, nem sempre se consegue o acompanhamento do técnico, e o manuseio desses equipamentos é vetado aos alunos pela direção do campus. Portanto, quando não têm o acompanhamento do técnico audiovisual para operar a mesa de corte/*switcher*<sup>10</sup> na gravação de estúdio, os professores, com a ajuda dos bolsistas, gravam o programa com duas câmeras, em planos diferentes e depois as imagens são capturadas para o *software* de edição.

Com um ano de produção, o programa tornou-se referência de mídia local. A equipe passou a ser solicitada para a cobertura de eventos e acontecimentos importantes, além do crescente número de visualizações. Com isso, foi necessário tornar o programa acessível pelos recursos da web.

Outra iniciativa do programa foi a tradução na Linguagem Brasileira de Sinais nas edições, o que contou com a colaboração e orientações de uma professora de Libras da Unipampa. A professora intérprete é surda e, diante dessa situação, a equipe precisou adequar-se a uma série de injunções novas. Todas as reportagens devem ser decupadas na lauda<sup>11</sup> e entregues com, pelo menos, um turno de antecedência para que ela possa fazer a leitura. Além disso, depois de gravado o

---

<sup>9</sup> *Stand-up*: quando o repórter faz uma entrada no local do acontecimento para transmitir informações do fato, pode ser ao vivo ou gravada. É usado quando a notícia que o repórter tem que dar é tão importante que, mesmo sem imagem, vale a pena.

<sup>10</sup> *Switcher*: é um termo utilizado para identificar tanto o operador da mesa de corte, quanto a sala onde acontece o centro de comando de um programa, em que o diretor coordena todos os elementos.

<sup>11</sup> Decupar é transcrever as falas dos entrevistados e do repórter em uma folha, chamada de lauda.

*off*<sup>12</sup>, é preciso cronometrar cada parágrafo narrado e passar o tempo para que ela desenvolva a interpretação em sincronia com o que está sendo falado. Essa situação não permite que pautas factuais recebam a interpretação em libras, pois o programa é gravado uma vez na semana.

Figura 06 - gravação do PN com a professora de Libras da Unipampa



Fonte: youtube.com, 2014.

O fundo da janela de libras também foi retirado, aumentando-se assim o tamanho do espaço ocupado pela intérprete, o que melhora a visualização da linguagem. Esses detalhes, importantes para fazer realmente uma produção acessível, foram obtidos através das observações realizadas pela professora intérprete.

## 5.2.2 TJ UFSC

O telejornal do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina busca o desenvolvimento cotidiano das práticas telejornalísticas aos alunos. A simulação real da rotina produtiva de um telejornal é um dos objetivos do TJ que é diário.

O programa é coordenado pelo professor Antonio Brasil e pela professora Cárilda Emerim, mas é produzido exclusivamente pelos estudantes de jornalismo, que experimentam diferentes funções, inclusive a de gestão, onde eles próprios

---

<sup>12</sup> O *off* é o texto da matéria que é gravado pelo repórter ou apresentador e que depois é coberto com imagens ou dados sobre o acontecimento (BARBEIRO; LIMA, 2002).

decidem sobre pautas, direcionamento das matérias, logística e organização pessoal.

Figura 07 - TJ ao vivo. Técnica executada pelos alunos



Fonte: a autora, 2017.

A troca de atividades acontece entre os alunos, permitindo a experimentação em todas as funções. Segundo Brasil e Emerim (2012, p.11) a iniciativa é pioneira "visto que são raros os cursos de jornalismo no Brasil que possuem telejornais de exibição regular diária, uma vez que, em sua maioria, a produção em telejornalismo costuma ser apenas um espaço para aprendizado teórico, sem regularidade prática".

A transmissão do telejornal acontece ao vivo de segunda a sexta-feira às 18h00. São apresentadas notícias relacionadas a UFSC, à outras universidades e a cidade de Florianópolis. O público é formado principalmente por universitários, mas qualquer pessoa que tenha acesso à internet pode assistir ao TJ. As edições eram transmitidas através do Facebook (<https://www.facebook.com/tjufsc>) e do canal do Youtube (<http://www.youtube.com/user/jornaltjufsc>). Mas a partir de 2018, a transmissão do jornal começou a ser feita para o Facebook e Youtube ao mesmo tempo, sem a necessidade de fazer duas gravações, como era feito antes.

Em 2013, o programa desenvolveu uma versão voltada à acessibilidade, através da proposta de um estudante do Curso de Bacharelado em Letras Libras e também atendendo a demanda da linha de pesquisa **Telejornalismo, Acessibilidade e Educação** do GIPTLE (Grupo Interinstitucional de Pesquisa em

Telejornalismo). O telejornal TJ UFSC Libras estreou junto com a nova temporada do TJ UFSC, 2013-2014. O estudante/apresentador é colocado de forma integral na tela, sem janelas, visto que esta versão do TJ é apenas na língua de sinais, facilitando a visualização por parte deste público alvo.

Figura 08 - TJ Libras: <https://www.youtube.com/watch?v=JghUwPe7388>



Fonte: youtube.com, 2014.

O TJ UFSC Libras foi exibido durante um ano, a partir de 2014 deixou de ser produzido devido a falta de bolsa para o projeto. O programa possuía um número significativo de visualizações e estava se consolidando como uma importante ferramenta de inclusão.

### 5.3 NÍVEL DA INTERTEXTUALIDADE PARADIGMÁTICA

Este nível dá conta da relação entre Pampa News / TJ UFSC com o modelo de telejornal tradicional, relacionando formas de produção e de divulgação das notícias.

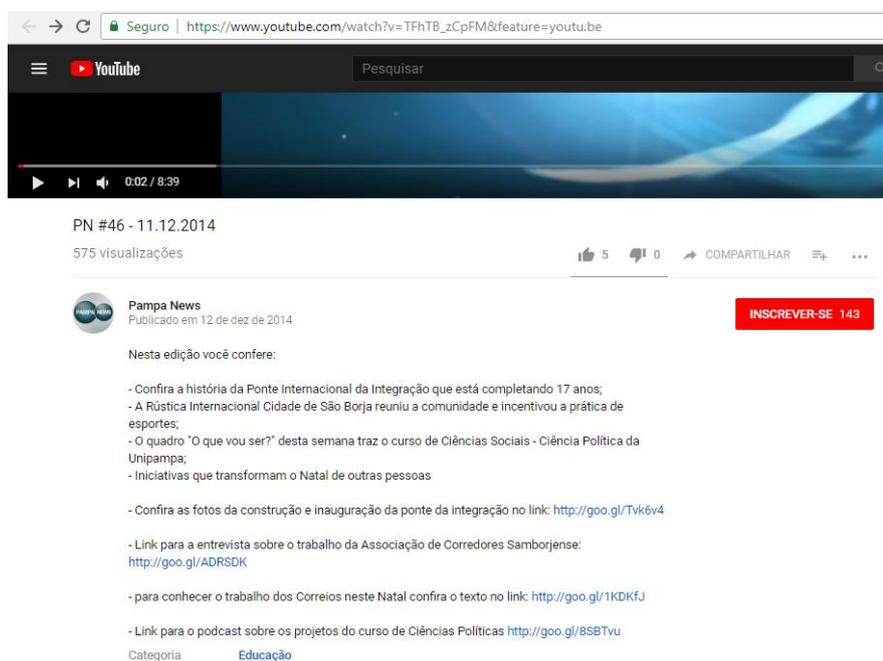
#### 5.3.1 Pampa News

A preocupação do telejornalismo com a transmissão de informações baseadas no mundo real, também se aplica ao programa jornalístico universitário Pampa News. A produção de matérias da realidade possui um apelo muito mais local, que busca a identificação com o público alvo interno das universidades.

**Em termos de veiculação,** o Pampa News possui divulgação/exibição apenas pela web, alguns dos recursos específicos deste meio são utilizados nas produções. Possui a vantagem de uma veiculação local e mundial ao mesmo tempo, sem precisar dispensar recursos financeiros para isso. O emprego de uma linguagem própria da internet é observado como, por exemplo, no momento em que a apresentadora do PN faz a chamada para os internautas se inscreverem no canal do programa, enviando sugestões e opiniões. As edições são disponibilizadas no canal do Youtube e também na página do Facebook, pelo endereço [facebook.com/pampanewsunipampa](https://facebook.com/pampanewsunipampa).

Além disso, a acessibilidade às inovações tecnológicas, permitiu que a equipe utilizasse possibilidades específicas da web. Em novembro de 2014 foi produzido um programa com conteúdo transmidiático (PN 46 de 11.12.14 disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=TFhTB\\_zCpFM&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=TFhTB_zCpFM&feature=youtu.be)). Nele, os alunos foram desafiados a produzir links com textos ampliados sobre o assunto das reportagens, fotos da gravação, entrevistas completas através de vídeo e poscast.

Figura 09 - Geração de conteúdo transmidiático - PN 46



Fonte: youtube.com, 2014.

As potencialidades da web foram sendo aproveitadas também na divulgação prévia de cada edição, através da produção de chamadas com os principais

destaques, divulgados em fotos das gravações ou *stand-ups* e disponíveis na página do Facebook.

Figura 10 - Página do PN no facebook divulgando a próxima edição com fotos de gravação



Fonte: youtube.com, 2014.

Além disso, semanalmente era feito o acompanhamento das visualizações e curtidas de cada programa. Com menos de um ano de trabalho, chegou-se a marca de 1.000 curtidas em uma única edição.

Figura 11- Divulgação do número de curtidas



Fonte: youtube.com, 2014.

**No que se refere às funções dos profissionais**, a equipe de trabalho do PN é composta por: apresentador/âncora, repórteres, cinegrafistas, editor-chefe e equipe de produção. Normalmente, o número de pessoas que integram o projeto fica em torno de dez. Essa equipe, que é bem menor do que a dos telejornais, conduzem para o acúmulo de funções, como por exemplo, dos repórteres que são responsáveis também pela elaboração do texto, edição do material e, muitas vezes, atuam como produtores da própria reportagem.

Figura 12: Passagem do repórter Fábio Giacomelli em reportagem de externa



Fonte: a autora, 2017.

O programa universitário direciona ao cargo de editoria-chefe, um dos estudantes participante do projeto. A função é designada para o aluno que mais se destaca nos quesitos de responsabilidade, organização, liderança, bom texto e bom relacionamento com a equipe. Nesse caso, o estudante que assume essa função recebe uma bolsa remunerada, proveniente do projeto de extensão ao qual o programa está vinculado. Isso porque ele acaba tendo um fluxo de trabalho e responsabilidade maior do que os outros participantes. No PN, toda atuação do editor-chefe é acompanhada pelos professores do projeto, que avaliam e orientam o trabalho, levando em consideração o processo de produção, o desempenho de repórteres, cinegrafistas e do editor.

Em emissoras menores, normalmente não existe a função de redator, é o próprio repórter que faz o texto de sua matéria e na maioria das vezes é ele também que faz a edição. O editor de imagens fica com os trabalhos mais densos, como por

exemplo, a edição do programa inteiro. Quando os redatores são também repórteres, eles já possuem esse conhecimento, o que facilita o processo de produção do texto e de edição, visto que não é preciso assistir às imagens e entrevistas, pois foram vivenciadas por eles. Este é o caso do PN que, além de contar com uma equipe pequena, possui recursos técnicos limitados e por isso os alunos são incentivados a acumular funções, a fim de que possam vivenciar todas as etapas produtivas em telejornalismo. Portanto, os repórteres têm a responsabilidade de fazer o texto de sua matéria, que depois é revisada pelo editor-chefe. Posterior a isso, o off da reportagem é gravado pelo repórter, que segue para a ilha de edição<sup>13</sup>.

**Quanto ao funcionamento e dinâmica**, partindo-se dos princípios básicos para uma redação adequada, os textos praticados no projeto levam em consideração a objetividade, simplicidade e precisão.

No PN, que é semanal, os encontros com a equipe acontecem uma vez por semana. Esse momento é conduzido pelo editor, mas acompanhado pelos professores, que avaliam todo o programa exibido, esclarecendo dúvidas e dando os principais encaminhamentos para a próxima edição.

Figura 13 - Bastidores da gravação do PN



Fonte: a autora, 2017.

O programa, que funciona principalmente como um laboratório experimental de prática aos alunos, com exibição semanal e caráter educativo, não é destinado à coberturas factuais de todos os gêneros. Diante disso, a equipe de produção não

---

<sup>13</sup> Ilha de edição: lugar reservado nas emissoras com computadores e *softwares* de edição, onde as imagens e áudios são editados.

possui tantas responsabilidades como os pauteiros das grandes emissoras, até porque não dispõe de recursos técnicos nem de uma grande equipe para ser direcionada para vários locais ao mesmo tempo. Mesmo assim, o trabalho exige comprometimento, curiosidade, bom texto e bastante tempo para correr atrás de contatos e fontes.

**Relativamente às características e estrutura física,** o PN conta com um cenário virtual. A arte projetada no fundo infinito do estúdio foi desenvolvida por um estudante de Publicidade e Propaganda, participante do projeto. As gravações em estúdio são feitas com duas câmeras, e as trocas de planos são realizadas com a mesa de corte/switcher. Os alunos fazem uso do TP para leitura das cabeças e de microfone lapela. Conta-se, com o trabalho especializado de técnicos audiovisuais, facilitando o processo de gravação e oportunizando momentos mais propícios de aprendizagem para os alunos. A estrutura física do PN se assemelha com as emissoras de TV regionais.

Figura 14 - Sala de *switer* - laboratório de TV



Fonte: a autora, 2017.

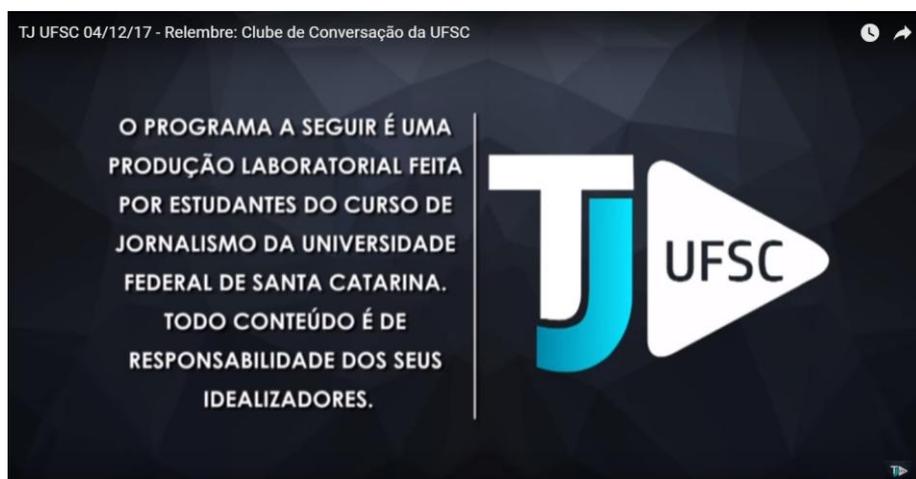
**Em relação ao tempo de duração,** há diferenças entre o telejornal e as produções na Web analisadas. A média de exibição do Pampa News é de 8 a 10 minutos, como ele é exibido na internet não há uma grade de horários para respeitar, o tempo pode ser utilizado à vontade. Na TV isso não é possível, é preciso informar quanto tempo de duração tem o telejornal para que a pessoa que controla a programação da grade da TV possa organizar o que vem antes e depois.

### 5.3.2 TJ UFSC

A transmissão de informações baseadas na realidade, também é uma preocupação do programa jornalístico universitário TJ UFSC. A veiculação das matérias, assim como no Pampa News, possui um apelo local, que busca a identificação com o público alvo interno da universidade.

**Em termos de veiculação**, o TJ UFSC possui divulgação/exibição pela web, e é desenvolvido seguindo as regras do telejornalismo tradicional. A Universidade Federal de Santa Catarina possui um canal de televisão, via cabo na net em parceria com a TV Brasil, mas está ligado ao gabinete da reitoria. O TJ UFSC não fazia parte da programação deste canal, até o início de 2018, quando receberam a proposta de ocupar um espaço. O TJ, atualmente, faz parte da programação da TV, mas não é transmitido ao vivo, como acontece na web.

Figura 15 - TJ UFSC na TV UFSC - anúncio que precede a exibição do programa



Fonte: youtube.com, 2017.

Figura 16 - Programa TJ UFSC inaugural na TV UFSC: <https://www.youtube.com/watch?v=KzMcXrMmesQ>



Fonte: youtube.com, 2017.

Além disso, o ano de 2018 começou com a transmissão do jornal para o Facebook e Youtube ao mesmo tempo, sem a necessidade de fazer duas gravações, como era feito no ano de 2017.

A veiculação pela internet permite ao programa uma abrangência local e mundial ao mesmo tempo, sem precisar dispensar de recursos financeiros para isso. O emprego de uma linguagem própria deste meio é observado quando o apresentador do TJ, se dirige aos internautas, que preferem as redes sociais, através do celular, para assistirem a versão do programa pelo instagram e facebook e também pela verificação das vestimentas e do uso coloquial do vocabulário dos apresentadores e repórteres, que buscam uma identificação com o público da web.

**No que se refere às funções dos profissionais**, a composição da equipe de trabalho no TJ é formada por: apresentador, repórteres, cinegrafistas, editores-chefe, comentarista de estúdio, operador da mesa de corte, operador de TP e operador da mesa de áudio, variando a quantidade de alunos nas funções, pois o TJ possui exibição diária. O acúmulo de atividades também acontece no TJ, pois as demandas de trabalho são menores e as exigências de tempo e quantidade de material não são rígidas como na televisão. No TJ, na função de editor-chefe, por exemplo, acontece essa concentração de atividades. O cargo é desempenhado por dois estudantes, responsáveis pela edição diária, que além das atribuições de coordenar a gravação do telejornal, organizar as equipes de trabalho e revisar os

textos dos repórteres e apresentadores, muitas vezes, atuam como repórteres, cinegrafistas, editam as matérias e apresentam.

A associação de cargos por estudante reforça a experiência prática, que é a principal função dos telejornais universitários.

**Quanto ao funcionamento e dinâmica,** a equipe do TJ UFSC trabalha sem a avaliação dos professores durante o processo de produção e execução. Os coordenadores do projeto dão liberdade para que os estudantes coloquem em prática o aprendizado. Os repórteres têm autonomia para fazer os textos, que são revisados somente quando envolve algum assunto polêmico.

Figura 17 - Sala de redação do TJ UFSC



Fonte: a autora, 2017.

Figura 18 - Estúdio de gravação com a preparação das apresentadoras



Fonte: a autora, 2017.

O processo avaliativo é feito pelos professores somente depois da exibição. Nesse momento, são destacados pontos positivos e negativos da edição e tiradas as principais dúvidas dos estudantes.

Figura 19 - Momento avaliativo da edição que foi ao ar, com o professor Antônio Brasil (novembro/17)



Fonte: a autora, 2017.

As reuniões de pauta do TJ UFSC também acontecem uma vez por semana e são conduzidas pelos editores, que primeiramente abrem espaço para os recados da semana, depois fazem uma retomada das pautas que estão em andamento e em seguida são apresentadas as novas sugestões e divisão das equipes.

O TJ UFSC conta, atualmente, com uma equipe fixa de 17 pessoas, mas há a atuação temporária de outros alunos e técnicos também, que buscam dar conta das pautas factuais e atemporais diariamente.

**Relativamente às características e estrutura física,** o cenário digital apresenta a identidade visual do programa, que foi alterada quando o TJ UFSC completou 700 edições. A marca foi inaugurada no segundo semestre de 2016, acompanhada pela criação de vinhetas de abertura e encerramento.

Figura 20 - Identidade visual antiga do TJ UFSC



Fonte: youtube.com, s.d.

Figura 21 - Identidade visual atual do TJ UFSC



Fonte: youtube.com, 2017.

A mesa Tricaster<sup>14</sup> possibilita o uso de detalhes gráficos no cenário e a transmissão de imagens, durante a apresentação, além de realizar as trocas de planos<sup>15</sup> feitas por duas câmeras de estúdio. Os alunos fazem uso do teleprompter (TP)<sup>16</sup> para leitura das cabeças<sup>17</sup> e de microfone lapela<sup>18</sup>. O espaço físico atual e os

<sup>14</sup> Tricaster é o equipamento que combina os principais recursos necessários para operar uma transmissão de vídeo ao vivo, em formato digital, como cortes, trocas de câmeras, introdução de VT.

<sup>15</sup> Trocas de planos: é abertura ou fechamento do enquadramento da câmera, para deixar mais próximo ou mais distante.

<sup>16</sup> TP: é um equipamento acoplado às câmaras de vídeo, que reproduzem o texto lido pelos apresentadores.

<sup>17</sup> A cabeça é o segmento da notícia apresentado pelo âncora do telejornal e corresponde ao início da matéria, trazendo as principais informações sobre o fato (REZENDE, 2000).

equipamentos utilizados se assemelham com os estúdios dos programas telejornalísticos da TV aberta.

**Em relação ao tempo de duração**, a média de exibição do programa TJ UFSC é de 8 a 10 minutos, como ele é exibido na internet não há uma grade de horários para respeitar, o tempo pode ser utilizado à vontade. Na TV isso não é possível, é preciso informar quanto tempo de duração tem o telejornal para que a pessoa que controla a programação da grade da TV possa organizar o que vem antes e depois. Essa realidade precisou ser adaptada com a exibição do TJ na TV UFSC. Devido à mudanças na programação da TV BRASIL, rede da TV UFSC, o único horário disponível para o TJ na grade de programação e acessível à equipe é às 21h. Diante disso, é gerado um arquivo, enquanto o programa vai ao ar, às 18h pela web e enviado através de FTP para a TV UFSC.

---

<sup>18</sup> Microfone de lapela: é um modelo de microfone pequeno, que fica anexado à gola da roupa do repórter ou apresentador. É ideal para ser usado em locais com ruído, pois prioriza o áudio próximo.

## **6 ANÁLISE DAS PEÇAS**

Também de âmbito analítico, este capítulo apresenta a análise de cada um dos programas que integram o corpus desta pesquisa, detalhando, a partir do modelo teórico-metodológico, o nível de intratextualidade, relacionado as categorias discursivas de tematização, figurativização, actorialização, temporalização, espacialização e tonalização, e o nível de intertextualidade sintagmática, referentes as relações que os textos examinados estabelecem com outros textos.

### **6.1 NÍVEL DA INTRATEXTUALIDADE**

Este nível compreende o exame de cada edição dos dois programas, relacionando dados de identificação, a equipe de trabalho e especificando as categorias discursivas nele expressas.

#### **6.1.1 PAMPA NEWS: EDIÇÃO 1** <http://youtu.be/VYR7xHIMHmw>

#### **Equipe de trabalho**

- Apresentadora: Caroline Rossasi;
- Produtores: Caroline Rossasi, Rafael Junckes e Lays Borges
- Repórteres: Caroline Rossasi, Rafael Junckes e Lays Borges
- Cinegrafistas de externa: Caroline Rossasi e Rafael Junckes
- Cinegrafistas de estúdio: Norton Simões e Sáryon Azevedo
- Edição de imagens: Caroline Rossasi e Rafael Junckes
- Editores-chefe: Caroline Rossasi e Rafael Junckes
- Professora responsável: Roberta Roos

#### **Caracterização**

A edição número 1 do PN, exibida no dia 12 de dezembro de 2013 e com duração de cinco minutos e trinta segundos, contou com uma temática variada,

organizada em duas reportagens e uma nota coberta<sup>19</sup>, todas precedidas por uma cabeça de abertura e sucedidas por nota pé<sup>20</sup>. A edição foi apresentada pela estudante Caroline Rossasi. A figura da apresentadora, que dá voz aos demais repórteres e fala em nome da instituição de ensino e do projeto, reforça o segmento jornalístico universitário, assumindo um papel de emissor da mensagem junto aos internautas.

Figura 22 - Apresentação Caroline Rossasi em cenário físico móvel



Fonte: youtube.com, 2013.

Em relação a marcação temporal, indicada na edição 1, identifica-se o tempo de duração da edição e o de representação cronológica, isto é, a relação com o mundo exterior. Em termos de representação espacial, o PN é apresentado em um espaço restrito, semelhante àquele em que se desenvolvem os telejornais, com a diferença de contar com um cenário móvel físico, constituído por tapadeiras revestidas com a impressão em papel da identidade visual do programa. Não há bancada e redação com pessoas trabalhando ao fundo.

A edição recorre, durante a apresentação, ao plano médio<sup>21</sup> e ao médio primeiro plano<sup>22</sup>, trazendo figurinos, que buscam seguir os padrões do telejornalismo, com o uso de roupas e acessórios neutros.

---

<sup>19</sup> Nota coberta: texto informativo, normalmente, lido pelo apresentador e coberto com imagens.

<sup>20</sup> Nota pé: representa informações adicionais realizadas pelo apresentador no estúdio, quando a reportagem termina.

<sup>21</sup> Plano Médio: é o enquadramento de câmera que fica numa distância média entre o plano geral e o close, enquadramento da cintura para cima.

O encerramento da edição identifica elementos específicos do meio digital, como pode ser observado na fala da apresentadora: "E o Pampa News de hoje fica por aqui! Curta nossa página no facebook e continue acompanhando as próximas edições, até mais!"

O PN 1 utiliza valores tonais que reforçam a imparcialidade, também assegurada nas poucas expressões faciais da apresentadora e no seu equilíbrio de voz. Além disso, convoca valores de racionalidade e relativa formalidade, pelo fato de apresentar materiais de interesse do jovem universitário, potencial consumidor de programação na web, em linguagem simples e atualizada. Esses mesmos valores são confirmados pelo arranjo musical de abertura e encerramento da edição, na tentativa de consolidar as marcas do programa junto ao público.

#### *6.1.1.1 Reportagem 1*

##### *a) Dados de identificação*

A reportagem ocupa o primeiro espaço da edição 1, é introduzida através de uma cabeça que destaca, como foco central, o incentivo do governo argentino para a adoção de um documento específico, que facilita a passagem diária de brasileiros na ponte internacional. Para isso, a matéria trouxe as entrevistas de um estudante brasileiro que faz faculdade na Argentina, da responsável pelas relações institucionais da aduana e do presidente da Delegação de Controle da ponte. A equipe de trabalho é constituída por repórter: Rafael Junckes; cinegrafista: Caroline Rossasi; produtor: Rafael Junckes; editor de imagens: Caroline Rossasi.

##### *b) Estratégias de conteúdo/expressão*

Quanto à **tematização**, a reportagem 1 explora as facilidades do uso do cartão de trânsito vicinal, como ele pode ser obtido e quem pode ter acesso a ele.

No que diz respeito à **figurativização**, a reportagem 1 explora o depoimento obtido através de entrevistas, com um aluno brasileiro que estuda na universidade da Argentina, com a responsável pelas relações institucionais e com o presidente da Delegação de Controle da ponte internacional; as imagens que representam o

---

<sup>22</sup> Médio Primeiro Plano: é o enquadramento de câmera que corta dos ombros para cima, o conhecido 3x4.

tema, como a ponte internacional com grande tráfego de veículos, o cartão vicinal na mão do estudante, a aduana, as placas de trânsito que demarcam a fronteira Brasil - Argentina.

Em relação à **actorialização**, a reportagem 1 divide-se entre o repórter, Rafael Junckes, que fala em off e aparece visualmente, dando informações (passagem)<sup>23</sup> sobre o tema, e os três entrevistados: um estudante, José Inácio Braccini, o presidente da Delegação de Controle, Marcelo Maranhata, e a responsável pelas relações institucionais na ponte, Josefina Maseras, devidamente identificados na matéria, que manifestam depoimentos sobre o tema, dentro de suas áreas específicas. O repórter aparece em plano médio e os entrevistados em médio primeiro plano.

Figura 23 - Passagem do repórter Rafael Junckes



Fonte: youtube.com, 2013.

<sup>23</sup> Passagem: nome dado ao momento em que o repórter aparece na reportagem trazendo informações.

Figura 24 - Sonora<sup>24</sup> do estudante José Inácio Braccini



Fonte: youtube.com, 2013.

Quanto à **temporalização**, a reportagem 1 tem duração de 2'36", e faz referência a um tempo presente, que corresponde às atividades diárias de fluxo de veículos e pessoas na fronteira entre Brasil e Argentina. A temporalidade próxima é reforçada nas imagens que mostram as atividades diárias dos funcionários da aduana e da movimentação de carros, caminhões e pessoas que atravessam a fronteira. Também as entrevistas reforçam o tempo presente, mostrando profissionais com atuação simultânea ao momento de exibição da reportagem.

Referente à **espacialização**, a reportagem 1 centra-se na ponte internacional de integração, que liga São Borja a Santo Thomé, mostrando em planos gerais a movimentação de veículos e pessoas na ponte, o rio Uruguai e a aduana.

No que diz respeito à **tonalização**, a reportagem 1 convoca valores de seriedade e formalidade, ao abordar o tema com relativo distanciamento, confirmado na fala dos profissionais que trabalham na ponte de integração e na escolha das imagens que compõem a matéria.

#### 6.1.1.2 Reportagem 2

##### a) Dados de identificação

---

<sup>24</sup> Sonora é a fala do entrevistado na reportagem.

A reportagem ocupa o segundo espaço da edição 1, é introduzida por uma cabeça que apresenta informações sobre o quadro quinzenal "Meu bairro, nossa história", destacando a importância de pequenas iniciativas em prol da comunidade. Para isso, a matéria traz uma enquete com os moradores do bairro e a entrevista com duas moradoras, que ajudam a cultivar a horta comunitária. A apresentação do quadro é precedida por uma vinheta de identificação. A equipe de trabalho é constituída por repórter: Lays Borges; cinegrafista: Rafael Junckes; produtor: Lays Borges; editor de imagens: Rafael Junckes.

*b) Estratégias de conteúdo/expressão*

Quanto à **tematização**, a reportagem 2, dentro do quadro "Meu bairro, nossa história", fala sobre a iniciativa de alguns moradores do bairro do Passo, que cultivam uma horta comunitária, consomem as produções e, ainda, conseguem arrecadar dinheiro para ações conjuntas da comunidade, com a venda dos alimentos.

No que diz respeito à **figurativização**, a reportagem 2 começa identificando o quadro "Meu bairro, nossa história?", com uma vinheta de animação específica, que precede as matérias que apresentam iniciativas simples da comunidade, quinzenalmente.

Figura 25 - Trecho da vinheta do quadro temático



Fonte: youtube.com, 2013.

A matéria explora o tema através de enquete com pessoas do bairro e das entrevistas, com duas moradoras; da sobreposição de imagens de ruas do bairro, da horta comunitária, das verduras sendo colhidas e dos moradores trabalhando na horta; da presença física da repórter durante dois momentos destacando algumas informações sobre o bairro do Passo e sobre as iniciativas que são feitas ali pelos moradores.

Figura 26 - Imagem da voluntária cultivando a horta



Fonte: youtube.com, 2013.

Em relação à **actorialização**, a reportagem 2 divide-se entre a repórter, Lays Borges, que fala em off e aparece visualmente duas vezes, apresentando o bairro do Passo e depois informando sobre a horta comunitária; os moradores entrevistados na enquete; e as duas voluntárias que ajudam a cultivar a horta comunitária, Sirlei Pinheiro da Rosa e Rosa Verônica Ruiz Mendes, devidamente identificadas na matéria, que manifestam suas experiências como participantes dessa ação que colabora com a comunidade geral do bairro. A repórter aparece em plano médio, já a enquete alterna planos médios e médio primeiro plano. As duas sonoras são em médio primeiro plano também.

Figura 27 - Passagem da repórter Lays Borges



Fonte: youtube.com, 2013.

Referente à **temporalização**, a reportagem 2 tem duração de 2'26", e o tempo de representação situa-se no período presente, na rotina dos moradores envolvidos com a horta comunitária. A temporalidade próxima é reforçada através das imagens gerais que identificam as ruas do lugar e a horta comunitária, dos voluntários cultivando os alimentos e levando para casa para consumir. As entrevistas, também, identificam o tempo presente, pois retratam os moradores do bairro do Passo que falam sobre suas rotinas e os benefícios do trabalho comunitário.

Quanto à **espacialização**, a reportagem 2 centra-se no ambiente externo do bairro do Passo, mostrando em planos close, médio e geral ruas, moradores, a horta comunitária, os alimentos sendo colhidos e lavados. As entrevistas também representam a comunidade local, através da identificação das funções dos entrevistados e dos objetos enquadrados no momento das entrevistas, como a horta e a cozinha da casa de uma das voluntárias do bairro.

No que diz respeito à **tonalização**, a reportagem 2 convoca o valor de informalidade por se tratar de um tema que envolve um ambiente simples e entrevistados envolvidos na iniciativa positiva. As entrevistas sustentam o texto, fazendo complementações adequadas e conferindo credibilidade às informações divulgadas.

### 6.1.1.3 Nota Coberta

#### a) Dados de identificação

A nota coberta, que divulga a feira orgânica dos produtores rurais na Unipampa, ocupa o terceiro espaço da edição. É divulgado apenas através da narração da apresentadora com a cobertura de imagens, sem entrevistas e passagem. A equipe de trabalho é formada por apresentação: Caroline Rossasi; redação: Caroline Rossasi; produção: Lays Borges; cinegrafista: Caroline Rossasi.

#### b) Estratégias de conteúdo/expressão

Quanto à **tematização**, a nota divulga a feira de produtos orgânicos que acontece na Unipampa e faz parte do projeto de extensão: Educação e Comunicação Popular do Campo.

No que diz respeito à **figurativização**, a nota é transmitida pela apresentadora e coberta com imagens dos agricultores, das pessoas envolvidas, dos produtos coloniais e orgânicos e do cartaz de divulgação do projeto de extensão.

Figura 28 - Feira orgânica na Unipampa



Fonte: youtube.com, 2013.

Figura 29 - Produtos coloniais em plano close



Fonte: youtube.com, 2013.

Em relação à **actorialização**, mesmo que a apresentadora Caroline Rossasi represente as informações sobre o curso, naquele momento, através da narração, nem ela nem os produtores rurais e as pessoas que aparecem comprando são identificados e respondem pela ação divulgada. Não há, portanto, a identificação de atores.

Quanto à **temporalização**, a nota que faz parte da composição do programa 1, tem duração de 12", e o tempo de representação é presente, pois divulga a feira de produtos orgânicos que pertence ao projeto de extensão e que representa uma ação que se repete continuamente naquele mesmo lugar.

Quanto à **especialização**, a nota apresenta a entrada da Unipampa/São Borja como ambiente de localização. Partes do prédio da universidade dividem espaço nas imagens com a feira, representada em planos close, médio e geral por verduras e produtos coloniais. Estudantes e pessoas da comunidade também identificam o ambiente.

Figura 30 - Imagem que identifica o local onde a feira acontece



Fonte: youtube.com, 2013.

Quanto à **tonalização**, a nota reforça simplicidade nas informações anunciadas, além de ser transmitida com descontração por se tratar de uma iniciativa positiva e que traz benefícios para muita gente envolvida.

### 6.1.2 Pampa News: edição 51

<https://www.youtube.com/watch?v=yf9zVSnYs0k>

#### Equipe de trabalho

- Apresentadora: Fahen Carvalho;
- Intérprete de libras: professora Keli Krause
- Produtores: Adrienne Fioravante, Vagner Corrêa e Letícia Beilfuss
- Repórteres: Adrienne Fioravante e Letícia Beilfuss
- Cinegrafistas de externa: Adrienne Fioravante e Julia Dalcin
- Cinegrafistas de estúdio: Norton Simões
- Edição de imagens: Adrienne Fioravante e Letícia Beilfuss
- Operador da mesa de corte / switcher: Sáryon Azevedo
- Editor-chefe: Fahen Carvalho
- Professoras responsáveis: Roberta Roos e Sara Feitosa

## Caracterização

A edição número 51 do PN, exibida no dia 22 de janeiro de 2015 e com duração de oito minutos e oito segundos, contou com uma temática variada, organizada em três reportagens e uma nota. A edição foi comandada pela estudante Fahren Carvalho, que, junto com a professora intérprete de sinais Keli Krause, desempenhou o papel de apresentação, fazendo a abertura, o chamamento das reportagens, da nota e o encerramento da edição. A figura da apresentadora, que dá voz aos demais repórteres e fala em nome da instituição de ensino e do projeto, reforça o segmento jornalístico universitário, assumindo um papel de emissor da mensagem junto aos internautas.

Figura 31 - Apresentação Fahren Carvalho em cenário digital, com a intérprete de Libras Keli Kraus



Fonte: youtube.com, 2015.

Em relação a marcação temporal, indicada na edição 51, identifica-se o tempo de duração da edição e o de representação cronológica, isto é, a relação com o mundo exterior. Em termos de representação espacial, o PN é apresentado em um espaço restrito, semelhante àquele em que se desenvolvem os telejornais, com a diferença de contar com um cenário digital claro, projetado em um fundo infinito do estúdio, sem telas, bancada ou redação com pessoas trabalhando ao fundo.

A edição recorre, durante a apresentação, ao plano médio e ao médio primeiro plano, trazendo figurinos, que buscam seguir os padrões do telejornalismo, com o uso de roupas e acessórios neutros.

O encerramento da edição identifica elementos específicos do meio digital, como pode ser observado na fala da apresentadora: "E o Pampa News de hoje fica por aqui! Continue acompanhando nossa página no facebook e se inscreva no nosso canal do youtube! Semana que vem tem mais, tchau!"

O PN 51 utiliza valores tonais que reforçam a imparcialidade, também assegurada nas poucas expressões faciais da apresentadora e no seu equilíbrio de voz. Além disso, convoca valores de racionalidade e relativa formalidade, pelo fato de apresentar materiais de interesse do jovem universitário, potencial consumidor de programação na web, em linguagem simples e atualizada. Esses mesmos valores são confirmados pelo arranjo musical de abertura e encerramento da edição, na tentativa de consolidar as marcas do programa junto ao público.

#### *6.1.2.1 Reportagem 1*

##### *a) Dados de identificação*

A reportagem ocupa o primeiro espaço da edição 51, é introduzida através de uma cabeça que destaca como foco central, os motivos das baixas notas na redação no Exame Nacional do Ensino Médio. Para isso, a matéria trouxe as entrevistas de um estudante que ingressou na Universidade através do ENEM, de um professor universitário de redação e língua portuguesa e de uma professora de mídias digitais. A equipe de trabalho é constituída por repórter: Letícia Beilfuss; cinegrafista: Júlia Dalcin; produtor: Adrienne Fioravante; editor de imagens: Letícia Beilfuss.

##### *b) Estratégias de conteúdo/expressão*

Quanto à **tematização**, a reportagem 1 explora os motivos das baixas notas nas redações do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

No que diz respeito à **figurativização**, a reportagem 1 explora o depoimento obtido através de entrevistas, com aluno ingressante na universidade federal através do Enem, com professor de redação e com professora de mídias digitais; a sobreposição de imagens alusivas ao mesmo tema, como manuseio de livros, pessoas em prova de redação, exposição da prova impressa do Enem; e a representação feita pela linguagem de sinais.

Em relação à **actorialização**, a reportagem 1 divide-se entre a repórter, Letícia Beilfuss, que fala em off ou aparece visualmente, dando informações (passagem) sobre o tema, os três entrevistados: um estudante, Ilton Porto e dois professores da Unipampa, Marcelo Rocha e Vivian Belochio devidamente identificados na matéria, que manifestam opiniões a respeito do ENEM, dentro de suas áreas específicas e a intérprete de libras. Tanto a repórter, quanto os entrevistados e a intérprete aparecem em plano médio.

Figura 32 - Sonora do estudante Ilton Porto



Fonte: youtube.com, 2015.

Quanto à **temporalização**, a reportagem 1 tem duração de 1'53", e faz referência a um tempo próximo, mas passado, que corresponde ao período entre a aplicação dos testes do ENEM, em 2014 até a avaliação pelo MEC em 2015, que identificou o aumento nos índices de reprovação das redações. A temporalidade próxima é reforçada nas imagens que mostram detalhes da prova do ENEM, exercício de escrita e de livros alusivos ao tema e de estudante que ingressou na universidade através do ENEM. Também as entrevistas reforçam o tempo presente, mostrando professores com atuação simultânea ao momento de exibição da reportagem.

Figura 33 - Imagem de apoio do estudante Ilton Porto



Fonte: youtube.com, 2015.

Referente à **especialização**, a reportagem 1 centra-se no ambiente universitário, mostrando em planos médios espaços acadêmicos, frequentados por alunos e professores, como salas de trabalho, laboratórios, e apresentando imagens que simulam locais de realização da prova do ENEM.

No que diz respeito à **tonalização**, a reportagem 1 convoca valores de seriedade e formalidade ao abordar o tema com relativo distanciamento, confirmado na fala dos professores entrevistados e na escolha das imagens que compõem a matéria.

### 6.1.2.2 Reportagem 2

#### a) Dados de identificação

A reportagem ocupa o segundo espaço da edição 51, é introduzida através de uma cabeça que fala sobre o curso de Agronomia da Unipampa, destacando algumas possibilidades de atuação no mercado de trabalho. Para isso, a matéria trouxe as entrevistas de estudantes do curso de Agronomia e do vice-coordenador. A reportagem faz parte do quadro quinzenal "O que vou ser?", sua apresentação é precedida pela vinheta<sup>25</sup> de identificação do quadro. A equipe de trabalho é composta por repórter: Adrienne Fioravante; cinegrafista: Norton Simões e Adrienne Fioravante; produtor: Letícia Beilfuss; editor de imagens: Adrienne Fioravante.

<sup>25</sup> A vinheta serve para marcar a abertura, intervalo, conteúdos diferenciados e o encerramento do programa. "Normalmente é composta por imagem e música características, trabalhadas com efeitos". (PATERNOSTRO, 2006, p. 226).

Figura 34 - Vinheta de abertura do quadro "O que vou ser?"



Fonte: youtube.com, 2015.

#### *b) Estratégias de conteúdo/expressão*

Quanto à **tematização**, a reportagem 2, dentro do quadro "O que vou ser?", fala sobre o curso de Agronomia da Unipampa, apresentando sua estrutura prática e teórica, além das possibilidades de atuação no mercado de trabalho.

No que diz respeito à **figurativização**, a reportagem 2 começa identificando o quadro "O que vou ser?", com uma vinheta de animação específica, que precede as matérias que apresentam cursos de graduação quinzenalmente. A matéria explora o tema através das entrevistas, com o vice-coordenador do curso e com dois acadêmicos; da sobreposição de imagens de livros, de alunos na sala de aula, do manuseio de utensílios e plantas no laboratório e de atividades de externa com maquinário; da presença física da repórter, destacando algumas informações do curso de Agronomia, como duração, disciplinas práticas e teóricas; e da representação feita pela linguagem de sinais.

Em relação à **actorialização**, a reportagem 2 divide-se entre a repórter, Adrienne Fioravante, que fala em off e aparece visualmente, dando informações (passagem) da cidade de Itaqui sobre o curso de Agronomia, os três entrevistados: um aluno bolsista, Cirineu Bandeira e uma estudante, Aline Carazzo e o vice-coordenador, Eduardo Azevedo, devidamente identificados na matéria, que manifestam opiniões a respeito da estrutura e funcionamento do curso e das possíveis atuações no mercado de trabalho e a intérprete de libras. A repórter

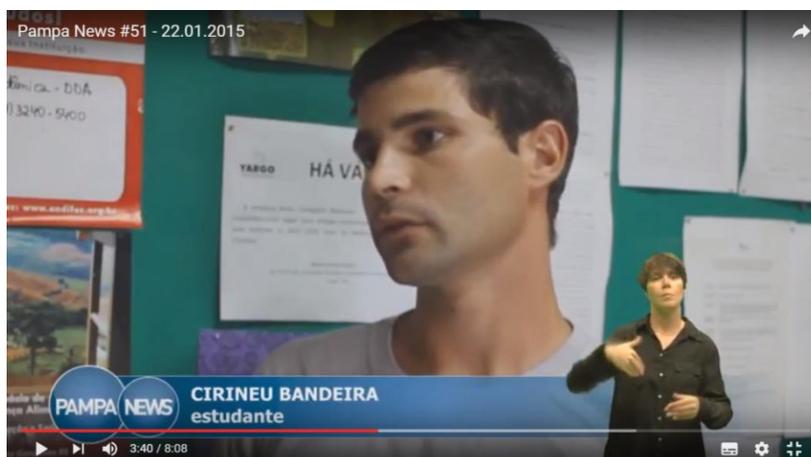
aparece em plano médio, assim como a intérprete de libras, o vice-coordenador e a estudante, já o aluno bolsista está em médio primeiro plano.

Figura 35 - Passagem da repórter Adrienne Fioravante



Fonte: youtube.com, 2015.

Figura 36 - Sonora do estudante na reportagem do quadro "O que vou ser?"



Fonte: youtube.com, 2015.

Referente à **temporalização**, a reportagem 2 tem duração de 2'22", mas o tempo de representação situa-se tanto no período presente em que o curso se encontra, mas também na trajetória passada, desde sua criação. A temporalidade próxima é reforçada através das imagens de estudantes em sala de aula, em laboratórios de pesquisa e em atividades práticas, e também com imagens gerais de campo, solo e máquinas. As entrevistas identificam o tempo presente, pois

esclarecem sobre o campo de atuação na área e sobre as principais atividades desenvolvidas no curso na atualidade.

Quanto à **espacialização**, a reportagem 2 centra-se no ambiente universitário, mostrando em planos close, médio, americano e geral<sup>26</sup> espaços acadêmicos como sala de aula, laboratórios, estudantes manuseando plantas, separando sementes, além de imagens de cartazes, livros, marca da instituição, do campo e de máquinas trabalhando. As entrevistas também representam o meio acadêmico, através da identificação das funções dos entrevistados e dos objetos enquadrados no momento da entrevista, como computadores, marca da instituição, mesas, cadeiras, cartazes, corredores.

No que diz respeito à **tonalização**, a reportagem 2 convoca valores de formalidade, porém voltam-se para um caráter mais informacional, com dados específicos do curso de graduação. As entrevistas sustentam o texto, fazendo complementações adequadas e conferindo credibilidade à informações divulgadas.

### 6.1.2.3 Nota Pelada

#### a) Dados de identificação

A nota pelada<sup>27</sup>, que divulga o curso de bacharelado em Gestão Ambiental da UERGS, ocupa o terceiro espaço da edição. É divulgado apenas através da fala da apresentadora, sem imagens. A equipe de trabalho é composta por apresentação: Fahen Carvalho; redação: Vagner Corrêa; produção: Vagner Corrêa; cinegrafista: Norton Simões.

#### b) Estratégias de conteúdo/expressão

Quanto à **tematização**, a nota pelada divulga informações sobre o novo curso de bacharelado em Gestão Ambiental da UERGS - Universidade Estadual do RS, oferecido na cidade de São Borja.

---

<sup>26</sup>Close: também chamado de Primeiro Plano são os planos mais aproximados, que mostram os detalhes; Plano americano: enquadra do joelho para cima; Plano Geral: enquadramento de câmera que pega o máximo de um cenário;

<sup>27</sup> Nota pelada: também chamada de nota ao vivo é a notícia lida pelo apresentador do telejornal, sem qualquer imagem de ilustração.

No que diz respeito à **figurativização**, a nota é transmitida pela apresentadora.

Em relação à **actorialização**, a apresentadora Fahren Carvalho representa as informações sobre o curso, naquele momento, acompanhada da intérprete de libras.

Quanto à **temporalização**, a nota pelada, que faz parte da composição do programa 51, tem duração de 56", mas o tempo de representação é futuro, pois divulga a abertura de um novo curso de graduação em São Borja, informando sobre o número de vagas e sobre quem pode se candidatar. O tempo é evidenciado através da conjugação verbal do texto da apresentadora, que deixa claro que a situação é futura.

Quanto à **espacialização**, a nota é apresentada no estúdio, que conta com um cenário digital claro, projetado em um fundo infinito<sup>28</sup>, sem telas e bancada. A apresentadora está em pé, enquadrada em médio primeiro plano.

Quanto à **tonalização**, a nota reforça a imparcialidade e a seriedade representadas nas expressões faciais da apresentadora e na sua linguagem simples e atualizada.

#### 6.1.2.4 Reportagem 3

##### a) *Dados de identificação*

A reportagem ocupa o quarto espaço da edição 51, é introduzida através de uma cabeça que conceitua brevemente a medicina alternativa. Para isso, a matéria trouxe as entrevistas de três profissionais da área e de dois pacientes. A equipe de trabalho é composta por repórter: Adrienne Fioravante; cinegrafista: Sáryon Azevedo e Júlia Dalcin; produtor: Vagner Corrêa; editor de imagens: Adrienne Fioravante.

##### b) *Estratégias de conteúdo/expressão*

Quanto à **tematização**, a reportagem 3 fala sobre medicina alternativa, explorando alguns recursos terapêuticos.

No que diz respeito à **figurativização**, a reportagem 3 explora os depoimentos através de entrevistas, de três profissionais: um acupunturista, uma

---

<sup>28</sup> Parede projetada no estúdio de TV, normalmente nas cores azul ou verde e serve para produzir cenários virtuais.

massoterapeuta e uma biomédica; de dois pacientes: um de acupuntura e outro de massoterapia; da sobreposição de imagens de um livro ilustrado de medicina alternativa, de técnicas de acupuntura e de massoterapia e de imagens de apoio<sup>29</sup> de cada uma das pacientes, praticando os métodos; e da presença física da repórter destacando que alguns tratamentos de medicina alternativa são oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Figura 37 - Imagem de apoio da entrevistada Daniele Jungton



Fonte: youtube.com, 2015.

Em relação à **actorialização**, a reportagem 3 divide-se entre a repórter, Adrienne Fioravante, que fala em off ou aparece visualmente, dando informações (passagem) sobre o tema, os cinco entrevistados: uma biomédica, Franciéle Andrade, um acupunturista Márcio Reolon, uma massoterapeuta, Dionéia Ifarraguirre e duas pacientes: Cristine Hickmann e Daniele Jungton, devidamente identificados na matéria, que manifestam opiniões a respeito das técnicas diferenciadas de medicina alternativa, e a intérprete de libras. Tanto a repórter, quanto os entrevistados e a intérprete aparecem em plano médio.

Quanto à **temporalização**, a reportagem 3 tem duração de 2'16", e representa o tempo em que a medicina alternativa faz parte da vida das pessoas. Para isso, são utilizadas imagens de métodos diferentes e de pessoas que se utilizam deles. As imagens do livro de medicina alternativa dão a ideia de que a técnica já vem sendo utilizada há bastante tempo, portanto evidenciando o passado

<sup>29</sup> São as imagens que identificam o personagem da matéria, ou seja, aquela pessoa que é citada para se contar algo sobre ela.

e sua trajetória. A linguagem sonora, identificada, principalmente, através das falas dos entrevistados e profissionais aparece no tempo presente, pois demonstram os benefícios para quem pratica.

Quanto à **espacialização**, a reportagem 3 centra-se em ambientes internos, que identificam, principalmente, duas práticas de medicina alternativa: acupuntura e massoterapia. Os espaços são identificados através de imagens em planos médios, americano e close que evidenciam os profissionais aplicando as técnicas em pacientes, além dos objetos que compõem as cenas: como cama de massagem, equipamentos, cartazes do corpo humano, agulhas. Os entrevistados aparecem em ambientes internos, recebendo orientações e aplicações dos métodos, por profissionais identificados através de jalecos brancos e touca.

Quanto à **tonalização**, na terceira reportagem os valores de seriedade e formalidade são mais suaves, na medida em que a temática trabalhada envolve saúde e qualidade de vida, através de métodos alternativos. As entrevistas dos pacientes convocam valores emotivos, enquanto as entrevistas dos profissionais da área voltam-se para a racionalidade. No final da reportagem, a trilha musical acompanhada com as imagens de alguns métodos apresentados, traz um tom de leveza e tranquilidade.

### **6.1.3 TJ UFSC: edição 27**

<https://www.youtube.com/watch?v=JJKbVOZdc4o>

#### **Equipe de trabalho**

- Apresentador: João Paulo Fernandes
- Produtores: Júlia Schutz e Natália Porto
- Repórteres: Júlia Schutz e Natália Porto
- Cinegrafistas de externa: Renata Bassani
- Cinegrafistas de estúdio: Renata Bassani
- Edição de imagens: Renata Bassani
- Editoras-chefe: Natália Porto e Renata Bassani
- Professores responsáveis: Antônio Brasil e Cárilda Emerim

## Caracterização

A edição número 27 do TJ UFSC, exibida no dia 30 de maio de 2012 e com duração de quatro minutos e trinta segundos, contou com uma temática variada, organizada em uma nota coberta com nota pé, dois *stand-ups* e uma nota pelada. A edição foi apresentada pelo estudante João Paulo Fernandes. A figura do apresentador, que dá voz aos demais repórteres e fala em nome da instituição de ensino e do projeto, reforça o segmento jornalístico universitário, assumindo um papel de emissor da mensagem junto aos internautas.

Figura 38 - Apresentação João Paulo Fernandes em cenário físico



Fonte: youtube.com, 2012.

Em relação a marcação temporal, indicada na edição 27, identifica-se o tempo de duração da edição e o de representação cronológica, isto é, a relação com o mundo exterior. Em termos de representação espacial, o TJ é apresentado em um cenário físico, sem a utilização de *chromakey*<sup>30</sup>, sem bancada ou redação com pessoas trabalhando ao fundo. A parte de trás (branca com detalhes em preto) é um painel e a parte trabalhada que simula uma espécie de parede de pedras é física. O projeto, desde o início, já contava com mesa de corte para fazer as mudanças de

---

<sup>30</sup> É uma técnica de efeito visual que consiste em colocar uma imagem sobre uma outra através do anulamento de uma cor padrão, como por exemplo o verde ou o azul.

câmeras, operada pelos alunos. O único momento em que o tele foi gravado e depois editado foi durante alguns meses entre 2014 e 2015, quando o estúdio estava em reforma e o jornal era gravado na rua.

Além disso, nessa edição não acontece a utilização de mesa de corte, os dois planos (plano médio e médio primeiro plano) em que o apresentador está enquadrado são feitos separadamente na gravação e posteriormente agrupados no processo de edição.

O estúdio não contava, nessa edição, com TP, o apresentador memoriza as falas e conta com o apoio do texto na claquete de mão. A edição recorre, durante a apresentação, a figurinos que buscam seguir os padrões do telejornalismo, com o uso de roupas e acessórios neutros.

Figura 39 - Apresentação João Paulo Fernandes em Médio Primeiro Plano



Fonte: youtube.com, 2012.

O encerramento da edição não identifica elementos específicos do meio digital, não convida os internautas para acompanharem a página do programa, nem para se inscrever no canal do youtube. Mantém a linha tradicional da apresentação de telejornalismo, utilizando o meio digital apenas como canal de transmissão. O programa é encerrado ao som de uma banda, situação que faz parte da programação das quartas-feiras no TJ.

O TJ 27 utiliza valores tonais que reforçam a imparcialidade, também assegurada nas poucas expressões faciais do apresentador e no seu equilíbrio de voz. Além disso, convoca valores de racionalidade e relativa formalidade, pelo fato

de apresentar materiais de interesse do jovem universitário, potencial consumidor de programação na web, em linguagem simples e atualizada. A seriedade da produção jornalística se confirma-se pelo arranjo musical de abertura e encerramento da edição, que busca consolidar a marca do programa junto ao público.

#### 6.1.3.1 Nota Coberta

##### a) Dados de identificação

A nota ocupa o primeiro espaço da edição 27, é introduzida através de uma cabeça que destaca, como foco central, a greve do transporte público de Florianópolis. Para isso, a nota destaca uma alternativa de carona para os estudantes, mostrando imagens de um grupo criado no facebook. A equipe de trabalho é constituída por apresentador: João Paulo Fernandes; cinegrafista: João Paulo Fernandes; produtor: Natália Porto; editor de imagens: Renata Bassani.

##### b) Estratégias de conteúdo/expressão

Quanto à **tematização**, a nota coberta oferece uma alternativa de carona das redes sociais para os estudantes que não conseguem sair, nem mesmo chegar na universidade, devido à greve do transporte público de Florianópolis.

No que diz respeito à **figurativização**, a nota explora o tema, apenas através de imagens de um notebook com acesso ao facebook. Na tela está a imagem de um grupo aberto, chamado carona Floripa. Os integrantes e os comentários feitos por eles nessa página ilustram a informação de que o grupo, em seu primeiro dia de criação, chegou a 10 mil membros.

Em relação à **actorialização**, mesmo que o apresentador João Paulo Fernandes represente as informações sobre a greve do transporte público, naquele momento, nem ele nem os internautas que aparecem comentando no grupo aberto do facebook são identificados e respondem pela ação divulgada. Não há, portanto, a identificação de atores.

Quanto à **temporalização**, a nota que faz parte da composição do programa 27 tem duração de 13", e o tempo de representação é presente, pois divulga a greve do transporte público, que ocorre no momento em que a nota é apresentada.

Quanto à **espacialização**, a nota apresenta o espaço acadêmico como ambiente, representado pelo manuseio do computador na rede social. A narração do apresentador traz a ideia de que ele mesmo está olhando a página e oferecendo as alternativas de carona para os estudantes da universidade.

Figura 40 - Imagem do grupo aberto do Facebook



Fonte: youtube.com, 2012.

Quanto à **tonalização**, a nota reforça valores de seriedade ao tratar do assunto da greve, que está prejudicando os estudantes, mas abre para valores de descontração, ao informar uma alternativa, que está ajudando muitos acadêmicos.

### 6.1.3.2 Stand-up 1

#### a) Dados de identificação

O *stand-up* 1 ocupa o segundo espaço da edição 27, é introduzido através de uma cabeça que fala sobre a greve que atinge as Universidades e Institutos Federais e traz o exemplo da Unipampa, parceira do TJ. Para isso, trouxe um estudante repórter de São Borja, acompanhado do professor, representante do comando de greve, para dar as informações. A equipe de trabalho foi composta por repórter: Rafael Junckes; cinegrafista: Saryon Azevedo; produtor: Nycolas Ribeiro; editor de imagens: Rogério Savian.

Figura 41 - Stand-up do repórter Rafael Junckes



Fonte: youtube.com, 2012.

*b) Estratégias de conteúdo/expressão*

Quanto à **tematização**, o *stand-up* 1 fala sobre a greve que atinge as universidades e institutos federais em todo Brasil, trazendo como exemplo de paralisação total, a Universidade Federal do Pampa, parceira do TJ UFSC.

No que diz respeito à **figurativização**, o *stand-up* 1 explora o tema através da presença do repórter que destaca informações atualizadas sobre a greve e do professor entrevistado. Além disso, faixas penduradas no prédio da Unipampa e a concentração de professores na entrada da universidade contextualizam as informações repassadas.

Em relação à **actorialização**, o *stand-up* 1 divide-se entre o repórter, Rafael Junckes, que aparece visualmente, dando informações (passagem) sobre a greve dos professores da Unipampa, e o professor entrevistado, César Beras, representante do comando de greve, que manifesta sua opinião a respeito dos direitos da classe docente e dos motivos que levaram à paralisação. O repórter e o entrevistado aparecem em médio primeiro plano.

Figura 42 - Entrevista com o representante do comando de greve da Unipampa



Fonte: youtube.com, 2012.

Referente à **temporalização**, o *stand-up* 1 tem duração de 1'49" e o tempo de representação situa-se no período presente em que a greve acontece. A temporalidade próxima é reforçada através da movimentação de professores e estudantes, que acontece enquanto o entrevistado fala. A entrevista, também, identifica o tempo presente, pois esclarece sobre os principais motivos da paralisação docente na Unipampa.

Quanto à **especialização**, o *stand-up* 1 centra-se no ambiente universitário. O prédio da Unipampa, com cartazes referentes à greve aparece em segundo plano, enquanto o entrevistado fala em primeiro plano. Professores e estudantes também compõem o cenário acadêmico, de onde o repórter e o entrevistado oferecem as informações.

No que diz respeito à **tonalização**, o *stand-up* 1 convoca valores de formalidade e seriedade, voltando-se para um caráter mais informacional, com dados específicos sobre a situação da greve, que atinge diversas universidades federais do Brasil. A entrevista sustenta a fala do repórter, trazendo complementações adequadas e conferindo credibilidade à informações divulgadas.

### 6.1.3.3 *Stand-up 2*

#### a) *Dados de identificação*

O *stand-up 2* ocupa o terceiro espaço da edição 27, é introduzido através de uma cabeça que fala sobre um simpósio que traz como temática a Guerra do Contestado. Para isso, a repórter faz sua passagem do local do evento, destacando informações históricas sobre a guerra e falando sobre palestras e palestrantes. A equipe de trabalho é constituída por repórter: Júlia Schutz; cinegrafista: Renata Bassani; produtor: Júlia Schutz; editor de imagens: João Paulo Fernandes.

#### b) *Estratégias de conteúdo/expressão*

Quanto à **tematização**, o *stand-up 2*, fala sobre um simpósio que traz a temática da Guerra do Contestado, debatida por pesquisadores que avaliam a produção científica referente ao movimento.

No que diz respeito à **figurativização**, o *stand-up 2* explora o tema através da presença da repórter que destaca informações atualizadas sobre o simpósio e também pelas imagens das palestras, palestrantes e estudantes e ainda imagens de mapa e fotos antigas da Guerra, retiradas da Globo News.

Em relação à **actorialização**, o *stand-up 2* destaca a repórter, Júlia Schultz, que aparece visualmente, em plano médio, dando informações (passagem) do simpósio que debate questões sobre a produção científica referente à Guerra do Contestado.

Figura 43 - Stand-up da repórter Júlia Schutz



Fonte: youtube.com, 2012.

Referente à **temporalização**, o *stand-up 2* tem duração de 39", e o tempo de representação situa-se no período presente em que o simpósio acontece, reforçado através da movimentação de palestrantes e estudantes que participam do evento. As informações da repórter, que fala diretamente do evento, também marcam a atualidade.

Quanto à **espacialização**, o *stand-up 2* centra-se no ambiente universitário. O evento acontece no prédio da reitoria da UFSC, conforme as informações do apresentador e da repórter. A marcação do ambiente acontece através das imagens das palestras, do público presente no auditório e dos palestrantes em debate.

No que diz respeito à **tonalização**, o *stand-up 2* apresenta um caráter informacional, com dados específicos sobre o simpósio. Para isso, é repassado em uma fala imparcial e séria da repórter.

#### 6.1.3.4 Nota Pelada

##### a) Dados de identificação

A nota pelada divulga a presença do escritor Adolfo Boss Júnior, na sala da biblioteca universitária. É transmitida apenas através da fala do apresentador, sem imagens. A equipe de trabalho é composta por apresentação: João Paulo Fernandes; redação: João Paulo Fernandes; produção: Renata Bassani; cinegrafista: Renata Bassani.

*b) Estratégias de conteúdo/expressão*

Quanto à **tematização**, a nota pelada divulga informações sobre o círculo de leitura de Florianópolis, que recebe o escritor, Adolfo Boss Júnior.

No que diz respeito à **figurativização**, o tema é explicitado na fala do apresentador.

Em relação à **actorialização**, o apresentador João Paulo Fernandes representa as informações sobre o círculo de leitura, naquele momento.

Quanto à **temporalização**, a nota pelada, que faz parte da composição do programa 27, tem duração de 15" e o tempo de representação é futuro, pois divulga a presença do escritor no círculo de leitura de Florianópolis, em um evento que terá início em momento posterior. O tempo é evidenciado através da conjugação verbal do texto do apresentador, que deixa claro que a situação é futura.

Quanto à **espacialização**, a nota é apresentada no estúdio, que conta com um cenário físico. O apresentador está em pé, enquadrado em médio primeiro plano. As informações emitidas por ele referem-se ao evento que vai acontecer na sala da biblioteca universitária da UFSC.

Quanto à **tonalização**, a nota reforça a imparcialidade e a seriedade representadas nas expressões faciais do apresentador e na sua linguagem simples e atualizada.

#### **6.1.4 TJ UFSC: edição 786**

<https://www.youtube.com/watch?v=O0ru8763UnY>

#### **Equipe de trabalho**

- Apresentador: Lais Godinho
- Produtores: Gabriel Gentile
- Repórteres: Felipe Sales
- Cinegrafistas de externa: Reginaldo de Castro
- Cinegrafistas de estúdio: Carlos Henrique Guião
- Edição de imagens: Luiza Morfim
- Operador da mesa de corte / switcher: Felipe Sales
- Editoras-chefe: Felipe Sales e Luiza Morfim
- Professores responsáveis: Antônio Brasil e Cárilda Emerim

## Caracterização

A edição número 786 do TJUFSC, exibida no dia 22 de maio de 2017 com duração de oito minutos e sete segundos, contou com uma temática variada, organizada em uma nota, uma reportagem com nota pé e o quadro de esportes composto por um comentarista de estúdio. A edição foi apresentada pela estudante Lais Godinho, que começou com uma cabeça de abertura seguida da vinheta do programa. A figura da apresentadora, que dá voz aos demais repórteres e fala em nome da instituição de ensino e do projeto, reforça o segmento jornalístico universitário, assumindo um papel de emissor da mensagem junto aos internautas.

Figura 44 - Apresentação Lais Godinho em cenário digital



Fonte: youtube.com, 2017.

Em relação à marcação temporal, indicada na edição 786, identifica-se o tempo de duração da edição e o de representação cronológica, isto é, a relação com o mundo exterior. Em termos de representação espacial, o TJ é apresentado em um espaço restrito, semelhante àquele em que se desenvolvem os telejornais. Conta com um cenário digital, com projeção da marca e fundo azul com a utilização de *chromakey*. A simulação da tela de TV ao fundo auxilia a apresentadora com a projeção das imagens sobre os assuntos abordados.

A edição recorre, durante a apresentação, ao plano médio e ao médio primeiro plano, trazendo figurinos, que buscam seguir os padrões do telejornalismo, com o uso de roupas e acessórios neutros.

Figura 45 - Lais Godinho em cenário digital, enquadrada em Médio Primeiro Plano



Fonte: youtube.com, 2017.

O encerramento da edição identifica elementos específicos do meio digital, quando a apresentadora convida os internautas a enviarem críticas e sugestões por e-mail e, principalmente, quando o comentarista do estúdio fala diretamente para o público, que ele considera da geração Y ou Z, o qual prefere as redes sociais, para acompanhar o programa pelo instagram ou facebook, através do @tjufsc.

O TJ 786 utiliza valores tonais que reforçam a imparcialidade e convoca relativa informalidade, ao utilizar uma linguagem simples e atualizada, em busca de atingir o interesse do jovem universitário, potencial consumidor de programação na web. A seriedade da produção jornalística confirma-se pelo arranjo musical de abertura e encerramento da edição, que busca consolidar a marca do programa junto ao público.

#### 6.1.4.1 Nota

##### a) *Dados de identificação*

A nota ocupa o primeiro espaço da edição 786, é introduzida através de uma cabeça que destaca, como foco central, a crise política do Brasil. Para isso, a nota reforça a abertura do processo de impeachment contra o presidente Michel Temer. A equipe de trabalho é constituída por apresentadora: Lais Godinho; cinegrafista: Luiza Morfim; produtor: Gabriel Gentile; editor de imagens: Felipe Sales.

##### b) *Estratégias de conteúdo/expressão*

Quanto à **tematização**, a nota oferece informações sobre o Conselho Federal da OAB, que aprovou o relatório de abertura do processo de impeachment contra o presidente Michel Temer.

No que diz respeito à **figurativização**, a nota explora o tema, através de algumas imagens projetadas na tela que fica atrás da apresentadora. São imagens da fachada do prédio do Conselho Federal da OAB e da capa do jornal Folha de São Paulo, que destaca o rosto do presidente com a seguinte manchete: "Não renuncio, se quiserem me derrubem".

Figura 46 - Lais Godinho apresentando a nota



Fonte: youtube.com, 2017.

Em relação à **actorialização**, a apresentadora Lais Godinho representa as informações sobre a abertura do processo de impeachment do presidente, naquele momento, em médio primeiro plano.

Quanto à **temporalização**, a nota que faz parte da composição do programa 786 tem duração de 1 minuto, e o tempo de representação é presente, pois divulga a crise política brasileira, que ocorre no momento em que a nota é apresentada.

Quanto à **espacialização**, a nota apresenta o estúdio de TV do TJ como ambiente representado pela narração da apresentadora.

Quanto à **tonalização**, a nota reforça valores de seriedade ao tratar do assunto da abertura do processo de impeachment contra o presidente Michel Temer e da crise política em que se encontra o país. Além disso, convoca uma posição

parcial, ao dizer que é isso que parte da população brasileira quer, seguida da frase: "...aqui em Florianópolis já temos outra manifestação marcada para quarta-feira". O uso do verbo na terceira pessoa inclui a apresentadora e o programa que ela representa na situação divulgada.

#### 6.1.4.2 Reportagem

##### a) Dados de identificação

A reportagem que ocupa o segundo espaço da edição 786 é introduzida por uma cabeça que fala sobre o festival internacional de teatro de animação, que ocorre em Florianópolis. Para isso, trouxe as entrevistas do reitor da UFSC, de uma produtora cultural, da coordenadora geral do festival e da coordenadora executiva. Além disso, o repórter faz uma passagem destacando os outros locais que vão receber o festival. Quando a reportagem termina, a apresentadora destaca, em nota pé, os dias e lugares das apresentações que acontecem em Florianópolis. A equipe de trabalho é constituída por repórter: Felipe Sales; cinegrafista: Reginaldo de Castro; produtor: Reginaldo de Castro; editor de imagens: Felipe Sales.

Figura 47 - Passagem do repórter Felipe Sales



Fonte: youtube.com, 2017.

##### b) Estratégias de conteúdo/expressão

Quanto à **tematização**, a reportagem fala sobre a 11ª edição do Festival Internacional de Teatro de Animação (FITA), que reuniu em Florianópolis um público de mais de 280 mil pessoas, que assistiram a 127 grupos artísticos e 166 espetáculos.

No que diz respeito à **figurativização**, a reportagem explora o tema através da presença do repórter que destaca informações atualizadas sobre as outras cidades que vão receber o festival, das entrevistas com as coordenadoras do festival, de uma produtora cultural e do reitor da universidade. Além disso, as imagens que mostram o teatro lotado de público e as apresentações dos artistas no palco também marcam a figurativização da reportagem.

Em relação à **actorialização**, a reportagem divide-se entre o repórter, Felipe Sales, que aparece visualmente, dando informações (passagem) sobre os próximos lugares que vão receber o festival, e os entrevistados: o reitor da UFSC, Luis Carlos Cancellier, que fala sobre a valorização da cultura e inovação através do festival; a produtora cultural, Mônica Becker, que destaca que o simples é bonito e que os grupos são muito bons; a coordenadora geral do FITA, Sassá Moretti, que salienta o encantamento que um pedacinho de espuma pode trazer; e a coordenadora executiva, Zélia Sabino, que fala sobre como acontece a organização do festival em cidades pequenas, sem estrutura. O repórter é enquadrado em plano médio e os entrevistados aparecem em médio primeiro plano.

Figura 48 - Sonora com a coordenadora do festival



Fonte: youtube.com, 2017.

Quanto à **temporalização**, a reportagem que faz parte da composição do programa 786 tem duração de 3 minutos, e o tempo de representação é presente, pois divulga o festival internacional de teatro de animação, que ocorre no momento em que a reportagem é apresentada.

Quanto à **espacialização**, a reportagem apresenta o teatro da UFSC como ambiente, representada pelas imagens do público presente, do palco e dos artistas em atividade.

Quanto à **tonalização**, a reportagem reforça valores de descontração e entusiasmo ao tratar de um assunto que envolve lazer, cultura, arte e diversão.

#### *6.1.4.3 Quadro de esportes com comentarista*

##### *a) Dados de identificação*

O TJ Esportes que ocupa o terceiro e último espaço da edição 786, é introduzido por uma cabeça que anuncia que segunda-feira é dia de esporte no programa. Nesse momento, entra no estúdio o comentarista, que fica ao lado da apresentadora, dividindo o cenário e dialogando. À medida que o comentarista fala sobre a situação dos times catarinenses no brasileirão, imagens dos jogos são introduzidas na TV que está ao fundo dos apresentadores e em alguns momentos a imagem fica integral na tela, acompanhada pela narração do comentarista. No encerramento do quadro, a apresentadora e o comentarista desejam boa sorte aos times catarinenses, que foram o destaque do TJ daquela segunda-feira. A equipe de trabalho é composta por comentarista Gabriel Gentile; cinegrafista: Reginaldo de Castro; produtor: Gabriel Gentile; editor de imagens: Gabriel Gentile.

Figura 49 - Apresentadora e comentarista de esporte dividindo o estúdio no quadro temático da segunda-feira



Fonte: youtube.com, 2017.

*b) Estratégias de conteúdo/expressão*

Quanto à **tematização**, o quadro temático TJ Esportes, apresenta a situação dos times da série A e B no campeonato brasileiro, com destaque para os catarinenses.

No que diz respeito à **figurativização**, o quadro explora o tema através da presença do comentarista de esporte e da apresentadora, que dialoga com ele. Além disso, o quadro é ilustrado com imagens dos jogos do brasileirão, em especial, com atuações dos times catarinenses.

Figura 50 - Comentário acompanhado de imagens



Fonte: youtube.com, 2017.

Em relação à **actorialização**, a reportagem divide-se entre a apresentadora Lais Godinho e o comentarista do quadro de esportes, Gabriel Gentile, que aparece visualmente, dando informações sobre a situação dos times no campeonato brasileiro. Eles estão enquadrados em plano médio.

Quanto à **temporalização**, o quadro que faz parte da composição do programa 786 tem duração de dois minutos e dez segundos (2'10"), e o tempo de representação é presente, pois divulga os principais destaques do campeonato brasileiro, que ocorre no momento em que o TJ Esportes é apresentado.

Quanto à **espacialização**, o quadro apresenta o estúdio do TJ como ambiente principal, mas as imagens dos jogos que aparecem integralmente na tela também contextualizam o ambiente, em alguns momentos.

Quanto à **tonalização**, o quadro reforça valores de descontração e entusiasmo, ao tratar de um assunto que envolve esporte e lazer.

## 6.2 NÍVEL DA INTERTEXTUALIDADE SINTAGMÁTICA

Este nível dá conta das especificidades estratégicas que os programas contraem com outros textos, buscando, ainda, estabelecer semelhanças e diferenças entre eles.

Relativamente à **ênfase a sua constituição**, é importante ressaltar que os dois programas nasceram na web, inexistindo a transição de material de TV para a

internet, embora suas origens estejam nas bases do telejornalismo. Com o passar do tempo, através da melhoria das condições técnicas, os dois programas começaram a explorar de forma mais efetiva as potencialidades da web, trazendo para as edições iniciativas mais fortes de interatividade. É preciso atentar para o fato de que não possuem representação em grade televisiva, o que permite que sejam classificados de híbridos, seguindo a definição de Souza (2011), no que diz respeito às linguagens de produção que se preocupam em seguir princípios do telejornalismo, de acordo com as demandas pedagógicas.

A especificidade do Pampa News é sua criação vinculada ao espaço experimental de prática telejornalística oferecida aos estudantes, o que exige uma supervisão docente e técnica para seu funcionamento. O fato de ser uma produção telejornalística com veiculação na web, assegura sua natureza híbrida. O TJ UFSC também possui a criação vinculada ao espaço de prática telejornalística, produzida exclusivamente pelos estudantes, sem a necessidade da interferência docente para seu funcionamento. Ambos os programas, ao realizarem a publicação pela web trazem elementos específicos da rede, tanto através do discurso dos âncoras e repórteres, quanto na postura, vestimentas, gírias e na indicação para que os usuários se inscrevam e acompanhem as edições. Além disso, no PN os valores de responsabilidade, veracidade e apelo ao conteúdo educativo ficam evidentes na reprodução dos discursos. Os quadros temáticos "Meu bairro, nossa história" e o "O que vou ser?", são exemplos de temáticas educativas atemporais. No TJ esse valores também são recorrentes, mas apresentados através de conteúdo factual. O quadro de esportes é um exemplo, pois apresenta a situação das equipes, com trechos de jogos e resultados que acabaram de acontecer, além da divulgação das próximas disputas e da classificação dos times nas séries A e B.

Relativamente à **reiteração das partes constituintes**, os dois programas são equivalentes, pois são apresentados por um âncora, possuem quadros temáticos, reportagens, *stand-ups* e notas. Os estudantes atuam como apresentadores, repórteres, cinegrafistas e produtores. Reproduzem discursos com linguagem acessível e atualizada. Além disso, ocorre a identificação do público com a equipe de trabalho que, no PN, permanece a mesma durante um semestre e, no TJ, durante um ano, havendo a recorrência de papéis desempenhados na apresentação e reportagem; A natureza laboratorial do TJ UFSC tem permitido que os estudantes,

com o passar do tempo, apropriem-se das técnicas do telejornal e inovem na organização da estrutura para atrair o público conforme o seguinte depoimento:

Começamos a pensar em como inovar, a começar pelas aberturas do telejornal. Passamos a fazer escaladas, chamar a atenção de quem nos assiste de uma outra maneira, de um jeito menos formal nos aproximando dos nossos telespectadores já na abertura do jornal do dia (EMERIM, 2018, p.45).

Essa experiência foi relatada no livro do programa pelos editores-chefe Luiza Morfim e Felipe Sales.

Sobre a **menção a situações temporais**, as edições do PN apresentam conteúdos que situam o público em relação ao tempo das produções. Os conteúdos apresentam três tipos de tempo: o de duração de cada edição, o de periodicidade da exibição (no caso do PN, semanal) e o de representação do mundo exterior (evidenciado, na maioria das pautas, pela referência ao tempo presente). Isso fica evidente, principalmente, nos conteúdos de cunho educativo das reportagens e na demarcação do início e do término de cada edição, pelo uso das expressões: "Olá, começa agora o PN"; " E o PN fica por aqui, semana que vem tem mais, tchau!". No TJ, as edições apresentam conteúdos que situam o público em relação ao tempo presente das produções, identificadas pela periodicidade diária do programa. Isso fica evidente, principalmente, nas pautas factuais, que acompanham as repercussões de notícias locais, nacionais e internacionais e também na demarcação do início e do término de cada edição, pelo uso das expressões: " Olá, hoje é quinta-feira e o TJ UFSC está começando..."; " E o TJ de hoje fica por aqui, até amanhã...".

Em relação à **ênfase a orientação docente e técnica**, está a principal divergência entre os projetos. No Pampa News, a inserção docente e técnica é condição para o funcionamento do programa. A restrição de acesso deve-se ao pouco tempo em que o material audiovisual foi adquirido para o estúdio de TV e à consequente determinação do campus para que os equipamentos só possam ser manuseados pelos técnicos. Para o futuro espera-se que essas experiências permitam a construção da autonomia por parte dos alunos, com vistas a menor interferência docente possível. No TJ, os alunos têm total liberdade para escolherem as pautas, fazer uso do equipamento, elaborar os textos e definir o que entra na edição. A avaliação dos coordenadores do projeto acontece de forma esporádica, depois que o programa vai ao ar.

Sobre a **atenção à produção inclusiva**, os dois projetos possuem a preocupação em produzir conteúdo que contemple a acessibilidade, embora utilizem estratégias diferentes. No PN, todas as edições são acompanhadas pela linguagem de sinais, desenvolvida por uma professora de Libras da Unipampa. O espaço ocupado por ela na tela é maior do que normalmente se vê, pois optou-se pela retirada da janela.

Figura 51 - Espaço para a intérprete de Libras sem "janela"



Fonte: youtube.com, 2017.

No TJ UFSC, a estratégia foi diferente: houve a versão do programa totalmente em Libras, apresentada por um estudante de Letras. O programa teve duração de um ano e deixou de ser exibido devido à falta de recurso para o projeto.

Sobre a **reiteração dos quadros temáticos e outros textos**, os dois programas têm buscado novidade e modernização. O Pampa News modernizou as vinhetas de abertura, com o acesso a novos computadores e softwares de edição. Além disso, as animações que antecedem os conteúdos foram ganhando mais detalhes gráficos, como pode ser percebido entre os quadros: "Meu bairro, nossa história" e "O que vou ser". Da mesma forma, o TJ UFSC vem buscando aprimorar suas edições com novas técnicas de edição e animação, como foi o caso dos quadros "Vem com o TJ", "Minuto UFSC" e o "TJ Esportes". Além disso, esses quadros temáticos exemplificam a reiteração a outros textos, pois o conteúdo das edições remetem a outros momentos sequenciais, como a continuação das reportagens que exploram situações positivas em diversos bairros da cidade

(apresentadas no quadro: "Meu bairro, nossa história") ou a sequência de rotinas e especificidades de diferentes cursos de graduação (apresentadas no quadro: "O que vou ser?"); no caso do TJ, como a continuação das reportagens que exploram situações factuais e seu desenrolar (exemplo: notícia sobre a abertura do processo de impeachment do presidente Temer) e de coberturas completas (como o caso da prisão e suicídio do reitor da UFSC). Esses textos ao serem apresentados retomam situações divulgadas por outras edições.

Figura 52 - Repórter editando a reportagem no *software Adobe Premiere*



Fonte: youtube.com, 2017.

Relativamente à **disponibilidade das plataformas de exibição**, existem semelhanças e diferenças entre os dois. O PN é um programa gravado semanalmente que, depois, é distribuído pelo canal do Youtube e pelo Facebook. Na página do programa, também estão incluídas chamadas com o conteúdo da próxima edição, informações complementares sobre as reportagens apresentadas, indicação do número de visualizações e curtidas, com espaço para o público comentar a programação, sugerir pautas e trocar ideias com a equipe. Além disso, o PN está vinculado a um projeto municipal chamado Cine Parcão, que proporciona à comunidade a exibição de filmes em um telão ao ar livre em um parque de São Borja. Nesse projeto, a edição semanal do PN é exibida antes dos filmes.

O TJ UFSC, desde o início, previa a transmissão ao vivo direto pela plataforma. Embora esse processo seja complexo porque exigia a conexão do servidor na mesa de corte Tricaster e das câmeras no estúdio, a transmissão ao vivo

do primeiro telejornal pelo YouTube, só ocorreu em 11 de dezembro de 2015, e permanece até hoje, com igual distribuição no Facebook.

Cabe ressaltar uma curiosidade do TJ: ele sempre foi confundido com a TV UFSC e poucos entendiam por que o telejornal da universidade era transmitido somente via web e não pelo canal. A verdade é que esse assunto até hoje é bastante delicado, porque a TV UFSC é coordenada pela reitoria da universidade e isso faz com que as temáticas trabalhadas estejam sempre de acordo com os interesses da instituição. Já o TJ é uma atividade que faz parte do curso de jornalismo e constitui uma prática discente. No ano de 2017, com o crescimento do projeto e o prêmio recebido no Expocom Nacional, ao lado da cobertura da prisão e posterior morte do reitor, o TJ ganhou bastante visibilidade o que permitiu sua entrada na TV UFSC, mesmo que não seja ao vivo. Este diferencial foi o reconhecimento formal da importância do TJ.

Em relação à **ênfase a interatividade com o público e uso de manifestações positivas**, estudantes e professores dos dois projetos têm buscas semelhantes. Por serem programas nascidos na web possuem um público-alvo predominantemente formado por estudantes, o que faz com que os alunos integrantes busquem aprimorar a norma padrão da língua portuguesa e alcançar algumas informalidades que os aproximam do público internauta. Para além disso, o PN possui identificação com a comunidade local e o estímulo à interação acontece através das páginas do programa nas redes sociais. No Facebook, a interpelação ao internauta é constante, através de chamadas com a divulgação dos conteúdos da próxima edição, convites para curtir e visualizar, divulgação de curtidas e compartilhamentos, retorno da equipe aos internautas que enviam perguntas ou sugestões. As edições encerram com o convite do apresentador para que o público continue acompanhando o programa pelo Youtube ou Facebook, com a inclusão do endereço eletrônico na tela. Além disso, no PN ocorre o uso de manifestações positivas em textos de cabeça ou pé, para se auto valorizar, através das informações obtidas pela aceitabilidade do público que curte, visualiza e compartilha o programa nas redes sociais. Já o TJ, por ser veiculado também na TV possui uma abrangência maior. A maioria das edições encerra com o convite do apresentador para que o público continue acompanhando o programa pelo Youtube, Facebook ou Instagram. O uso do espaço de fala para auto-valorização acontece, principalmente, para divulgar os números que representam a aceitabilidade do público na web,

através da quantidade de visualizações e também para destacar o programa considerado o melhor do Brasil, no seguimento universitário. Os apresentadores retomam, seguidamente, a conquista desses prêmios em seus discursos.

Sobre o **apelo a produção discente e fortalecimento da qualificação profissional**, os programas demonstram o investimento na qualidade de ensino proporcionada pela Unipampa e UFSC nos cursos de Comunicação. O Pampa News se consolidou como referência de mídia local na cidade de São Borja; e o TJ se destaca pela conquista de diversos prêmios como o melhor telejornal universitário brasileiro. A experiência nos projetos constitui preparação significativa para o mercado de trabalho em telejornalismo, conforme relato de seus integrantes. A estudante Caroline Rossasi, integrante do Pampa News assim, afirmou:

Posso afirmar com toda a certeza que a prática que tive com o Pampa News foi fundamental para a minha formação como jornalista. Aprendi a lidar melhor com prazos e imprevistos, a buscar o diferente e a ser pró-ativa. Foi nesse período que comecei a exercitar um olhar mais observador e detalhista, fundamental no processo de construção de qualquer reportagem audiovisual (Relato de Caroline Rossasi, integrante da primeira equipe do PN de 2013).

Também o relato das alunas Ana Cristina Machado e Fernanda Mueller, para o TJ, testemunha a mesma impressão:

O TJ UFSC foi, com certeza, um espaço de aprendizagem e novas experiências. Estudantes de diversas fases do Curso de Jornalismo formaram uma equipe muito unida. Juntamos as forças e, com muita dedicação, conseguimos fazer o projeto continuar e evoluir (EMERIM, 2018, p.39)

Esse incremento à formação torna-se fonte de estímulo tanto para professores, que apostam na importância da teoria e prática andarem juntas nesta área, como para os alunos que almejam seguir carreira no jornalismo de televisão ou web.

Em síntese, relativamente à intertextualidade sintagmática, o PN e o TJ possuem semelhanças e diferenças que permitam essa reflexão.

## 7 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo trata da interpretação dos resultados, compreendendo três direções consideradas relevantes: as inter-relações possíveis, ou seja, semelhanças e dessemelhanças entre Pampa News e TJ UFSC, a partir das estratégias de nível paradigmático e sintagmático que eles contraem; o cruzamento dos dispositivos discursivos encontrados nos dois programas buscando ressaltar características semânticas e sintáticas predominantes; a escolha de delimitação conceitual, que se refere a conceituação de webjornalismo no âmbito desta tese.

### 7.1 INTER-RELAÇÕES POSSÍVEIS

Diante das premissas de Duarte e Castro (2014), que apontam para as relações que os textos contraem com o seu modelo, o nível intertextual paradigmático é interpretado, no contexto deste trabalho, pela análise dos dois programas para entendimento da utilização recorrente e dos processos inovadores a que são submetidos na plataforma digital.

#### **Sobre o paradigma**

Através da verificação analítica realizada é possível constatar que todos os textos apresentados nos dois programas Pampa News e TJ UFSC, voltam-se para o gênero informativo. Portanto, em relação ao seu modelo, os textos universitários apresentados no meio digital **recuperam**:

- o espaço dedicado para notícias reais e verídicas;
- a estrutura utilizada nos textos, com recorrência à sonoras, passagens, offs, precedidos por cabeças e sucedidos por notas pé (em alguns casos);
- os personagens oficiais representados por âncora e repórteres;
- a equipe constituída por: âncora, repórteres, cinegrafistas, produtores e editores.
- a alternância de planos na apresentação;
- a constituição do cenário e de vinhetas de abertura e encerramento;
- a recorrência de várias formas de expressão, como verbal, visual, audiovisual, que complementam a abordagem do fato;
- a incidência de quadro temático;

- a postura e vestimenta dos repórteres e apresentadores;
- a interpelação ao público feita pelos apresentadores, para que volte a assistir a próxima edição.

Já em relação ao seu modelo, os textos universitários, dos dois programas apresentados no meio digital, **inovam**:

- na interpelação ao público feita pelos apresentadores, para que acompanhe a página do programa no facebook, envie opiniões e sugestões;
- no emprego de uma linguagem atualizada dirigida para o jovem, que faz uso das redes digitais, buscando a aproximação entre as instâncias de produção e recepção;
- na possibilidade de rever a programação exibida a qualquer momento;
- no tempo de duração dos programas, considerados curtos para TV e adequado para web;
- no tempo de duração das reportagens, considerado longo para TV;
- na programação voltada especialmente para o público universitário e local, mas com abrangência mundial;
- na possibilidade de interação do público, através da rede social;
- na possibilidade de flexibilização do conteúdo, pela inserção de material em vídeo, uso de infográficos que demonstram as diversas alternativas do meio digital;
- no compartilhamento de material jornalístico entre universidades parceiras, através da Rede Nacional de Telejornais Universitários;
- no acompanhamento do número de visualizações e curtidas por edição;

Frente ao exposto, depois de identificadas as reiterações e inovações nos textos veiculados em comparação ao modelo, verifica-se a organização textual e estrutural reconhecidas nos telejornais de base. Nas quatro edições são identificadas características de conteúdo informacional e verídico, que reforçam o perfil organizacional do modelo. Mas, o exame dos textos, demonstra também inovações quanto, a possibilidade de interação do público (convidado a assistir, compartilhar, curtir), da empatia entre o consumidor e a instância digital (com a adoção de um tom mais leve e íntimo), do aproveitamento das manifestações dos internautas para a produção e melhoramento das pautas (reforçada pela instância da enunciação), da linguagem e das facilidades de acesso, possíveis apenas no meio digital. Dessa forma, são reveladas ações de flexibilidade com ênfase ao envolvimento do enunciatário, instigado a imergir nas informações disponibilizadas

pelo ambiente digital. Diante da identificação dos programas como webtelejornais, cria-se uma relação de reciprocidade que, garante a comunicabilidade pela identificação do público com os textos veiculados na web.

### **Sobre o sintagma**

Frente à premissa de que as construções dialógicas dos textos são atravessadas por discursos precedentes e sucessivos, as relações intertextuais sintagmáticas são interpretadas pelas diversas estratégias contraídas pelos textos em cada edição analisada. Para tanto, com base na análise detalhada feita em relação a intertextualidade sintagmática existente entre os dois webtelejornais, busca-se agora indicar as principais características que os diferenciam.

#### **Pampa News**

- de caráter educativo e não factual;
- de periodicidade semanal;
- promove a divulgação de chamadas para os próximos programas, através de fotos e vídeos na página do facebook;
- oferece acessibilidade, com a tradução dos programas para a Linguagem Brasileira de Sinais;
- disponibiliza maior quantidade de conteúdos por edição, com menor tempo de exibição para cada um;
- maior recorrência de reportagens nas edições.

#### **TJ UFSC**

- de caráter factual;
- de periodicidade diária;
- não promove a divulgação através de chamadas na página do facebook, devido a sua produção diária;
- a experiência acessível oferecida com a edição em Libras não faz mais parte do programa;
- incidência de comentarista de estúdio;
- disponibiliza menor quantidade de conteúdos por edição, com maior tempo de exibição para cada um;

- maior recorrência de notas e stand-ups nas edições, devido ao menor tempo de produção.

## 7.2 CRUZAMENTO DE DISPOSITIVOS DISCURSIVOS

Diante do fato de que as estruturas semióticas de superfície são retomadas pelas estruturas discursivas e colocadas em discurso, apresenta-se agora o cruzamento dos dados obtidos na análise intratextual. Para isso, os dispositivos semânticos e sintáticos de cada uma das quatro edições são expostos em quadros, para posterior análise de cruzamento de dados.

Quadro 01 - Quadro semântico Pampa News edição 1

	<b>Tematização</b>	<b>Figurativização</b>
Reportagem 1	Referência ao uso do cartão de trânsito vicinal para atravessar a fronteira entre Brasil e Argentina.	Entrevistas com autoridades da aduana e com aluno que faz o trajeto diário, junto com imagens locais.
Reportagem 2	Apresentação de horta comunitária produzida por moradores, dentro do quadro temático "Meu bairro, nossa história".	Entrevistas com moradores, junto com imagens do bairro e da horta.
Nota coberta	Divulgação da feira de produtos orgânicos da Unipampa, dentro do projeto Educação e Comunicação Popular do Campo.	Imagens dos agricultores, dos produtos coloniais e orgânicos e da divulgação do projeto.

Fonte: a autora, 2018.

Quadro 02 - Quadro semântico Pampa News edição 51

	<b>Tematização</b>	<b>Figurativização</b>
Reportagem 1	Discussão dos motivos das baixas notas nas redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).	Entrevistas com aluno ingressante e com professores de redação e de mídias digitais, complementadas com imagens da prova; intérprete de libras.
Reportagem 2	Apresentação do curso de Agronomia da Unipampa, dentro do quadro temático "O que vou ser?"	Entrevistas com dois acadêmicos e vice-coordenador do curso, ao lado de imagens do meio universitário; intérprete de libras.
Nota Pelada	Informações sobre o novo	Fala exclusiva do

	curso de bacharelado em Gestão Ambiental da UERGS, oferecido em São Borja.	apresentador.
Reportagem 3	Apresentação das possibilidades da medicina alternativa e seus recursos terapêuticos.	Entrevista com profissionais da área e dois pacientes, ao lado de imagens sobre medicina alternativa, de técnicas de acupuntura e massoterapia.

Fonte: a autora, 2018.

### **Pampa News 1 e 51:**

As pautas não factuais desenvolvidas nas duas edições, apresentam, de forma geral, caráter positivo, informativo e educativo. Nas duas estruturas, a maior recorrência no desenvolvimento das temáticas é através de reportagens, isso devido ao fato, do programa ser semanal e ter tempo para produções mais detalhadas.

O conteúdo volta-se, principalmente, para a comunidade local, como se pode identificar nas reportagens do quadro "Meu bairro, nossa história", na divulgação da feira de produtos orgânicos, na reportagem sobre medicina alternativa e recursos terapêuticos e na reportagem sobre o cartão de trânsito vicinal; e para o público universitário, como se pode identificar na reportagem sobre as baixas notas nas redações do ENEM, no quadro "O que vou ser?", que apresenta o curso de agronomia da Unipampa e nas informações sobre o curso de bacharelado em Gestão Ambiental da UERGS. Esse tipo de temática revela uma aproximação com a não factualidade das pautas.

O Pampa News, através das edições 1 e 51, demonstra a valorização por uma figurativização dos temas propostos através de imagens, entrevistas e passagem dos repórteres. Os planos mais recorrentes, que marcam essa figurativização são o plano médio e o médio primeiro plano.

### **Quadro 03 - Quadro Semântico TJ UFSC edição 27**

	<b>Tematização</b>	<b>Figurativização</b>
Nota coberta	Referência a greve do transporte público de Florianópolis, ao lado de sugestões de carona nas redes sociais.	Fala do apresentador e imagens do Facebook do grupo aberto carona Floripa.
<i>Stand-up 1</i>	Alusão a greve das universidades e institutos	Passagem do repórter com entrevistado.

	federais em todo Brasil.	
<i>Stand-up 2</i>	Referência a produção científica referente ao período da Guerra do Contestado.	Passagem da repórter, com imagens do encontro e fotos antigas da Guerra.
Nota Pelada	Apresentação do círculo de leitura de Florianópolis.	Fala exclusiva do apresentador.

Fonte: a autora, 2018.

#### Quadro 04 - Quadro Semântico TJ UFSC edição 786

	<b>Tematização</b>	<b>Figurativização</b>
Nota	Alusão ao relatório de abertura do processo de impeachment contra o presidente Michel Temer.	Imagens do prédio do Conselho Federal da OAB e da capa do jornal Folha de São Paulo.
Reportagem	Referência a 11ª Edição do Festival Internacional de Teatro de Animação (FITA).	Entrevistas com os envolvidos no teatro, ao lado de imagens do público e da apresentação de artistas.
Quadro de esportes	Apresentação dos times da série A e B no campeonato brasileiro, com destaque para os catarinenses.	Diálogo entre apresentadora e comentarista de estúdio, junto com imagens do brasileiro.

Fonte: a autora, 2018.

#### TJ UFSC 27 e 786

O TJ demonstra através de pautas factuais um apelo voltado para conteúdos gerais, como se pode identificar nas notas sobre a alusão a greve das universidades e institutos federais em todo Brasil, a abertura do relatório do processo de impeachment contra o presidente Temer e a situação dos times no campeonato brasileiro.

Nas duas estruturas, a maior recorrência no desenvolvimento das temáticas é através de notas e *stand-ups*, devido a agilidade para gravar e editar, já que o programa é diário.

O TJ UFSC, através das edições 27 e 786, demonstra a valorização por uma figurativização dos temas propostos através de imagens, entrevistas e passagem dos repórteres. Os planos mais recorrentes, que marcam essa figurativização são o plano médio e o médio primeiro plano.

O conteúdo volta-se, principalmente, para a comunidade local, como se pode identificar nos conteúdos sobre a greve do transporte público de Florianópolis, na

divulgação da 11ª edição do festival internacional de teatro de animação e na apresentação do campeonato brasileiro com destaque para os times catarinenses; e para o público universitário, como se pode identificar na apresentação sobre o círculo de leitura de Florianópolis, nas informações sobre a greve das universidades federais de todo Brasil e do seminário de produção científica sobre a Guerra do Contestado. Esse tipo de temática revela uma aproximação com a factualidade das pautas.

Quadro 05 - Quadro sintático Pampa News edição 1

	<b>Actorialização</b>	<b>Temporalização</b>	<b>Espacialização</b>	<b>Tonalização</b>
Reportagem 1	Repórter e entrevistados: (estudante, pres. Delegação de Controle, resp. relações institucionais)	Duração de 2'36". Representação ao tempo presente.	Ponte internacional de integração entre São Borja e Santo Thomé.	Seriedade e formalidade.
Reportagem 2	Repórter e entrevistados: voluntárias do bairro.	Duração 2'26". Representação no tempo presente.	Bairro do Passo e horta comunitária.	Informalidade.
Nota Coberta	Sem identificação de atores.	Duração de 12". Representação no tempo presente.	Espaço externo da Unipampa.	Simplicidade e descontração.

Fonte: a autora, 2018.

Quadro 06 - Quadro sintático Pampa News edição 51

	<b>Actorialização</b>	<b>Temporalização</b>	<b>Espacialização</b>	<b>Tonalização</b>
Reportagem 1	Repórter e entrevistados (estudante e professores).	Duração de 1'53". Representação do tempo passado.	Ambiente universitário.	Seriedade e formalidade.
Reportagem 2	Repórter e entrevistados (alunos e vice-coordenador do curso).	Duração de 2'22". Representação do tempo presente e menção ao tempo passado.	Ambiente universitário.	Formalidade.
Nota Pelada	Apresentadora	Duração de 56". Representação de tempo futuro.	Estúdio do Pampa News.	Imparcialidade e seriedade.
Reportagem 3	Repórter e entrevistados (biomédica, acupunturista,	Duração de 2'16". Representação do tempo	Ambientes internos de prática da medicina	Valores de racionalidade e emoção. Formalidade

	massoterapeuta e pacientes).	e	passado presente.	e	alternativa.	suavizada.
--	------------------------------	---	-------------------	---	--------------	------------

Fonte: a autora, 2018.

## **Pampa News 1 e 51**

A representação das pautas do PN são, na maioria, não factuais e encontram-se no tempo presente. As reportagens possuem um tempo médio de 2' a 2'30". Além disso, o tempo geral das edições analisadas são maiores nos programas mais atuais e menores nos mais antigos. Esse fato, refere-se ao crescimento do projeto, com o acesso a equipamentos mais adequados e modernos e ao aumento do número de estudantes envolvidos nas produções.

O PN se caracteriza principalmente pela recorrência de reportagens, com a presença do repórter e de entrevistados. Em relação à actorialização, a representação é feita através de entrevistas com autoridades/ especialistas, com personagens e com a passagem dos repórteres. Essa incidência ocorre nas reportagens do cartão vicinal, da redação do ENEM, do curso de agronomia, da horta comunitária e da medicina alternativa.

O uso de personagens nas reportagens traz um tom de aproximação com o público e simplicidade nas informações repassadas, como pode ser observado nas reportagens do cartão vicinal (personagem: estudante), da horta comunitária do bairro (personagem: moradora voluntária), das baixas notas nas redações do ENEM (personagem: estudante), do curso de agronomia (personagem: estudante) e na medicina alternativa (personagens: paciente de acupuntura e paciente da massoterapia).

O ambiente acadêmico está presente como referência de especialização em diversas pautas das edições analisadas, reforçando o compromisso universitário do programa, como pode ser identificado nas reportagens do ENEM, do curso de agronomia e na nota do curso de Gestão Ambiental da UERGS.

Os valores tonais de formalidade e informalidade alternam-se, justificando o compromisso do projeto que atua, primeiramente, como um laboratório experimental de telejornalismo e em segundo, na busca pela atração de uma audiência universitária, inserida no contexto das mídias digitais.

Quadro 07 - Quadro sintático TJ UFSC edição 27

	<b>Actorialização</b>	<b>Temporalização</b>	<b>Espacialização</b>	<b>Tonalização</b>
Nota Coberta	Não identificação de atores.	Duração de 13". Representação do tempo presente.	Espaço acadêmico.	Seriedade.
Stand-up 1	Repórter Rafael Junckes e o professor entrevistado César Beras.	Duração de 1'49". Representação do tempo presente.	Ambiente universitário.	Formalidade e seriedade.
Stand-up 2	Repórter Júlia Schultz.	Duração de 39". Representação do tempo presente.	Ambiente universitário.	Imparcialidade com caráter informacional.
Nota Pelada	Apresentador João Paulo Fernandes.	Duração de 15". Representação no tempo futuro.	Estúdio do TJ UFSC.	Imparcialidade e seriedade.

Fonte: a autora, 2018.

Quadro 08 - Quadro sintático TJ UFSC edição 786

	<b>Actorialização</b>	<b>Temporalização</b>	<b>Espacialização</b>	<b>Tonalização</b>
Nota	Apresentadora Lais Godinho.	Duração 1'. Representação do tempo presente.	Estúdio do TJ.	Seriedade.
Reportagem	Repórter Felipe Sales e os entrevistados: Luis Carlos Cancellier (reitor), Mônica Becker (produtora cultural), Sassá Moretti (coordenadora), Zélia Sabino (coord. executiva).	Duração de 3'. Representação no tempo presente.	Teatro da UFSC.	Descontração e entusiasmo.
Quadro de Esporte	Apresentadora Lais Godinho e o comentarista Gabriel Gentile.	Duração de 2'10". Representação do tempo presente.	Estúdio do TJ.	Descontração e entusiasmo.

Fonte: a autora, 2018.

## TJ UFSC 27 e 786

A representação das pautas do TJ são, na maioria, factuais e encontram-se no tempo presente. O tempo médio das produções é, em geral, mais curto, já que são priorizados conteúdos trazidos por stand-ups e notas. Além disso, o tempo geral das edições analisadas são maiores nos programas mais atuais e menores nos mais antigos. Esse fato refere-se ao crescimento do projeto, com o acesso a equipamentos mais adequados e modernos e ao aumento do número de estudantes envolvidos nas produções.

O TJ se caracteriza principalmente pela recorrência de *stand-ups* e notas, com a presença do repórter, na maioria dos casos. Em relação à actorialização, a representação é feita através de entrevistas com autoridades/ especialistas, e com a passagem dos repórteres. Essa incidência ocorre no *stand-up* sobre a greve das universidades federais e na reportagem do festival internacional de teatro de animação. Já nas demais notas e *stand-ups* a presença do repórter, apresentador ou comentarista, como ator é única.

O ambiente acadêmico está presente como referência de especialização em diversas pautas das edições analisadas, reforçando o compromisso universitário do programa, como pode ser identificado nos *stand-ups* sobre a greve das universidades federais, no seminário de produção científica da Guerra do Contestado e nas produções divulgadas no estúdio do programa.

Os valores tonais de formalidade e descontração se alternam, justificando o compromisso do projeto que atua, primeiramente, como um laboratório experimental de telejornalismo com exibição diária e em segundo, na busca pela atração de uma audiência universitária, inserida no contexto das mídias digitais;

### 7.3 ÊNFASE NA DELIMITAÇÃO CONCEITUAL PROPOSTA

O percurso empreendido nesta tese propicia a análise dos elementos constitutivos dos textos veiculados nos programas Pampa News e TJ UFSC e o reconhecimento de diferentes estratégias adotadas. Portanto, a busca pelas regularidades das produções estudadas com base na teoria semiótica permite a

definição de uma gramática dessa produção, que define a forma de existência e o modo de funcionamento.

Nessa busca, é necessário a retomada da sobreposição das mídias e suas transformações tecnológicas, aplicadas ao presente estudo, quando as experimentações em rede são avaliadas com uma identidade particular. Assim, recorre-se ao surgimento e sobreposição das mídias tradicionais, rádio e televisão, fruto de adaptações e transformações, mas acima de tudo de novas experiências e resultados particulares. O mesmo acontece com a web, em que a apropriação de características específicas dos espaços onde o jornalismo audiovisual é disponibilizado, amplia as formas de veiculação dessas produções.

Diante desta perspectiva, acredita-se como fundamental, o empenho em firmar limites conceituais, mesmo reconhecendo que não existe ainda a consolidação de um modelo, visto o impasse que a produção telejornalística enfrenta atualmente para manter a especificidade do modelo tradicional, ou para consentir que a web traga recursos capazes de conferir outras configurações.

O desenvolvimento conceitual da presente tese trouxe a convergência entre a atividade jornalística, a dinâmica audiovisual, o processo web e a realidade universitária, com destaque para a atividade experimental que ainda não recebeu uma definição consensual entre os pesquisadores, mas que aqui, adquiriu o posicionamento necessário, que leva em consideração as frequentes transformações tecnológicas e a constante reflexão sobre os processos midiáticos. A nomenclatura webtelejornalismo adotada, imprime a forma de existência e o modo de funcionamento das produções analisadas, através da definição de uma gramática baseada na teoria semiótica.

O webtelejornalismo universitário, ao atravessar o universo midiático, apresenta-se como uma instância complexa, que compreende níveis abstratos e concretos através de ações e textos. A atuação permite que ocorra a expansão dos conteúdos em diversas plataformas, e a partir dessas estratégias ocorrem as manifestações, que são os textos. Assim, a escolha da nomenclatura leva em consideração, primeiramente, a definição de que o webtelejornal é um cibermeio com um passado eletrônico (SOUZA, 2013) e em segundo, o entendimento de que essa produção constitui uma atividade diferenciada que convoca elementos constitutivos da web e prevê o envolvimento do público, que passa de um estágio contemplativo para o efetivo processo interativo. Além disso, o conceito escolhido

reforça aspectos de interatividade, hipertextualidade, atualização contínua, personalização, memória e multimídia.

O percurso desenvolvido nesta tese exigiu a delimitação clara dos conceitos e o consequente posicionamento, visto a necessidade do fortalecimento dos estudos que envolvem o telejornalismo diante da era da convergência com a web, evidenciando novas formas de produção e recepção, vinculadas à portabilidade e à interatividade digital.

Diante do aumento do uso dos meios digitais, os produtos televisivos buscam adaptar-se à audiência diversificada e qualificada, recorrendo a práticas que indicam a convergência de conteúdos e envolvem outras plataformas embasadas na web e dispositivos móveis. Nessa perspectiva, está também o telejornalismo universitário, pois a necessidade de acompanhar as demandas culturais e tecnológicas torna-se determinante para que ocorra um ensino qualificado nesta área.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os caminhos escolhidos e trilhados indiquem, em algum momento, uma eventual finalização, isso não significa o término absoluto, pois, em um processo de pesquisa essa trajetória encaminha a mais descobertas, aprendizagem e amadurecimento. Por esse motivo é muito difícil encerrar o ciclo e decidir pelo ponto final.

O percurso realizado nesta tese permitiu o entendimento mais profundo e crítico do jornalismo audiovisual praticado na tv, na web e no meio universitário, com base em conhecimento teórico que envolve a semiótica discursiva.

Relativamente à semiótica greimasiana a investigação exigiu muita disciplina para fazer, desfazer e tentar novamente, até conquistar o domínio razoável dos conceitos e entender como devem ser aplicados nos objetos escolhidos e de que forma podem auxiliar no entendimento do objeto de estudo proposto. Todos esses movimentos que constituem a teoria e interagem com o objeto fazem parte do processo de aprendizagem do pesquisador.

A compreensão da semiótica de inspiração europeia e a amplitude dela oferecida pelos teóricos que seguiram os ensinamentos greimasianos, em especial aos que dispensaram atenção à aplicação da teoria aos produtos televisuais, integram a constituição desse importante processo teórico. A partir disso, o trabalho dedicou-se às investigações referentes ao processo de produção dos webtelejornais universitários e suas relações com o entorno, com os textos que lhe servem de modelo, e com os textos que ele recupera.

A proposição inicial desta tese consistiu na análise de webtelejornais para compreender a configuração estratégica que assumem essas produções discursivas no espaço midiático. Para isso, foram analisadas, sob o viés da semiótica discursiva, quatro edições de dois programas jornalísticos audiovisuais veiculados na web.

A disponibilização de canais televisivos para universidades é cada vez menor, devido, principalmente, ao alto custo de implantação e a migração constante dos telespectadores para outras telas, como *tablets* e *smartphones*. As produções jornalísticas audiovisuais universitárias estão se apropriando do espaço digital, por este permitir o acesso e divulgação de forma simples e sem custos. Os conteúdos universitários que ficavam restritos ao espaço acadêmico, ganharam visibilidade

mundial e isso traz mais reflexões e preocupações. Na universidade busca-se o processo de ensino-aprendizagem qualificado e responsável, portanto, o desenvolvimento ao pensamento crítico e a sincronia entre teoria e prática específica precisam ser levados em consideração sempre.

Além disso, diante das observações e estudos realizados sobre a relação existente entre universidade, telejornalismo e web, percebeu-se que a experimentação de novos formatos através das práticas oportunizadas pelos webtelejornais universitários, aproximam os estudantes do mercado de trabalho. Este trabalho realizado em algumas universidades, independente de suas condições, é uma forma de contribuir para a qualificação do processo de ensino-aprendizagem e para o desenvolvimento dos futuros profissionais na área.

O ensino de telejornalismo integrado à web aproxima os novos recursos tecnológicos e as mudanças da televisão às dinâmicas do processo educacional. O Pampa News e o TJ UFSC tentam trilhar este caminho, propondo uma alternativa às redes de emissoras tradicionais, através da inserção dos estudantes, tanto na produção quanto na audiência, reforçando a importância do conteúdo educativo, tão esquecido ou mal produzido por este meio.

Alternativas como estas, desenvolvidas tanto na Universidade Federal do Pampa, quanto na Universidade Federal de Santa Catarina, têm necessidade de apoio institucional e também incentivo governamental.

Para essa construção foi necessário, de início, o mapeamento de universidades brasileiras que se utilizam do espaço digital para veiculação de conteúdo jornalístico audiovisual, reconhecendo o pioneirismo desta prática, com a UERJ e as condições estruturantes das instituições.

O passo seguinte diz respeito a escolha da base teórico-metodológica dessa investigação estruturada de acordo com as propostas greimasianas e os alargamentos trazidos por seus seguidores, o que permitiu um entendimento do contexto de produção e veiculação das produções universitárias, envolvidas em relações internas e externas. Essa escolha exigiu a compreensão do objeto de estudo no nível da sua textualidade identificando relações sintagmáticas e paradigmáticas que os webtelejornais assumem, além da identificação de categorias discursivas presentes nas produções universitárias na web. Esse encaminhamento permitiu a escolha de duas universidades que integram a Rede Nacional de

Telejornais Universitários: Unipampa e UFSC e que produzem com seus alunos os programas Pampa News e TJ UFSC.

Um dos aspectos significativos dos dois programas foi o reconhecimento das principais estratégias que os aproximam e os distinguem. A primeira delas é a periodicidade, enquanto o PN é produzido semanalmente, o TJ tem produção diária na web e no canal de TV da universidade. Essa condição acaba regendo o perfil das pautas, os tempos de duração, a equipe de trabalho. Aliás, o contexto local de cada uma das instituições analisadas reitera essas condições de exibição semanal ou diária. São Borja está localizada no interior do RS e Florianópolis é capital do estado de Santa Catarina. Uma segunda estratégia diz respeito às políticas de inserção local, o Pampa News, produzido em uma cidade que não possui sucursal ou canal de televisão busca inserir-se na comunidade local. O TJ inserido em uma cidade que possui canais de televisão local e um canal dentro da própria instituição consegue manter uma exibição diária. Isso mostra a relevância dos dois projetos universitários, voltados à produção de um jornalismo comprometido, de caráter educativo, com cobertura de eventos importantes, não só da instituição, como também da cidade.

Além disso, e como questão primordial para a tese está a contribuição conceitual. O exame de produções telejornalísticas com dinâmicas audiovisuais veiculadas na web e realizadas no ambiente universitário possibilitou o reconhecimento de uma forma de produção, com existência e funcionamento específicos, que constitui a gramática dessa produção. Essa gramática, levando em conta, as especificidades examinadas permitiu que se encontrasse a definição adequada para esse tipo de produção. Assim, através dos conceitos teóricos, tecnológicos e metodológicos empregados, foi possível delimitar os programas Pampa News e TJ UFSC e defini-los como webtelejornais. Em síntese, webtelejornalismo representa as produções jornalísticas audiovisuais, originadas no passado eletrônico, com o acréscimo de elementos constitutivos da web.

As estratégias presentes nas edições dos programas representam a proximidade do público internauta com os elementos discursivos que identificam o Pampa News e o TJ UFSC, relacionados aos temas, figuras, tempos, espaços, atores e tons que retomam a narrativa e a exploração de seus valores. Assim, resume-se, as condições contextuais que envolvem os webtelejornais analisados, revelando estratégias de atuação, voltadas, principalmente, ao público universitário e local, consumidores das redes digitais.

Diante disso, ficam as contribuições de resultados significativos para as pesquisas em comunicação, especialmente no enriquecimento aos poucos estudos que envolvem o jornalismo audiovisual universitário na web e na proposição de uma gramática de produção com existência e funcionamento específicos.

## REFERÊNCIAS

ABTU. **A televisão universitária no Brasil:** Os Meios de Comunicação nas Instituições Universitárias da América Latina e Caribe. 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001399/139903por.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

ALBAN, R.; BARBOSA, S. Convergência Jornalística e Uso das Bases de Dados no Trabalho Jornalístico: Estudo do Caso Correio. *In:* SIMPÓSIO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS E SOCIABILIDADE. PRÁTICAS INTERACIONAIS EM REDE, 2012, Salvador. **Anais...**2012, p. 1-15.

ALEXANDRE, T B. **Telemobile:** indicativos para um modelo de telejornal para dispositivos móveis. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p.205, 2016.

AMARAL, N. M. Televisão e Telejornalismo: modelos virtuais. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXX, 2007, Santos/SP. **Anais...**Santos: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007, p. 1-14.

\_\_\_\_\_. **Televisão e telejornalismo:** do analógico ao virtual. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

ANDERSON, C. **A Cauda Longa:** do mercado de massa para o mercado de nicho. Tradução Afonso Celso da Cunha Serra. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

ARONCHI DE SOUZA, J. C. **Gêneros e formatos na televisão brasileira.** São Paulo: Summus, 2004.

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. de. **Manual de Telejornalismo:** Os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARBOSA, S. Jornalismo convergente e *continuum* multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. *In:* CANAVILHAS, J. **Notícias em mobilidade:** Jornalismo na era dos dispositivos móveis. Covilhã: UBI, Labcom, 2013.

\_\_\_\_\_. Modelo JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração. *In:* **Congreso Internacional de Periodismo en la red**, 3. Madrid: Facultad de Periodismo da Universidad Complutense de Madrid, 2008.

\_\_\_\_\_. Bancos de Dados: Agentes para um Webjornalismo Inteligente? *In:* Congreso Iberoamericano de Periodismo en Internet, V, 2004, Salvador/Bahia. **Anais...** Salvador/Bahia: FACOM/UFBA, p. 1-15. 2004a.

BARBOSA, S. Identificando remediações e rupturas no uso de bancos de dados no jornalismo digital. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM

JORNALISMO, 2º, Salvador/BA, 2004b. **Anais...** Salvador, Bahia: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2004b.

\_\_\_\_\_. Bancos de Dados: Agentes para um Webjornalismo Inteligente? Salvador. *In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PERIODISMO EN INTERNET*, v, Salvador, BA, 2004. **Anais...** Salvador, Bahia: Agecom. B, 2004c.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Digital e Informação de Proximidade: o caso dos portais regionais, com estudo de caso sobre o UAI e o iBAHIA.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 294. 2002.

BARBOSA, S.; NORMANDE, N.; ALMEIDA, Y. Produção Horizontal e Narrativas Verticais: novos padrões para as narrativas jornalísticas. *In: ENCONTRO ANUAL DA COMPOS*, XXIII, 2014, Pará. **Anais...** Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação: Universidade Federal do Pará. De 27 a 30 de maio de 2014.

BARDOEL, J.; DEUZE, M. Network Journalism: converging competence of old and new media professionals and professionalism. *In: Australian Journalism Review*, 23 (2), p. 91-103, 2001. Disponível em: <<https://scholarworks.iu.edu/dspace/bitstream/handle/2022/3201/BardoelDeuze%20NetworkJournalism%202001.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

BARROS, D. L. P. de. Uma Reflexão Semiótica sobre a “Exterioridade” Discursiva. **Alfa**, São Paulo, 53 (2): 351-364, 2009.

BASTOS, H. **Jornalismo Eletrônico: Internet e Reconfiguração de Práticas nas Redações.** Coimbra: Minerva, 2000.

BECKER, B. Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Ano VI, n. 2 pp. 95 - 111 jul./dez. 2009.

BELOCHIO, V. de C. **Jornalismo em Contexto de Convergência: implicações da distribuição multiplataforma na ampliação dos contratos de comunicação dos dispositivos de Zero Hora.** Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 314, 2012.

BRASIL, A. C. **Por uma história do telejornalismo na Internet: Dez anos da TV UERJ online.** Guarapuava, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/idyFqS>> Acesso em: 23 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. **Telejornalismo, internet e guerrilha tecnológica.** Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002.

BRASIL, A.; ARNT, H. (Orgs.). Telejornalismo on-line em debate. *In*: SEMINÁRIO DE TELEJORNALISMO ON-LINE, 1º, 2002, Rio de Janeiro. **Anais...**Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002, p. 76.

BRASIL, A.; EMERIM, C. Rede Nacional de Telejornais Universitários: Uma Proposta para a Internet. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXV, 2012, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, Ceará: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012, p. 1-15.

BRASIL, A.; EMERIM, C. Por um modelo de análise para os telejornais universitários. *In*: Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos, 2011, Salvador, BA. **Anais...** Salvador, Bahia: Grupo de Pesquisa Análise de Telejornalismo, 2011, p. 1-16. Disponível em: [http://analisedetelejornalismo.files.wordpress.com/2011/08/brasil\\_emerim.pdf](http://analisedetelejornalismo.files.wordpress.com/2011/08/brasil_emerim.pdf). Acesso em: 06 fev. 2014.

BRASIL. Lei nº 12.485, de 12 de setembro de 2011. 2011. **Dispõe sobre a comunicação audiovisual de acesso condicionado; altera a Medida Provisória nº 2.228-1, de 6 de setembro de 2001, e as Leis nºs 11.437, de 28 de dezembro de 2006, 5.070, de 7 de julho de 1966, 8.977, de 6 de janeiro de 1995, e 9.472, de 16 de julho de 1997; e dá outras providências**, Brasília, DF, set. 2011. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Lei/L12485.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12485.htm)>. Acesso em: 15 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. LEI Nº 8.977, DE 6 DE JANEIRO DE 1995. **Dispõe sobre o serviço de TV a cabo e dá outras providências**, Brasília, DF, jan. 1995. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8977.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8977.htm)>. Acesso em: 15 jan. 2017.

BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Contextos de Henry Jenkins e John Hartley ; tradução Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CANAVILHAS, J. M. M. Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança. **Comunicação e Sociedade**, v.9, n.10, p.113, 2012.

\_\_\_\_\_. Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web, *In*: Informação e Comunicação Online: Jornalismo Online, 63-73. Covilhã: Livros Labcom, 2003.

CARRAVETTA, L. M. C. **Construindo o telejornal**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.

CASTELLS, M. Internet e sociedade em rede. *In*: MORAES, D. (Org.) **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CASTRO, M. L. D. de. Televisão e publicidade: ações convergentes. **E-COMPÓS**, v. 4, n. 11, dez., 2005.

\_\_\_\_\_. Do gênero ao formato promocional televisual. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, M. L. D. de (Orgs). **Comunicação audiovisual: gêneros e formatos**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

COSTA, L. Telejornalismo e Internet: Em busca de um conceito. In: LONGHI, R.; PAULINO, R. (Orgs.). **Gêneros e Formatos no Ciberjornalismo: Estudos e Práticas**. Florianópolis: Insular, 2016.

COURTÉS, J. As aquisições e projectos. In: COURTÉS, J. **Introdução à semiótica narrativa e discursiva**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

DIAS, S. **WebTV: Análise e Melhores Práticas em OCS Nacionais e Internacionais**. Trabalho de Projecto (Mestrado em Novos Media e Práticas Web) – Faculdade de Ciências sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, p. 80, 2010.

DUARTE, E. B. Reflexões sobre os gêneros e formatos televisivos. In: DUARTE, E. B.; CASTRO, M. L. D. de (Orgs.). **Televisão: Entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

DUARTE, E. B. Como caracterizar qualidade em relação à produção da Rede Globo de Televisão. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, V. 10, n. 2, Jul./ Dez., 2013, p. 326-339.

\_\_\_\_\_. Televisão: desafios teórico-metodológicos. In: BRAGA, J. L.; LOPES, M. I. V. de; MARTINO, L. C. (Orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação** (Livro Compós 2010). São Paulo: Paulus, 2010, p. 227-248.

\_\_\_\_\_. **Televisão: ensaios metodológicos**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

DUARTE, E. B.; CASTRO, M. L. D. de. Produção midiática: o ir e vir entre teoria, metodologia e análise. In: BARICHELLO, E. M. M. R; RUBLESCKI, A. S. **Pesquisa em comunicação: olhares e abordagens**. Santa Maria: FACOS, 2014a, p.67-87.

\_\_\_\_\_. **Da teoria à aplicação: detalhamento metodológico** (material didático PPGCOM/UFSM). Porto Alegre: 2014b.

EDO, C. El lenguaje periodístico en la red: del texto al hipertexto y del multimedia al hipermedia. **Estudios sobre el mensaje periodístico**, n. 7, p. 79, 2001.

EMERIM, C. **TJ UFSC: A experiência de uma escola de telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2018.

\_\_\_\_\_. Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 14, n. 2, p. 113-126, 2017.

\_\_\_\_\_. Telejornalismo e Semiótica Discursiva. In: VIZEU, A. et al. (Org.). **Telejornalismo em questão**. Coleção Jornalismo Audiovisual. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

EMERIM, C. **A produção do telejornal**: da tevê aberta para a web. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <[http://sbpior.kamotini.kinghost.net/sbpior/admjor/arquivos/9encontro/CL\\_32.pdf](http://sbpior.kamotini.kinghost.net/sbpior/admjor/arquivos/9encontro/CL_32.pdf)> Acesso em: 01 fev. 2014.

EMERIM, C; BRASIL, A. Hipersegmentação: pensando o conceito de telejornal na convergência. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 11ª, 2013, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, Universidade de Brasília, 2013.

EMERIM; C.; FINGER, C.; CAVENAGHI, B. Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 13, 2015, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Campo Grande: SBPJor, Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2015. Disponível em: < <http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4593/1100> >. Acesso em: 15 jun. 2017.

FABBRI, Paolo. **El giro semiótico**: las concepciones del signo a lo largo de su historia. Barcelona: Gedisa, 1999.

FEATHERSTONE, M. Localismo, globalismo e identidade cultural. **Sociedade e Estado**. Brasília, UnB, v. XI, n.1, jan-jun, 1996, pp. 9-42.

FEITOSA, D. F.; BAIRON, S. A televisão e sua expansão no âmbito da convergência. **Revista Geminis**, v. 1, p. 224-251, 2015.

FERNANDES, N. R. As webtelevisões em Portugal: Um Retrato. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Departamento de Comunicação e Artes, Universidade da Beira Interior. Covilhã, p. 91, 2008.

FIORIN, J. L. (Org.). **Linguística? Que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2013.

\_\_\_\_\_. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2000.

FONSECA, A. dos A. Convergência e inovação jornalística em revistas para tablets: uma proposta de categorias de análise. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO, 6º, 2015, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande/MS: UFMS, 2015.

FONTANILLE, J. **Significação e visualidade**: exercícios práticos. Porto Alegre: Sulina, 2005.

GOMES, I.; MENEZES, M. O pacto sobre o papel do jornalismo nos quatro telejornais diários da TV Globo. **Animus**. V.13, p.1-20, abril 2008.

GUARESCHI, P. A. Mídia e Democracia: O Quarto versus o Quinto Poder. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 6-25, jul.-dez. 2007.

GREIMAS, A. J. As aquisições e os projectos (prefácio). In: COURTÉS, J. **Introdução à semiótica narrativa e discursiva**. Coimbra: Almedina, 1979.

- \_\_\_\_\_. **Sobre os sentidos**: ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975.
- \_\_\_\_\_. A propósito do jogo. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, número 27, p.119-123, jul/dez, 1998.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- GUSMÃO, L. **O fetichismo do conceito**: limites do conhecimento teórico na investigação social. Rio de Janeiro, Topbooks, 2012.
- HÉNAULT, A. **História concisa da semiótica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- HERREROS, M. C. Dimensión audiovisual del idioma. **Revista Latina de Comunicación Social**, v. 3, n. 26, 2000.
- JENKINS, H. **A cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- JOHNSON, S. **Cultura da interface**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- JOST, F. **Compreender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Edição 34, 1999.
- \_\_\_\_\_. **A Inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 2. ed., São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- \_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência**. Ed. 34. 1993.
- LOPES, D. F. **Jornal-laboratório**: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.
- LOPEZ, D. C. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 299, 2009.

MAIA, A. C. da S. O telejornalismo no Brasil na atualidade: em busca do telespectador. *In*: Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos, 2011, Salvador. **Anais...** Salvador, 2011.

MARTIN-BARBERO, J. Globalização comunicacional e transformação cultural. *In*: MORAES, D. (Org.) **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

MATTOS, S. **História da televisão brasileira**: uma visão social, econômica e política. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

MCLUHAN, M. **A galáxia de gutenberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na web**: Uma Contribuição para o Estudo do Formato da Notícia na Escrita Hipertextual. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporânea) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 246, 2003.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2002.

NOGUEIRA, L. **O webjornalismo audiovisual**: uma análise de notícias no UOL News e na TVUERJ *on-line*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 224, 2005.

NUNES, A. C. B. Jornalismo digital de quinta geração: as publicações para tablets em diálogo com o desenvolvimento da web. **ALCEU**, v. 17, n.33, p. 19 a 39 - jul./dez. 2016.

O'REILLY, T. **What is Web 2.0**: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. O'Reilly Publishing, 2005.

ORIHUELA, J. L. Sociedad de la información y nuevos medios de comunicación pública: claves para el debate. **Nueva Revista**, v. 70, p. 44-50, 2000.

PALACIOS. M. **O que há de (realmente) novo no Jornalismo Online?** Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FACOM/UFBA, Salvador, Bahia, em 21.09.1999.

PALACIOS, M.; CUNHA, R. A taticidade em dispositivos móveis: primeiras reflexões e ensaio de tipologia para uma característica agregada ao ciberjornalismo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10º, 2012, Curitiba, **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2012.

PATERNOSTRO, V. Í. **O Texto na TV**: Manual de Telejornalismo. Campus, 1999.

\_\_\_\_\_. **O texto na TV**: Manual de telejornalismo. 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PAVLIK, J. TV on the Internet: Dawn of a New Era? **Television Quarterly**, Volume 30, Número 3, p. 31-47, Winter 2000. Disponível em <<https://eltallerin.files.wordpress.com/2010/01/tv-on-internet-dawn-of-a-new-era.pdf>> Acesso em 24 fev. 2017.

PORCELLO, F. A. C. **TV universitária: limites e possibilidades**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

RAMALHO, A. **Mapa da TV universitária brasileira: versão 3.0**. Viçosa: Anadarco Comunicação, 2011. Disponível em: <<http://www.abtu.org.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Mapa-da-TV-Universitaria-Brasileira.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REZENDE, G. J. de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RIBAS, B. M. **A Narrativa Webjornalística: Um estudo sobre modelos de composição no ciberespaço**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p.194, 2005.

ROCHA, J. M. O Local e o Global: Conceitos e Tendências do Ciberjornalismo Regional de Dourados. **Comunicação & Mercado/UNIGRAN** - Dourados - MS, vol. 03, n. 08, p. 04-15, jul-dez, 2014.

RODRIGUES, A. A. Jornalismo e educomunicação: a produção de narrativas multimídia no ensino-aprendizagem. **Mediação**, Belo Horizonte, v.15, n.17, 2013.

ROMANÍ, C. C.; KUKLINSKI, H. P. **Planeta Web 2.0. Inteligencia colectiva o medios fast food**. Grup de Recerca d'Interaccions Digitals, Universitat de Vic. Flacso México. Barcelona / México DF, 2007.

ROOS, R.; NEGRINI, M.; BELOCHIO, V. Jornalismo Audiovisual na Web: perspectivas e reflexões. *In*: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 16º, São Paulo, 2018. **Anais...** São Paulo: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi – São Paulo – Novembro de 2018.

SALAVERRÍA, R. Estructura de la convergencia. *En*: LÓPEZ, X.; PEREIRA, X. (Eds.). **Convergencia digital: Reconfiguración de los medios de comunicación en España**. Santiago de Compostela: Servicio Editorial de la Universidad de Santiago de Compostela, pp. 27-40, 2010.

\_\_\_\_\_. **Redación periodística en internet**. Barcelona: EUNSA, 2005.

SALAVERRÍA, R.; NEGREDO, S. **Periodismo integrado: convergencia de medios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Editorial Sol90 Media, 2008.

SALIBA, R. **A Construção do Jornalismo audiovisual na web: Um olhar sobre o New York Times e o BuzzFeed.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, p. 127, 2016.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2008.

SCOLARI, C. Hacer Clic. **Hacia una sociosemiótica de las interacciones digitales.** Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.

SECCHIN, V. **Análise dos Jornais da Globo.** 2007. Disponível em: < [http://www.com.ufv.br/pdfs/tccs/2007/2007\\_vitorsecchin\\_analisejornaisdaglobo.pdf](http://www.com.ufv.br/pdfs/tccs/2007/2007_vitorsecchin_analisejornaisdaglobo.pdf). >. Acesso em: 15 set. 2016.

SODRÉ, M. O globalismo como barbárie. *In:* MORAES, D. (Org.) **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**, 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SOUZA, M. L. R. C. de A. e. **Webtelejornalismo: telejornalismo na web.** Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade de Brasília. p. 303, 2013.

\_\_\_\_\_. **Webtelejornalismo: o diálogo entre televisão e web a partir do telejornalismo no Brasil.** São Paulo, 2011. Disponível <<http://confibercom.org/anais2011/pdf/275.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2015.

TEIXEIRA, J. **Webjornalismo audiovisual universitário no Brasil: um estudo dos casos TV UVA, TV UERJ E TV UFRJ.** Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 465, 2011.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 2004.

**UNIPAMPA** – Universidade Federal do Pampa. Universidade. 2016. Disponível em: < <http://novoportal.unipampa.edu.br/novoportal/universidade> >. Acesso em: 07 maio 2016.

**UFSC** - Universidade Federal de Santa Catarina. Estrutura. 2017. Disponível em: < <http://estrutura.ufsc.br> >. Acesso em: 10 jun. 2017.

YORKE, I. **Telejornalismo.** 4. ed. São Paulo: Roca, 2006.

## **ANEXO A**

- DVD com a gravação da Edição 51 do Pampa News, referente à primeira análise realizada neste trabalho.